

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM GESTÃO INTEGRADA DO
TERRITÓRIO

BULLYING: UM FENÔMENO NO TERRITÓRIO UNIVERSITÁRIO

THATIANE DE ALMEIDA CARVALHAIS

Governador Valadares - MG
2018

THATIANE DE ALMEIDA CARVALHAIS

BULLYING: UM FENÔMENO NO TERRITÓRIO UNIVERSITÁRIO

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suely Maria Rodrigues

C331b

CARVALHAIS, Thatiane de Almeida

Bullying : um fenômeno no território universitário / Thatiane de Almeida
Carvalhais.UNIVALE. Mestrado em Gestão Integrada do Território, 2018.

114 f. : il; color, graf.; 30 cm

Dissertação Mestrado em Gestão Integrada de Território. UNIVALE –
Universidade do Vale do Rio Doce, 2018.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Suely Maria Rodrigues.

1. Bullying. 2. Ensino superior. 3. Discriminação no ensino superior. I, Título.

CDD-711.4



UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

THATIANE DE ALMEIDA CARVALHAIS

“Bullying: um fenômeno no território universitário”

Dissertação aprovada em 31 de agosto de 2018,
pela banca examinadora com a seguinte
composição:

Prof.ª Dr.ª Suely Maria Rodrigues
Orientadora – Universidade Vale do Rio Doce

Prof. Dr. Leonardo Oliveira Leão e Silva
Examinador – Universidade Vale do Rio Doce

Prof. Dr. Carlos Alberto Dias
Examinador – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Dedico este trabalho especialmente aos meus pais,
que são a razão da minha vida;
Ao Guilherme, meu grande amor;
À Dona Eunice, Mariana e Laurinha, em
homenagem à inesquecível e querida Maria Cecília.

E a todos os estudantes universitários que já
vivenciaram essa covardia denominada *Bullying*.
Essa pesquisa é minha pequena contribuição para
que vocês saibam que não estão sozinhos!
Essa luta é nossa!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Pinto Diniz (*in memorian*) - minha primeira orientadora neste mestrado - Eterna saudade e gratidão por ter me escolhido para ser sua orientanda, ter sonhado e idealizado este projeto ao meu lado, pela convivência, amizade, ensinamentos e tanta dedicação;

À Prof.^a Dr.^a Suely Maria Rodrigues, que no momento mais doloroso dessa minha trajetória, aceitou a difícil missão de dar continuidade a esta pesquisa. Muito obrigada por ter sido minha bússola quando eu me vi tão perdida e sozinha, por ter caminhado ao meu lado me ensinando a seguir em frente, e, principalmente, por nunca ter desistido de mim.

Foi uma honra ter sido orientada por vocês!

Nós conseguimos!!!

AGRADECIMENTOS

O maior agradecimento é para o meu Cristo, meu Salvador e Mestre! À minha Nossa Senhora Aparecida, meu São Pedro querido e ao meu Anjo da Guarda, por sempre estarem ao meu lado! À minha mãezinha e ao meu Paizinho (in memorian)! O título do mestrado está no meu nome, mas os verdadeiros mestres são vocês! À minha irmã Léia, ao Vandi e minha princesa sobrinha Thaís, por tanto amor! Ao Danilinho, Brendinha e Juninho, meus “mestres cãopanheirinhos”!

Ao Guilherme, por fazer a diferença na minha vida! Obrigada por tudo! Você é o dono do território do meu coração! Nossos sonhos estão apenas começando! Te amo demais!

Aos “Almeida” e aos “Carvalhais”! Aos “priminhos”, ao Dute, meu filho do coração, a todos meus afilhados(as), à pequenina Alice e à minha doce sobrinha Dudinha! Amo todos vocês!

A todos meus amigos(as), especialmente à Simone, Laura Anne e Juliana, amigas sempre presentes! Ao Dr. Francis Moreira, por ter salvado minha vida! E aos colegas de trabalho da Justiça Federal da Subseção de Governador Valadares/MG, especialmente aos amigos da 1ª Vara! Muito obrigada por todo apoio!

À Fundação Percival Farquhar e à UNIVALE! Aos funcionários do GIT, da Biblioteca e também ao Miltoninho, da cantina, pela camaradagem em dias tão difíceis! A todos os professores da graduação e do mestrado, em especial a João Carlos Martinelli, Marco Antonio Chequer, Elton Chiaradia, Bispo Filho e Eunice Nonato, pelos ensinamentos que foram além dos livros! Aos meus colegas de turma do GIT, e aos universitários participantes desse estudo, pelas preciosas contribuições! Aos professores Dr. Carlos Alberto Dias e Dr. Leonardo Leão, por me darem a honra de participarem da minha banca. Ao Dimas Lopes e Valmir Guimarães, que muito colaboraram nas revisões técnicas e linguísticas. Thank you very much! ¡Muchas gracias!

E por fim, meu agradecimento ao GALO, por uma das maiores lições que aprendi na vida, o “EU ACREDITO”! Eu acreditei, mesmo quando tudo parecia impossível, e assim consegui reagir, lutar e alcançar essa vitória! Mas isso só foi possível pela graça de Deus e por Ele ter colocado pessoas tão especiais na minha vida!

Sem mais delongas, dizer “obrigada por tudo”, não bastaria!

*“A minha escola não tem personagem,
a minha escola tem gente de verdade!
Alguém falou do fim do mundo,
o fim do mundo já passou.
Vamos começar de novo,
um por todos e todos por um!”*

“VAMOS FAZER UM FILME”, canção de Renato Russo.

RESUMO

A violência é entendida como um fenômeno presente em qualquer tipo de sociedade, que se manifesta de diferentes formas e diversas características. No contexto escolar, revela-se se por meio de comportamentos distintos, com o componente da violência, em vários níveis. O *Bullying* é considerado uma especificidade de violência que pode se manifestar desde os anos iniciais até mesmo no ensino superior. O objetivo deste estudo foi identificar a percepção dos estudantes de uma universidade particular acerca do fenômeno *Bullying*. Trata-se de uma pesquisa observacional, descritiva e de corte transversal, com abordagem qualitativa. A amostra constituiu-se de 4 estudantes da área da Ciências da Saúde, 4 da área de Ciências Humanas e 4 da área de Ciências Exatas, perfazendo o total de 12 universitários da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, em Governador Valadares-MG, de idade entre 19 e 28 anos (média de 20,8 anos), do 2º ao 10º período, de 11 cursos. Para coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada a partir de um roteiro com 5 questões visando identificar a percepção dos estudantes acerca do fenômeno *Bullying* no território universitário em relação ao: Entendimento sobre o *Bullying*; Reconhecimento do Comportamento de *Bullying*; Identificação dos atores de *Bullying* no Território Universitário; Território Universitário Facilitador de *Bullying* e Ação de intervenção ao *Bullying*. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados pela técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Foram identificadas as seguintes categorias a partir das temáticas: Comportamento Agressivo; Desrespeito ao Sujeito; Preconceito; Reconhecendo o comportamento; Não reconhecendo o comportamento; Vítimas; Agressores; Território Universitário facilitador do *Bullying*; Território não facilitador; Desenvolvimento de ações de intervenção ao *Bullying*. Percebem o *Bullying* como comportamento agressivo enfatizando o desrespeito e preconceito, que são manifestados por meios físicos e verbais, de forma direta e indireta. Reconhecem que o *Bullying* ocorre de forma recorrente por meio das relações de poder existentes entre os próprios universitários. Identificam os atores participantes como vítimas e agressores. Consideram a universidade ser ambiente favorável ao *Bullying*, os estudantes indicaram que este dado ocorre devido ao perfil heterogêneo do território universitário. Relataram ocorrência de casos de *Bullying* entre alunos de todos os cursos, períodos e áreas distintas. E, por fim, indicaram possíveis ações e sugestões para a prevenção e combate do *Bullying*, bem como assistência e atendimento para vítimas e agressores. Pode-se concluir que as manifestações de *Bullying* estão presentes nas relações sociais da Universidade pesquisada. Os universitários percebem esse fenômeno como uma forma de comportamento agressivo entre pares, desrespeito ao sujeito e preconceito, caracterizado por uma combinação de formas de agressão verbal e física. Fica evidente o desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores. O desrespeito ao sujeito é visto como o não reconhecimento do outro, e “brincadeiras”, “zoações”, “gozações” e apelidos são algumas formas recorrentes de comportamentos usados, que não assumem sua forma agressiva, mas atingem a vítima causando constrangimentos. Como cada situação de *Bullying* requer intervenções diferenciadas, dependentes, das características das agressões, dos sujeitos envolvidos e do nível de gravidade, bem como da recorrência dos atos praticados. Espera-se, que a pesquisa contribua para que a voz das vítimas e agressores sejam ouvidas, e assim favoreçam ações preventivas e de controle.

Palavras-Chave: *Bullying*. Território. Universidade.

ABSTRACT

Violence is known as a phenomenon present in any type of society, manifested in different forms and with different characteristics. In the school context, it is revealed through different violent behaviors. *Bullying* therefore is a type of violence that can manifest itself from the early years and even in higher education. Regarding the identification and recognition of *Bullying* in the university, it is identified that there is still a small number of researches in this regard. Therefore, the objective of this study was to identify the perception of university students about the *Bullying* phenomenon. This is an observational, descriptive and cross-sectional study with a qualitative approach. The sample consisted of 04 students from the Health Sciences area, 04 from the Human Sciences area and 04 from the Exact Sciences area, making a total of 12 university students from the University of the Vale do Rio Doce - UNIVALE, in Governador Valadares-MG. To collect data, a semi structured interview was conducted based on a script with 05 questions aiming to identify the students' perception about the *Bullying* phenomenon in the university territory in relation to: Understanding about *Bullying*; Recognition of *Bullying* Behavior; Identification of the actors of *Bullying* in the University Territory; University Territory Facilitator of *Bullying* and Action of intervention to *Bullying*. The data obtained in the interviews were analyzed by the Bardin Content Analysis technique (2011). The following categories were identified from the following themes: Aggressive Behavior; Disrespect to the Subject; Preconception; Recognizing behavior; Not recognizing the behavior; Victims; Aggressors; University Territory as facilitator of *Bullying*; Non-facilitating territory; Development of intervention actions to *Bullying*. *Bullying* is perceived as an aggressive behavior that emphasizes disrespect and prejudice, which are manifested by physical and verbal means, both directly and indirectly. It is acknowledged that *Bullying* occurs in a recurring fashion through the power relations existing among the university students themselves. The actors involved were identified as Victims and/or Aggressors. Regarding the university being a favorable environment for *Bullying*, students indicated that this is due to the heterogeneous profile of the university territory due to the diversity of students. The students reported cases of *Bullying* that demonstrated their occurrence among students of different courses, periods, and areas. Finally, they indicated possible actions and ideas for the prevention and combat of *Bullying*, as well as assistance and care for victims and aggressors. Being able to Identify the students' perception of *Bullying* in the university allowed the knowledge of their specific characteristics to the context and the finding of their frequent occurrence through the relations of power in the university territory. Thus, this research contributes to the voice of the victims and aggressors, allowing them to be heard. This will allow for preventive measures, as well as programs to fight against this cowardly act of *Bullying*.

Keywords: *Bullying*. Territory. University.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 – Formas de agressão, expressão e comportamento de Bullying.....	25
Quadro 02 – Distribuição dos cursos de graduação e número de alunos regularmente matriculados no período da pesquisa.....	56
Tabela 1 – Descrição das temáticas e categorias resultantes da Análise de Conteúdo.....	xx

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à infância e adolescência

CFE – Conselho Federal de Educação

DOU – Diário Oficial da União

FPF – Fundação Percival Farquhar

OMS – Organização Mundial da Saúde

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PPI – Projeto Pedagógico Institucional

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

URJ – Universidade do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

WHO – World Health Organization

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	15
2. REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO <i>BULLYING</i>	17
2.1.1 Noções introdutórias sobre violência	17
2.1.1.1 A violência numa perspectiva escolar	17
2.1.2 Conceitos e entendimentos sobre <i>Bullying</i>	19
2.1.3 Caracterização e repercussões do comportamento de <i>Bullying</i>	21
2.1.4 Atores envolvidos no fenômeno <i>Bullying</i>	24
2.1.4.1 Agressor	25
2.1.4.2 Vítima	26
2.1.4.3 Expectador	28
2.1.5 Nem tudo é <i>Bullying</i>	29
2.1.5.1 Trote x <i>Bullying</i>	29
2.1.6 Pesquisas sobre <i>Bullying</i> no contexto universitário	31
2.2 <i>BULLYING</i> NUMA PERSPECTIVA TERRITORIAL	35
2.2.1 Aspectos conceituais do território	36
2.2.1.1 Algumas contribuições acerca das conceituações de território	38
2.2.2 O território universidade	43
2.2.2.1 Ensino Superior: conceito e missão	44
2.2.2.2 A universidade enquanto território	45
2.2.2.3 As relações de poder na universidade	47
3. OBJETIVOS	49
3.1 GERAL	49
3.2 ESPECÍFICOS	49
4. METODOLOGIA	50
4.1.1 Abordagem	50
4.1.2 Tipo de estudo	50
4.1.3 Universo de Estudo	51
4.1.4 Amostra	53
4.1.5 Critérios de Inclusão/Exclusão	53
4.1.6 Estudo Piloto	54
4.1.7 Aspectos Éticos	54
4.1.8 Coleta de Dados e etapas de realização da pesquisa	54
4.1.9 Análise dos dados	56
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	58

5.1 TEMÁTICA 01: Entendimento sobre o <i>Bullying</i>.....	60
5.2 TEMÁTICA 02: Reconhecendo o comportamento de <i>Bullying</i>.....	70
5.3 TEMÁTICA 03: Identificando os atores de <i>Bullying</i> no território universitário...	81
5.4 TEMÁTICA 04: Território universitário facilitador de <i>Bullying</i>	87
5.5 TEMÁTICA 05: Ação de intervenção ao <i>Bullying</i>.....	96
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	116
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE	117
ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	119

1. APRESENTAÇÃO

Esta dissertação apresenta a percepção de *Bullying* na vivência dos estudantes no território universitário. Abrange a linha de pesquisa: Território, Sociedade e Saúde, tendo como base os estudos territoriais, que proporcionam uma abordagem integradora/interdisciplinar sobre território.

A violência é existente em toda experiência humana, desde os tempos mais remotos. É considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002)¹ como um problema de saúde pública, pois seus efeitos e consequências são drásticos e alarmantes, e atingem diretamente a saúde, que compreendida pelo modelo biopsicossocial abrange o bem-estar físico, mental e social dos indivíduos. Seixas (2006) destaca que:

Deste modo, a saúde física (vivência física, corporal, de sintomas de incomodo, mal estar ou dor) e a saúde mental (sentimentos de bem-estar, capacidade para estabelecer relações, vínculos afetivos com os outros, adequados e harmoniosos, capacidade para tolerar a frustração e adaptar-se a situações sociais) assumem-se como duas áreas a considerar no domínio da saúde dos sujeitos. Estas, encontram-se intimamente ligadas não só ao corpo e mente do sujeito, como também, por influências externas, a todos os contextos nos quais este interage (SEIXAS, 2006, p. 17)

Estando presente em múltiplos setores da sociedade, a violência se apresenta de diferentes formas e tipos. Na tipologia violência coletiva, encontra-se a manifestação no âmbito escolar, que engloba condutas que vão desde comportamentos antissociais a ações criminosas, exigindo assim que se tenha atenção e cuidado para sua prevenção e combate (STELKO-PEREIRA, 2012). O *Bullying* é uma forma específica de violência que compreende comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, manifestada por diferentes atores e presente nos mais variados tipos de instituição escolar por todo mundo (KLEWIN, TILLMAN, WEINGART, 2001).

Por não contemplar somente uma idade ou fase específica da vida escolar dos estudantes, verifica-se que o *Bullying* também se faz presente na universidade (SILVA E MORGADO, 2011; MASCARENHAS, 2012). Mas para avaliar e intervir sobre este fenômeno é necessário conhecê-lo. Assim, estudos sobre o *Bullying* no território universitário possuem relevância para que se possa entender sua ocorrência, formas de manifestação e seus participantes e assim possa propor intervenções, estratégias e ações de combate.

¹ Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. Organização Mundial da Saúde – OMS. Disponível em: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>. Acessado em 17.08.2018.

Foucault (1979) identifica que o poder é um elemento presente em todas as relações. Assim, constata-se que a universidade vai além de simples espaço físico e é identificada como um território onde desenrolam-se múltiplas relações de poder, seja ele de fato ou simbólico, especialmente entre os próprios universitários. Portanto o entendimento do território e as relações que nele se manifestam são conceitos essenciais na discussão sobre o *Bullying* na universidade.

O foco desse estudo é sobre as percepções que universitários possuem a respeito do *Bullying*, o reconhecimento da caracterização comportamento dentro da universidade, a identificação dos atores participantes, assim como suas vivências e propostas de intervenção.

A dissertação está dividida a partir da Apresentação sobre o tema proposto em cinco capítulos. O primeiro trata da Revisão de Literatura que aborda noções introdutórias sobre violência e suas especificidades, a violência escolar e suas características, conceitos e entendimentos referenciados na literatura acerca do *Bullying*, identificação dos atores participantes e o apontamento de diferenciação do *Bullying* diante de outros comportamentos. Neste capítulo também está exposta a identificação do território, contribuições dos pesquisadores da área, a identificação e relação da universidade enquanto território e as relações de poder que nele ocorrem. Destaca-se que toda a pesquisa bibliográfica teve o objetivo de compreender os entendimentos dos pesquisadores do território e assim relacioná-los ao cenário universitário.

O segundo capítulo apresenta os Objetivos da pesquisa, geral e específico. Estes objetivos constituíram na finalidade desse trabalho, ou seja, a meta que se pretendeu alcançar com a realização da pesquisa. No terceiro capítulo aponta-se a Metodologia utilizada, e todo o procedimento descrito de forma detalhada, bem como os aspectos éticos observados.

No quarto capítulo destaca-se a apresentação dos Resultados alcançados, Discussões a respeito dos mesmo e as opiniões da pesquisadora sobre o assunto com explicações acerca das repercussões observadas, implicações, assim como suas contribuições a respeito. O quinto capítulo discorre as Considerações Finais, que apresenta uma síntese desta investigação delineando possíveis respostas às questões propostas nos objetivos deste estudo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO *BULLYING*

2.1.1 Noções introdutórias sobre violência

Inicialmente, ressalte-se que não é o objetivo dessa pesquisa explanar e debater sobre as definições e conceituações a respeito da violência e nem estender uma discussão sobre suas diversas ocorrências. Contudo, de acordo com Dahlberg e Krug (2006), é importante que toda análise sobre a violência se inicie por suas descrição e formas, de modo a facilitar seu entendimento e medição científica. Sobre a conceituação da violência, Abramovay (2005) diz que isto requer uma certa cautela, pois a violência é dinâmica e mutável e varia de acordo com momento histórico, a localidade, e o contexto cultural.

Etimologicamente, a palavra “violência” é oriunda do latim “*violentia*”, e seu significado remete a imposição ou opressão a pessoas por uso da força em qualquer forma, sentido ou natureza (ROSÁRIO, KYRILLOS NETO, MOREIRA, 2011). Segundo Guimarães (2004), o termo violência é abrangente, multifacetado e apresenta-se de forma diferenciada de acordo com a cultura, normas e valores de uma sociedade. A Organização Mundial da Saúde - OMS (2002), por sua vez, também apresenta um conceito geral de violência: “[...] uso intencional de força física ou poder, em forma de ameaça ou praticada, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que resulta ou tem uma grande possibilidade de ocasionar machucados, morte, consequências psicológicas negativas, mau desenvolvimento ou privação” (OMS,2002, p.5).

A violência não é um fenômeno novo na sociedade e apresenta-se de formas diversificadas e complexas estando presentes em vários ambientes. Provavelmente, ela sempre fez e fará parte da experiência humana, visto que não é algo passível de se analisar separadamente fora de um contexto, mas sim como um comportamento relacional. O impacto da violência pode ser amplamente analisado a partir de múltiplas dimensões. Embora seja difícil ter estimativas precisas sobre esse impacto, Dahlberg e Krug (2006) informam que anualmente, mais de um milhão de pessoas perdem suas vidas em decorrência da violência, sendo possivelmente uma das principais causas de morte de pessoas com a idade entre 15 e 44 anos.

2.1.1.1 A violência numa perspectiva escolar

A resolução 49.25 da World Health Organization (WHO, 1996), indica a violência como um problema de saúde pública. Assim, na Assembleia Mundial da Saúde (AMS, 1996), foram apresentadas tipologias da violência para diferenciar suas manifestações, e dividindo-as em três amplas categorias de acordo com suas características: violência autodirigida; interpessoal; e coletiva. Essas três categorias foram ainda subdivididas, a fim de melhor distinção de suas especificidades. Em síntese, a violência autodirigida abrange comportamentos suicidas e autoagressão. Já a violência interpessoal abarca violência no contexto familiar ou entre parceiros íntimos E, por fim, a categoria de violência coletiva compreende violência na comunidade entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem. Nesse caso, inclui violência da juventude, em instituições escolares, locais de trabalho, prisões e asilos.

A violência escolar aparece na categoria de violência coletiva e na literatura que abarca esse tema. Há uma dificuldade em se apontar um único significado para essa especificidade baseando-se no fato de que pode se expressar de múltiplas formas (STELKO-PEREIRA, 2012). No entanto, é muito importante o entendimento acerca dessa modalidade de violência para que não haja uma banalização a esse respeito, de tal forma que atos violentos passem a ser aceitos fazendo parte de um relacionamento normal entre os alunos: “A dificuldade de entendimento do que seja a violência pode se transformar em um entrave para a compreensão da situação que ocorre no espaço escolar. Se os alunos não entendem que está havendo uma situação de brigas, dificilmente mudarão suas condutas” (ARAÚJO, 2002, p. 44).

A configuração dos atos violentos é um aspecto interessante a ser apresentado em relação à significação da violência escolar:

Os atos violentos são únicos em si, pois cada um tem uma configuração em relação aos envolvidos, duração, motivos, espaço geográfico ocorrido, características das ações violentas, data e horário de ocorrência e desfecho. Contudo, quando determinados atos violentos tendem a ter características semelhantes, eles costumam ser agrupados em categorias específicas a fim de que obtenham destaque pelos pesquisadores, instituições escolares e sociedade. (STELKO PEREIRA & WILLIANS, 2011, p.51).

De forma mais ampla, a violência escolar é compreendida como um extenso fator que abrange diversificados domínios desde comportamentos antissocial, delinquência, vandalismo etc. O termo “violência escolar” aponta, por sua generalidade e ambiguidade, práticas de naturezas totalmente distintas. Batsche e Knoff (1994) indicam que violência escolar é o acontecimento

revelado por toda e qualquer condição ou atitude responsável pelo clima no qual professores e alunos se sentem amedrontados e isso inclui o *Bullying*.

Rolim (2008, p. 18) diz que o termo “violência escolar” é muito usado no Brasil para identificar diversos tipos de violência como agressões físicas, porte de armas de fogo, depredação escolar, dentre outros, mas sustenta que “[...]a expressão genérica termina, quase sempre, por impedir que o tema violência cotidiana representada por *Bullying*, que muitas vezes antecede e informa aquelas manifestações mais amplas da violência, seja percebido”.

2.1.2 Conceitos e entendimentos sobre *Bullying*

Neste estudo, inicialmente, será abordado o conceito de *Bullying* sistematizando o consenso internacional a respeito dessa especificidade de violência escolar com base na revisão de literatura, bem como suas manifestações e atores.

O *Bullying* “é uma palavra inglesa, uma forma de gerúndio, usada para definir um fenômeno, cujo autor é chamado de *Bully*” (OLIVEIRA, 2007, p.1). Em dicionários, a palavra refere-se a brigão, capanga, fanfarrão e valentão e relaciona-se aos verbos “provocar” e “intimidar” (YAZIGI, 2002). Na língua portuguesa, não há registros de tradução dessa palavra, que se reporta a um fenômeno ligado às várias ações maldosas que acontecem no espaço escolar (OLIVEIRA, 2007). Alves (2005, p. 22) diz que: “Fica o nome em inglês porque não se encontrou palavra em nossa língua que seja capaz de dizer o que o *Bullying* diz. *Bully* é o valentão: um menino que, por sua força e sua alma deformada pelo sadismo, tem o prazer em bater nos mais fracos e intimidá-los”.

Segundo Corigliano (2007):

Bullying é um termo de origem inglesa, sem tradução para o português utilizado para descrever atos de violência físicas ou psicológicas intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo, estudante (*bully*) ou grupo de indivíduos (estudantes) com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender. A palavra “*Bully*” significa “valentão”, o autor das agressões. A vítima, ou alvo é a que sofre os efeitos delas (CORIGLIANO, 2007, p.2).

Alguns países empregam expressões diferentes para nomear o comportamento de *Bullying*. Usam-se os termos *Prepotenza* ou *Bullismo*, na Itália; *Agressionen unter shulern*, na Alemanha; *Acoso y amenaza* na Espanha e *Maus tratos*, em Portugal (FANTE, 2005). Na França, existe a expressão *Harcèlement quotidien*, que inclui todas as diferentes formas de mau uso da força e todas as formas de violência na escola (CATINI, 2004). No Japão, o vocábulo *Ijime* se refere a

um tipo de comportamento agressivo pelo qual alguém se sustenta por uma posição dominante num processo de interação grupal (MORITA et al.,1999). As diversas expressões e suas respectivas definições agregam realidades estruturais próprias de cada sociedade e cultura. Todavia, de acordo com Lopes Neto (2005), o termo *Bullying* foi adotado universalmente diante da dificuldade de traduzi-lo para diversas línguas, assim, têm-se optado por manter este termo em sua expressão original.

Ao pretender conceituar o fenômeno *Bullying* é necessário considerar inicialmente a definição do fenômeno, a caracterização dos tipos de comportamento, seus atores e a diferenciação em relação a outras situações de violência escolar que, não raras vezes, se confundem com o *Bullying*. Os estudos sobre violência escolar remontam a várias décadas, no entanto o *Bullying* tornou-se objeto de investigação na década de 1970. A partir dos estudos do professor de Psicologia da Universidade de Bergen, na Noruega, Prof. Dan Olweus, é que o termo *Bullying* foi inicialmente apresentado e utilizado. Olweus foi o pioneiro no envolvimento na pesquisa e intervenção na área de *Bullying*. Em 1970, ele apresentou o primeiro projeto sistemático de grande escala sobre o tema que, publicado em 1973, marcou e desencadeou o desenvolvimento de várias outras pesquisas também na Suécia, Finlândia e Noruega (CATINI, 2004).

Sintetizando, o conceito de *Bullying*, apresentado por Olweus (1993), apresenta três características que o definem, como (1) comportamento agressivo e negativo – tanto físico quanto verbal – com intenção de causar danos; (2) que ocorrem repetidamente ao longo do tempo; (3) em um relacionamento caracterizado por um desequilíbrio de força e poder físico ou psicológico por parte de um ou mais estudantes. As definições propostas por esse pesquisador são bastante difundidas e aceitas. Com base nas características apresentadas por ele, outros pesquisadores também deram suas contribuições para descrever o fenômeno, e é por isso que se considera importante salientar a multiplicidade de conceitos encontrados.

Para Fante (2005), o termo *Bullying* demonstra comportamentos agressivos e antissociais. Refere-se a ele como fenômeno para conceituar problemas relacionados a violência escolar e o define como:

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia, sofrimento, insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (FANTE, 2005, p.29).

Constantini (2004) descreve que o *Bullying* é um comportamento relacionado à agressividade, física, verbal ou psicológica, realizada continuamente por um ou mais agressores contra uma vítima predestinada. Tais conflitos ou brigas, que incidem entre estudantes, são verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças que através da violência física ou psicológica são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem. Tais atos leva-os, quase sempre, a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

Para Tavares (2004), *Bullying* é o nome dado para o comportamento agressivo de estudantes em ambiente escolar, sendo, geralmente, um comportamento intencional, repetitivo e sem motivação, provocado por um ou mais estudantes contra outros, explicitando uma relação desigual de poder”. Ramirez (2001) define como “comportamento agressivo de caráter repetitivo que acontece em ambiente escolar, com intenção de prejudicar outro indivíduo, que não é capaz de defender-se”.

Baseados nestes conceitos de *Bullying* e na literatura, nota-se que existem várias especificações para descrever o comportamento de *Bullying*. No entanto, é possível sintetizá-las em três características apresentadas em unanimidade: (1) comportamento agressivo e intencional, (2) de caráter repetitivo, (3) com existência de desigualdade de poder entre os envolvidos.

2.1.3 Caracterização e repercussões do comportamento de *Bullying*

Bullying tem sido classificado em diferentes tipos e formas. Tendo em vista sua diversidade de manifestação, há um consenso dos autores que apontam uma grande divisão entre comportamentos diretos e indiretos (SEIXAS, 2006).

Dan Olweus (1999) categoriza o *Bullying* em dois subtipos: o direto, que se constitui em ataques diretos às vítimas: bater, empurrar, chutar, beliscar, dentre outros. Nesse caso, ocorre face a face, o comportamento de confronto direto, sendo mais frequentes os físicos, verbais, ameaças e intimidações que envolvam a imposição de sofrimento. Os alunos envolvidos conhecem a identidade um do outro, e há sinais explícitos dos danos causados. É o tipo mais fácil de se identificar. O segundo subtipo é o *Bullying* indireto ou relacional. É realizado por vias indiretas, predominando o uso da agressão verbal: ameaçar, xingar, zombar, apelidar, excluir, difamar, dentre outros. O alvo é atacado não diretamente, mas de forma que o agressor pode permanecer anônimo, sendo mais difícil de distinguir, vindo a depor contra a honra e a imagem do outro.

Independente da expressão de comportamento ser direto ou indireto há uma visão meticulosa referindo-se à especificação de comportamentos físicos e verbais e também uma outra categoria de comportamento como sendo psicológica (ERIKSON, 2001) ou relacional (BJORKQVIST; LAGERSPETZ; KAUKIAINEN, 1992; CRAIG, 1998; CRICK; GROTPETER, 1995; LECKIE, 1997; RAMIREZ, 2001). Com base na categorização apresentada, expõe-se o seguinte quadro no qual se subdividem as modalidades de comportamentos de *Bullying* de acordo com sua forma de agressão, relacionando à sua expressão e seguido dos exemplos de comportamentos.

Quadro 1: Forma de agressão, expressão e comportamentos de *Bullying*.

Forma de Agressão	Expressão	Comportamentos
Física	Direta	Bater, empurrar, sacudir, chutar, beliscar, morder, acotovelar, destruir pertences dos outros, cuspir, perseguir.
	Indireta	Recrutar um colega para agredir o outro, roubar ou esconder objetos.
Verbal	Direta	Apelidar, insultar, ser sarcástico, ameaçar verbalmente, importunar, aborrecer deliberadamente, fazer comentários maldosos e maliciosos, criticar.
	Indireta	Espalhar rumores e mentiras, caluniar, difamar.
Relacional	Direta	Evitar e ignorar o outro.
	Indireta	Excluir o outro do grupo, manipular redes de amizades.
Psicológica	Direta	Extorquir, coagir, ameaçar gestualmente, chantagear.
	Indireta	Enviar e-mails e mensagens ameaçadoras, telefonemas anônimos ameaçadores e desagradáveis.
Sexual	Direta	Assédio, exibicionismo, comentários maldosos acerca da orientação e opção sexual do outro, apalpar ou agarrar alguém de um modo sexualmente sugestivo.
	Indireta	Espalhar rumores de atividades sexuais do outro, divulgar comentários ou imagens de caráter sexual.

Fonte: Seixas (2006, p.31)

Além das modalidades informadas acima, e apesar de esta não ser objeto de estudo, torna-se interessante, a título de conhecimento, a descrição da modalidade virtual do fenômeno, denominada “*CyberBullying*”.

Gracio (2011) diz que um outro tipo de *Bullying* estudado por diversos autores é o *CyberBullying*, que possui as mesmas características do *Bullying*, mas ocorrendo por meio de tecnologias de informação e comunicação, tais como redes sociais, e-mails, e isto proporciona ao agressor um certo conforto pelo anonimato.

As relações construídas pela Internet fazem parte da vida cotidiana de milhões de pessoas no mundo, e isso traz tanto oportunidades como também situações desagradáveis que, mesmo no ambiente virtual, podem ser tão prejudiciais quanto as que acontecem fora dele. Stelko-Pereira (2012, p.24) conceitua o *Bullying* nessa modalidade como “a forma pela qual um indivíduo ou grupo de indivíduos busca causar dano a outro de modo repetitivo, com o uso de tecnologias eletrônicas, como celular e computador”. A característica principal do *CyberBullying* é a de que

a agressão dirigida à vítima se propaga pela internet, divulgada a inúmeras pessoas de forma veloz e com a possibilidade de anonimato do agressor.

É importante destacar essa espécie de *Bullying* pela amplificação do dano sofrido pelas vítimas, uma vez que o *CyberBullying* devido à ampla liberdade de comunicação, não só pode ocorrer nas proximidades das instituições de ensino, como em todos os ambientes nos quais a vítima frequenta. Tal situação agrava as violências sofridas, pois não se encontra mais em um ambiente exclusivo e determinado, com possibilidade de escape para as vítimas em outros lugares frequentados por essas, mas não por seus agressores (exemplo as aulas de inglês ou música), com o *CyberBullying*, as agressões e humilhações não encontram barreiras (PIMENTA, 2011, p. 9).

Esse tipo de agressão tem crescido muito, não só devido aos avanços tecnológicos e a facilidade de acesso, “mas também em decorrência da maior segurança oferecida aos agressores que, na maioria das vezes, não precisam se identificar ao realizar seus atos de violência” (PIMENTA, 2011, p.9). O *CyberBullying* espelha as relações de poder existentes entre agressor e vítima no mundo real. Acrescenta ao agressor inúmeras maneiras de atacar, e a vítima fica com restritas possibilidades de defesa em relação às agressões que sofre no mundo virtual. Essa modalidade se encaixa em um tipo de agressão indireta, visto que não está em uma interação face a face, entretanto, não descaracteriza o fenômeno.

2.1.4 Atores envolvidos no fenômeno *Bullying*

Os atores envolvidos no fenômeno *Bullying* podem desempenhar diversos papéis. Estes atores podem ser responsáveis por comportamentos violentos, alvos de tais, ou testemunhas de atos e/ou de suas consequências (STELKO PEREIRA, 2012). Entretanto, um mesmo indivíduo pode comutar entre diferentes posicionamentos (WATSON et al., 2005; FANTE, 2005; NETO e SAAVEDRA, 2003).

A literatura apresenta diversas nomeações para os mesmos tipos de atores de *Bullying*. Quem pratica os comportamentos violentos podem ser chamados de *Autor* (LOPES NETO, 2005), *Agressor* (CATINI, 2004; CUNHA, 2009), *Provocador* (GRACIO, 2011). Os atores que sofrem tais comportamentos são denominados de “*Vítima*” (PIMENTA, 2011) ou *Alvos* (SANTOS, 2008). Os atores que presenciam tais comportamentos são nomeados de *Testemunha* (FANTE, 2005) e *Expectador* (ROLIM, 2008). Não há um consenso para dar aos atores envolvidos com o fenômeno *Bullying* uma única nomenclatura. Isso varia muito de acordo com o pesquisador que, por vezes, pode descrevê-los com um nome ou outro.

Neste estudo, optou-se por utilizar as terminologias de “*agressor*” – para indicar os atores que praticam o *Bullying*; “*Vítima*” – para os atores que sofrem o *Bullying*; e “*Expectadores*” – para

os atores que presenciam o comportamento de *Bullying* baseando-se nas nomenclaturas constantes na Lei n.13.185, de 6 de novembro de 2015² que instituiu o Programa de Combate à intimidação sistemática (*Bullying*). Os estudos disponíveis nas referências desta pesquisa apresentam características que priorizam a relação entre agressor e vítima e, por isso, apontam a existência de traços distintos entre esses atores. Entretanto, Rolim (2008) relata que essas características não significam regras de modo algum. Portanto, entende-se que não é possível enumerar as variadas características de forma determinista. Assim, apresenta-se, a seguir, características das categorias de envolvimento em comportamento de *Bullying* que adotamos neste trabalho.

2.1.4.1 Agressor

A agressividade, enquanto um sentimento natural, é como outros sentimentos primários. Sendo assim, as pessoas possuem características agressivas, pois esta é uma tendência primária do ser humano (TOGNETTA, 2005). Os atores de *Bullying*, denominados “agressores”, são aqueles que fazem o *Bullying*. Isto é, realizam o comportamento agressivo. São provocadores e intimidadores e, notadamente, apresentam mais poder na relação com os colegas. Alguns pesquisadores apresentam o agressor com características semelhantes, tais como ser mais forte que as vítimas, ter idade superior e por ter a necessidade de dominação (OLWEUS, 1993; FANTE, 2005; CARVALHOSA, LIMA e MATOS 2001; PERGUERO, 2008; RAIMUNDO, SEIXAS, 2009; TEIXEIRA, 2011).

Para Fante (2005, p.73), “os agressores são aqueles que se valem de sua força para aterrorizar os mais fracos. Utilizam várias formas de maus-tratos para tornarem-se populares, dentre elas as “zoações”, os apelidos pejorativos, expressões de menosprezo e outras formas de ataques, inclusive os físicos”. Normalmente são mais fortes e/ou superiores aos seus colegas de classe, tanto nas brincadeiras, como nos esportes, brigas e possui uma necessidade de impor sua soberania e poder para conseguir o que quer.

A respeito do ambiente familiar dos agressores, visto que este é um ambiente de desenvolvimento muito importante pois é nele que acontecem as primeiras relações sociais, na literatura há pesquisas que discorrem acerca dessa questão (JUNGER, 1990; REGO,1996; SANTOS, 2008; GRACIO, 2011; MANZINI, 2013). De acordo com Santos (2008), “os

² BRASIL. Decreto Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acessado em 14.07.2018.

agressores, na maioria das vezes, repetem um comportamento aprendido no contexto familiar que é pouco afetivo”. Gracio (2011, p.18) acrescenta que: “Assim, o provocador ou agressor é o agente da provocação ou agressão, nomeadamente, é aquele que incita os outros, que lhes bate, que os insulta. Frequentemente são fruto de um ambiente familiar hostil, onde existe uma maior distância emocional entre os membros da família” .

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) descreve os autores como indivíduos com pouca empatia. Normalmente são de famílias desestruturadas com pouca afetividade entre seus membros e com uma carente supervisão dos pais para solucionar problemas decorrentes de seus comportamentos agressivos. Manzini (2013, p. 57) complementa que a agressividade ocorrida no seio familiar vivenciada pelas crianças e adolescentes podem estar relacionadas ao “desenvolvimento de comportamentos hostis contra os pares, abalos a sua autoestima e fortalecimento de sentimentos de inferioridade e de submissão que facilitariam ação de alunos agressores contra colegas”.

Alguns estudiosos apontam o agressor como alunos tipicamente populares, com tendência a se envolverem em uma variedade de comportamentos antissociais e consumo de drogas, tabaco e álcool (KING et al., 1996; PEREIRA, 2004; GOWER; BOROWSKY, 2013). Outros consideram que o agressor pode mostrar-se agressivo e considerar sua agressividade como qualidade. Sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos aos outros (LOPES NETO, 2005; SANTOS, 2008).

La Taille (2002) também disserta sobre o agressor ponderar sua agressividade como qualidade e relaciona sua violência com sua identidade afirmando que pode ocorrer de uma pessoa sentir orgulho de ser violento pois se sentir superior aos outros são valores centrais e também é uma condição para se realizarem e manterem representações de si (como ser famoso, ter glória) perante os outros.

Há ainda uma contribuição acerca dos agressores em que Chan (2006) observou uma importante diferença entre agressores de *Bullying*, apontando a existência de um tipo diferenciado, denominado “serial” que opera em larga escala atingindo muitas vítimas. E a esse respeito Rolim (2008, p.35) complementa que: “O fenômeno é grave não apenas pela frequência das agressões e pela quantidade de vítimas envolvidas, mas também pela seriedade dos atos praticados que tendem a firmar um padrão de maior violência, especialmente física”.

2.1.4.2 Vítima

A vítima é o aluno ou grupo de alunos que sofre repetidamente em decorrência dos comportamentos de outros, e possuem dificuldades de impor-se tanto fisicamente quanto verbalmente. Acerca de suas características, o pesquisador pioneiro Dan Olweus (1993) aponta que as vítimas podem ser, muitas vezes, sensíveis, cuidadosas, tranquilas, submissas, tímidas, ansiosas, inseguras e, por fim, habitualmente, não são agressivas, nem provocadoras. Diversas pesquisas descrevem que a vítima, normalmente, possui: idade inferior, pouca habilidade social, sofre com vergonha, medo e ansiedade (OLWEUS, 1993; SMITH, SHARP, 1994; CARVALHOSA, LIMA e MATOS, 2001; CATINI, 2004; FANTE, 2005; ROLIM, 2008). Outros pesquisadores destacam que os alunos com características, como deficiência física ou mental, raça, orientações sexuais ou de gênero, defeitos congênitos ou adquiridos, sobrepeso, estilo de roupa, dentre outras, são fatores que os apontam como principais vítimas do *Bullying* (STRAUSS; POLLACK, 2003; LYZNICKI, MCCAFFREE, ROBINOWITZ, 2004; RIVERS, 2004; LOUIS et al., 2005; CRUZ, SILVA, ALVES, 2007; MÉNDEZ, 2007; MÉNDEZ, CETO, 2007; LEVASSEUR, KELVIN, GROSSKOPF, 2013; PATRICK, 2010).

Fante (2005) apresenta as características mais comuns nas vítimas: aspecto físico mais frágil; medo de sofrer danos ou de ser inferior nas atividades com os colegas ou nas brigas, grande sensibilidade, timidez, insegurança, baixa autoestima, dentre outras. As pesquisas de Lopes Neto (2005), Theóphilo (2005) e Oliveira (2007) apontam que as vítimas que são incapazes de solicitar ajuda ou reagir frente ao conflito, são inseguras e com baixa autoestima. Rolim (2008) destaca a característica de baixa autoestima nas vítimas e possuem menores habilidades sociais e isso acarreta a dificuldade de possuir amigos. Rigby (2003) sintetiza as características negativas associadas às vítimas, sendo elas: baixo nível de bem-estar psicológico, ajustamento social empobrecido, stress psicológico e mal-estar físico. No entanto, é imprescindível destacar a existência do desequilíbrio de poder entre agressor e vítima.

A característica de submissão da vítima, estabelece um fator de risco na medida que este comportamento reforça a atitude do agressor, aumentando as chances de a vítima ser repetidamente violentada (PIERCE; COHEN, 1995). No contexto familiar, as vítimas aparecem como fortemente envolvidas com seus pais, sugerindo experimentarem situações de superproteção (ROLIM, 2008). De acordo com Constantini (2004), a vítima tem a sensação de impotência psicológica para libertar do sofrimento ao qual é submetida.

Fante (2005) apontou uma subdivisão das vítimas, sendo elas vítimas típicas e vítimas agressoras. Ainda que as pesquisas já apontam características gerais para os papéis dos atores

de *Bullying*, é complexo a identificação daqueles envolvidos que norteiam entre os dois papéis, dependendo das situações eles se comportam como agressores e em outras como vítimas, cita-se neste caso a Vítima-Agressora sendo o aluno que reproduz os maus-tratos sofridos:

É aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos. Essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o *Bullying* se transforme numa dinâmica expansiva cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas (FANTE, 2005, p. 72).

No contexto familiar, Catini (2004) relata que as vítimas agressoras possuem as piores relações. Os pais são negligentes e ao mesmo tempo são superprotetores, assim apresentam disciplina inconsistente e contraditória.

2.1.4.3 Expectador

Geralmente as pesquisas apontam os lados extremos do comportamento, agressor e vítima e, mais recentemente, tem-se discutido acerca dos alunos que ora são vítimas, ora são agressores (NETO; SAAVEDRA, 2003; WATSON et al., 2005; PINHEIRO; WILLIAMS, 2009; STELKO-PEREIRA, 2012). Entretanto, é necessário mencionar uma terceira categoria de atores do *Bullying*, denominados “expectadores”, sendo o aluno que presencia o *Bullying*, mas não o sofre ou o pratica. Fante (2005, p.73) destaca que o expectador “representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor. Mesmo não sofrendo as agressões diretamente, muitos deles podem se sentir inseguros e incomodados.”

Para essa categoria de atores, o silêncio é uma regra. Os expectadores entendem que não possuem qualquer responsabilidade em comunicar os fatos aos responsáveis ou tomar algum tipo de providência, pois temem que, fazendo isso, possivelmente, se transformarão em vítimas de *Bullying* (ROLIM, 2008). Neto e Saavedra (2003) identificam que os expectadores também sofrem consequências negativas do *Bullying*, pois podem sentir medo de sofrer agressões, acreditar que foram negligentes em relação ao fato, aprender que agir violentamente é uma maneira de se resolver os problemas.

Esse clima de silêncio pode ser explicado pelos autores como afirmação do seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos. Grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não culpa-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. Muitas testemunhas acabam acreditando que o uso de comportamentos agressivos contra os colegas é o melhor caminho para alcançarem a popularidade e o poder (SANTOS, 2008, p. 38).

Cunha (2009, p. 18) ressalta que “a passividade dos expectadores, embora pareça neutra, pode reforçar os atos de violência dos autores de *Bullying*, uma vez que o silêncio destes pode ser interpretado pelos autores como afirmação de sua força”.

2.1.5 Nem tudo é *Bullying*

Inegavelmente, em todo o contexto escolar, nota-se a presença de outras manifestações comportamentais violentas e agressivas, além do *Bullying*. Assim, é fundamental diferenciar o comportamento de *Bullying* e outros conflitos, que podem igualmente incluir agressões tanto verbais quanto físicas, diretas e indiretas.

Levando-se em consideração as características apontadas nos conceitos do fenômeno aqui estudado, carece de esclarecer que este comportamento está numa categoria bem demarcada. Portanto, existem condutas agressivas que não podem ser classificados como *Bullying*, podendo-se citar, como exemplo, que provocações e gozações entre pares, feitas, muitas vezes, por amigos, não se constituem como tal (OLWEUS et al., 1999). Roberts e Morotti (2000), diferencia o comportamento de “gozar dos colegas” da manifestação de *Bullying*, apontando que mesmo este comportamento sendo habitual e, por isso, ser considerado normal, apropriado e divertido, por outro lado, o que pode ser considerado *Bullying* é a forma, intensidade e incidência com que são direcionados a outros colegas. Leckie (1997) e Wheinhold (2000) apontam que a desigualdade de poder entre agressor e vítima e a repetição das agressões são características distintivas no comportamento de *Bullying*.

Portanto, nem todo tipo de agressão que ocorre entre pares pode ser considerado *Bullying*. Isto posto, as agressões pontuais e as que não envolvem desequilíbrio de forças não são consideradas como tal. Assim, Fante (2005) esclarece que o *Bullying* é um conceito muito bem definido, [...] uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas” (FANTE, 2005, p.30).

Assim, pode-se concluir que o comportamento de *Bullying* está na origem de muitas outras manifestações de violência (ROLIM, 2008). Independentemente do tipo específico de comportamento violento, todos se constituem como graves problemas e possuem a necessidade real de sua identificação e combate.

2.1.5.1 Trote x *Bullying*

O trote universitário é considerado “uma tradição brasileira, como um rito de passagem e celebração pela vitória no Vestibular; um conjunto de atividades leves ou graves, brincadeiras ou agressões, respectivamente” (PIMENTA, 2011,p.47). Muitas vezes, o trote é confundido com o *Bullying* por apresentar comportamento violento e intencional. As características dos rituais do trote variam dependendo do contexto, curso e faculdade em que ocorrem, visto que cada lugar e cada curso é portador de suas culturas, valores, regras de hierarquia. No entanto, apesar de formas diferenciadas, os rituais de trote possuem em comum a demonstração explícita de superioridade que os veteranos aplicam em relação aos calouros. O comportamento violento tanto no *Bullying* quanto no trote objetiva intimidar, humilhar as vítimas, estabelecendo a desigualdade hierárquica. No trote, os calouros são notadamente identificados como vítimas que sofrem as agressões e, muitas vezes, sem possibilidade de defesa, seja por medo de receberem mais agressões ou por estas continuarem durante o período acadêmico.

Na maioria dos casos de *Bullying*, as vítimas são escolhidas por destoarem do senso comum de normal ou padrão daquele local (gordos, magros demais, baixos, altos, negros, orientais, homossexuais...), entretanto, não existe motivação para que essas pessoas sejam agredidas; nenhuma delas provocou tal agressão e nem mesmo existe qualquer justificativa para que, por serem diferentes, devessem sofrer qualquer tipo de violência. No trote, o princípio é o mesmo. Não existe qualquer motivação além dos calouros se encontrarem na posição de novatos, de terem ingressado na universidade, não havendo qualquer outra fundamentação para que sejam vítimas das violências e agressões decorrentes do trote (PIMENTA, 2011, p. 47).

A mídia, por muitas vezes, relata os rituais e consequências dos trotes universitários, inclusive, com mortes de estudantes. O trote, normalmente, apresenta violência física ou psicológica intencional que podem acarretar danos às suas vítimas. Pimenta (2011, p.48) descreve que [...] essas agressões, como já mencionadas, não são somente físicas, afetam o psicológico dos estudantes, ferindo a imagem, a honra, a autoconfiança dos calouros, subordinando-os a situações constrangedoras e que podem ser extremamente traumáticas, com consequências permanentes em alguns casos”.

Mesmo apresentando o atributo em comum de serem comportamentos violentos estabelecidos em relação de poder entre estudantes, muitas vezes o *Bullying* e o trote são confundidos e até mesmo considerados sinônimos. Porém, é imprescindível afirmar que são comportamentos distintos. Conforme já referido, para ser configurado *Bullying* é preciso que, além de ser um comportamento agressivo e intencional, é necessário que ocorra de forma repetitiva. O trote, em si, como um ritual único e não extensivo, portanto, não é considerado *Bullying*, mas pode vir a tornar-se, dependendo da sua frequência. Ambos os comportamentos podem causar graves danos físicos e psicológicos, muitas vezes, permanentes, mas se tratam de agressões distintas

que devem ser observadas de modo independente. Outra questão a discutir é em relação às responsabilidades que as instituições de ensino superior devem ter de modo a controlar e combater, de maneira diferenciada e exclusiva, cada espécie de comportamentos violentos em seu território. Ressalte-se que na Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, local onde foi realizada esta pesquisa, o trote é terminantemente proibido e, acaso haja o descumprimento dessa norma por parte do estudante, este está sujeito à pena da aplicação do Regime Disciplinar da Universidade, que varia de acordo com a gravidade da infração.³

2.1.6 Pesquisas sobre *Bullying* no contexto universitário

A incidência do comportamento de *Bullying* é uma questão que tem sido amplamente estudada e cuja dimensão pode ser verificada através dos inúmeros estudos acerca do tema, desde pesquisas iniciais realizadas por Dan Olweus, na década de 1970, demonstrando que esse tipo de comportamento é um problema universal, e nas pesquisas no Brasil, realizadas a partir da década de 1980.

Em consonância com o tema desta pesquisa, optou-se por aqui apresentar somente os estudos de *Bullying* relacionados ao contexto universitário. Para isso, foi realizada uma busca aprofundada em sites de pesquisas acadêmicos, e constatou-se que há um número ínfimo de publicações a respeito do *Bullying* universitário em relação ao *Bullying* escolar.

Acerca da ocorrência e prevalência de *Bullying* na universidade Silva e Morgado (2011) integrando um projeto de pesquisa vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), realizaram um estudo com o tema central sobre a ocorrência (ou não) de *Bullying* no ensino superior. O projeto foi orientado numa perspectiva qualitativa, transcorrida no período de um ano. A pesquisa foi dividida em duas partes: inicialmente foi realizado uma coleta de dados através de levantamento e estudo bibliográfico sobre o *Bullying* no ensino fundamental e médio e posteriormente foi realizada uma nova coleta de dados acerca do tema no âmbito universitário. A segunda consistiu em entrevista a 5 (cinco) estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso. Como resultado, os autores revelam a evidente presença de *Bullying* na universidade através das falas dos entrevistados que apontaram ocorrências de exclusão, ameaças e intimidações, mas que não citaram formas de violência direta, como a agressão física.

³ Manual do Aluno – Universidade Vale Do Rio Doce – UNIVALE. Disponível em: http://www.univale.br/central_arquivos/arquivos/manual-2017.pdf. Acessado em 04/05/2017.f

Nessa mesma perspectiva, Miranda et al. (2012) realizaram um estudo sobre a conduta de acadêmicos da Universidade Federal de Rondônia – Campus Porto Velho, a fim de verificar a prevalência de *Bullying* dentro de tal universidade. Tratou-se de um estudo quantitativo no qual foi efetuado um inquérito epidemiológico de delineamento das vivências de violência apresentadas por alunos do ensino superior. Foram aplicados questionários a uma amostra de 456 acadêmicos de dez cursos da universidade. Com o resultado pode-se constatar que 87 % dos discentes referem que não sofreram *Bullying* nos últimos três meses de aula e 10,7% alegaram ter sofrido mais de uma vez. Comprovou-se que as manifestações de *Bullying* caracterizaram-se principalmente nos atos de falar a respeito escondido (46,4%). Sobre o local das ocorrências dos fatos, 82,2% afirmaram que não ocorre em nenhum lugar. Em relação a ocorrência de situações humilhantes por parte dos docentes, 32% afirmaram já ter passado por isso, principalmente na sala de aula, na frente de outros acadêmicos.

Paredes et al. (2007) realizaram um estudo nacional na Colômbia com 22 faculdades da área médica e os resultados comprovaram a presença de *CyberBullying* no ensino superior com 19,68%, apontando que tal fenômeno não é um mito e sim uma realidade nos ambientes educacionais na Colômbia.

Fonseca et al. (2017) pesquisaram sobre a incidência do *CyberBullying* nos cursos de Administração e Ciências Contábeis em duas universidades públicas do estado de Minas Gerais, no Brasil. A pesquisa abrangeu 773 alunos e os resultados apontaram uma maior incidência do fenômeno no sexo masculino, ocorrendo em sala de aula, muitas vezes sendo confundido com brincadeiras.

Sobre a ocorrência de *CyberBullying* e *CyberCyberBullying*, Mascarenhas (2012) com o objetivo de descrever as ocorrências de *CyberBullying* e *CyberCyberBullying* na universidade realizou um estudo no contexto universitário amazônico. Participaram da pesquisa 1489 alunos universitários que foram submetidos a um questionário sobre intimidação e maus tratos. A totalidade dos dados e informações apresentadas revelam a ocorrência do fenômeno no ensino superior, constatando que as tipologias de fofocas, agressões verbais, exclusão, xenofobia e homofobia estão presentes no ambiente acadêmico.

Objetivando a identificação dos atores do *Bullying*, Ríos, Martínez e Mackenzie (2011) realizaram um estudo descritivo comparativo com o objetivo de caracterizar o fenômeno *Bullying* em quatro universidades privadas na cidade de Barranquillas, na Colômbia. O estudo

abrangeu uma amostra de 218 estudantes universitários (153 mulheres e 65 homens). Inicialmente, identificaram os atores do problema, posteriormente a incidência das manifestações de *Bullying* e os cenários em que ocorre. Os resultados apontaram que 87% dos alunos são identificados como testemunhas; 12% são reconhecidos como agressores; e 10,6% são vítimas. As vítimas relataram que o lugar em que mais sofrem *Bullying* é dentro da sala de aula. Observou-se que as formas de *Bullying* se apresentam em comportamento verbal seguido de exclusão social e, em menor medida, por abuso físico direto e indireto. Os agressores se referem mais fortemente à manifestação de maus-tratos relacionada à ignorância para seus companheiros e/ou companheiros (33,3%), seguiram para colocar sobrenomes que ofendem e ridicularizam seus companheiros (26,2%), falam sobre pessoas (16,7%), insultar-lhes (11,9%) e não deixá-los participar (9,5%).

Em relação aos fatores associados ao *Bullying* em instituições de ensino superior, o estudo de Vergel, Martinez e Zafra (2016) o enfoque quantitativo com uma amostra de 571 alunos das universidades do departamento do Norte de Santander, na Colômbia. Os resultados apresentados foram de 11% de prevalência de *Bullying* sendo as mulheres, alunos mais jovens e homossexuais as vítimas mais frequentes. Os fatores de riscos para as vítimas foram características físicas e psicológicas e relacionadas à orientação sexual.

Margittai, Moscarello e Rossi (1996) realizaram um estudo sobre a prevalência da violência entre estudantes do curso de medicina da Universidade McMaster e constataram que as principais vítimas foram as mulheres (71%), outro fator apresentado foi a orientação sexual e este estudo propôs iniciativas educacionais, comportamentais na tentativa de erradicar esses comportamentos violentos.

Outros estudos relacionaram o *Bullying* com outros fatores, como Goulart (2013), que pesquisou sobre o *Bullying* como fator de evasão universitária e a percepção dos alunos de uma universidade federal da região Centro-Oeste. A pesquisa de característica exploratória incluiu uma amostra de 123 alunos de graduação, com aplicação de questionário. Concluíram que 83,18% dos alunos acreditam que existe ocorrência de *Bullying*. O *Bullying* verbal foi apontado com a maior ocorrência (55%), o que comprova a existência desse fenômeno no âmbito investigado, e que ele é um motivo que leva os alunos a se evadirem dos seus respectivos cursos.

Cunha (2014), em sua dissertação de mestrado, pesquisou sobre o *Bullying* e o consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes da Universidade do Minho. De caráter exploratório, a

pesquisa teve os objetivos de descrever se o *Bullying* potencializa o consumo de álcool, verificando se tal consumo excessivo leva tais práticas de violência. A amostra da pesquisa qualitativa foi composta de entrevistas a quatro estudantes e um ex-aluno licenciado dessa universidade. Ao mesmo tempo, foi aplicado questionário *on line* a todos os alunos da universidade, obtendo-se 452 respostas. Esse estudo revelou a existência de dois grandes problemas no Ensino Superior: o excesso de consumo de álcool e a existência de atos de *Bullying* entre os alunos.

Devido ao baixo número de pesquisas sobre *Bullying* na universidade, não foi possível explicar o tema de forma mais abundante. Conclui-se, portanto, a necessidade de realização de estudos e pesquisas nas universidades, as concepções dos estudantes acerca do fenômeno, suas ocorrências, formas, identificação de atores e fatores que desencadeiam tão comportamento.

2.2 BULLYING NUMA PERSPECTIVA TERRITORIAL

O conceito de território é amplo e polissêmico, isto é, possui diferentes sentidos que variam de acordo com as linhas teóricas dos diversos pesquisadores que o discutem. Etimologicamente, a palavra território tem sua origem em duas expressões: a primeira, do latim “*territorium*”, que corresponde a “*terra*”; a segunda associada a *térreo-territor*, relacionada ao entendimento político de aterrorizar para dominar (HAESBAERT, 2004). No entanto, conceituar este termo o relacionando apenas à sua origem é uma forma reducionista de entendê-lo, pois, suas definições ultrapassam o campo geográfico e abrangem diferentes perspectivas epistemológicas e diversas abordagens.

O território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; descontinuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade” (SAQUET, 2013, p.24).

As diversas conceituações existentes sobre território são derivadas de inúmeros estudos de distintos autores que, com suas diferentes perspectivas epistemológicas, elaboraram diferentes conceitos, abordagens e concepções, mas que possuem um aspecto em comum “ligado à preocupação em contribuir na construção de abordagens que superassem aquela meramente descritiva” (SAQUET, 2013, p.16).

Saquet (2013) descreve sobre a historicidade dos estudos acerca dos conceitos de território:

(...) apesar da crescente importância do conceito de território na literatura anglo-saxônica, nela há predominância da centralidade do conceito de região, enquanto que, na Itália, por exemplo, o território ganha destaque desde os anos 1960-70, possibilitando a apreensão de conflitos territorializados que se configuram com as políticas econômicas (de desenvolvimento) em países industrializados nos anos 1960-80. Simultaneamente, esse processo de reelaboração da geografia acontece no Brasil, centrado no conceito de espaço geográfico. No geral, em países como a Itália, França e EUA, inicialmente, e posteriormente em países como o Brasil, passa-se de estudos do território de matriz biológica ou com base na atuação do Estado-Nação, entendendo o território como suporte ou conjunto de recursos naturais, para abordagens relacionais-processuais, reconhecendo-se outros níveis de relações de poder, os conflitos, as apropriação e dominação do espaço, enfim, o movimento histórico e multiescalar” (SAQUET, 2013, p. 17).

Ainda acrescenta:

Durante a década de 1980, e sobretudo, a partir dos anos de 1990, suas abordagens sofrem alterações bem significativas, especialmente no reconhecimento e explicação de aspectos simbólico-culturais vinculados ao desenvolvimento local com base territorial, do conceito de lugar e da territorialização de processos sociais, que ganha centralidade, principalmente na geografia. A partir dos anos 1980, substantiva-se esse movimento no Brasil, eminentemente, a partir de 1992-93, quando se passa a

ênfatizar, em estudos territoriais, a compreensão das relações econômicas, políticas e identitárias no nível da vida cotidiana (SAQUET, 2013, p.19).

Com base nas citações acima, é possível verificar que os conceitos de território são construções em constante (re)formulação e, por isso, não há uma definição permanente. São dotados de historicidade e geograficidade, e suas análises podem ser influenciadas pelo contexto e o tempo em que está inserido. Assim, nesta pesquisa não se tem a pretensão de exaurir as conceituações de território, mas tendo em vista seu caráter interdisciplinar e para identificar o conceito, o relacionando ao presente estudo, torna-se necessário apresentar distintas visões acerca do termo, pois:

Enquanto o geógrafo tende a ênfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política ênfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia ênfoca a partir de suas intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo” (HAESBAERT, 2010, p.37).

Portanto, verifica-se que as concepções acerca do território vão além do campo da Geografia. Apresentam o processo histórico considerando as suas dimensões naturais e sociais, formado por sujeitos, representados por indivíduos, grupos, instituições e o Estado. Possui componentes significativos como identidades e as relações de poder, estas se apresentam direta ou indiretamente em todas as concepções dos autores para a caracterização do território.

Relações de poder que estão nas famílias, nas universidades, no Estado em suas diferentes e complementares instâncias, nas fábricas, nas igrejas... enfim, em nossa vida cotidiana. Relações que são vividas, sentidas e, às vezes, percebidas e compreendidas diferentemente. Assim são os territórios e as territorialidades: vividos, percebidos e compreendidos de formas distintas; são substantivados por relações, homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas e religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem; por diversidade e unidade; (i) materialidade (SAQUET, 2013, p. 25).

2.2.1 Aspectos conceituais do território

No âmbito de uma discussão teórica mais ampla, as concepções de território podem ser analisadas sob diferentes perspectivas (Materialista, Idealista, Integradora, Relacional), com visões parciais, relacionadas apenas a uma característica do território (Econômica, Política e Cultural). Bem como, em uma visão integradora, em que a análise do território envolve todas as suas esferas. Assim, nesta pesquisa, embora outros autores sejam citados e utilizados como referenciais, por sua interdisciplinaridade na discussão teórica, sua perspectiva, visão e

conceituação do território foi o geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert eleito para direcionar o desenvolvimento conceitual proposto neste estudo.

Ao sintetizar os conceitos de território, Haesbaert (2010) inicialmente os categorizou em três concepções básicas: (1) *Política* (relações espaço-poder) ou *Jurídico Política* (relações espaço-poder institucionalizadas); (2) *Cultural* ou *Simbólico Cultural* (território visto como produto de apropriação/valorização de um grupo em relação ao seu espaço); (3) *Econômica* (território como fonte de recursos). Posteriormente, apresentou uma quarta concepção: *Naturalista* – território com base nas relações entre sociedade e natureza.

Contudo, diante dessas concepções apresentadas, e para demonstrar as variadas possibilidades de aplicação do conceito, Haesbaert (2010) organizou os entendimentos acerca do território baseando-se nas fundamentações teóricas das abordagens, e assim os identificou pelos binômios: Materialismo-Idealismo e Espaço-tempo.

O binômio materialismo/idealismo se desdobra ainda em duas outras perspectivas: (1) *Parcial*, que enfatiza uma dimensão (seja a natural, econômica, política ou a cultural); (2) *Integradora* – cuja análise do território envolve conjuntamente todas as suas esferas. A perspectiva materialista sobre território vai de encontro à uma conotação vinculada ao espaço físico (terra) e apresenta três ramificações de concepções que tecem distintas ideologias sobre a função do território como matéria:

- 1) *Naturalista* - Com caráter biológico. Noção de território baseada nas relações entre sociedade e natureza, especialmente no que se refere ao comportamento natural dos homens em seu ambiente físico.
- 2) *Econômica* - Relações de produção e território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais; e na relação capital-trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho.
- 3) *Política* - relações espaço-poder, em geral, ou jurídico-político na esfera do Estado-Nação. Território visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes, mas não exclusivamente, relacionado ao poder do Estado.

A perspectiva idealista ultrapassa a visão materialista, em que liga o território ao físico/material e propõe que este também possui uma visão social e ideal, entendendo que o território também

é constituído por seu controle, uso e acesso. Isto é, aborda questões políticas que expressam o poder visível e invisível, a questão cultural e valor simbólico.

Já o binômio Espaço- Tempo aborda a questão do território sob duas perspectivas:

- 1) De acordo com caráter mais absoluto ou relacional – abordando ou não a dinâmica temporal, distinguindo o território como entidade física- material ou como resultado de relações (social/histórica)
- 2) De acordo com sua historicidade e geograficidade abrangendo os fatores históricos a grupos sociais, períodos e espaço geográfico.

2.2.1.1 Algumas contribuições acerca das conceituações de território

Sob a ótica materialista, o conceito de território é, inicialmente, enunciado por Friedrich Ratzel, que identifica o território o relacionando Estado Nação (Nação, resultado da coesão de um território) e dominação. O Estado/Nação é considerado como forma de vida, exerce sobre o solo a sua soberania e é tido como base para a realização da vida humana. Sob a concepção naturalista, o território aparece como sinônimo de ambiente e solo; como área e recursos naturais (solo, água e clima), fundamentais a todos os povos, que apresentam influências sobre o homem, e tem um papel central da constituição do Estado (SAQUET, 2013). Do ponto de vista político, tudo se desenvolve como o Estado sendo o centro e o único poder. O conceito de Ratzel foi importante base para a compreensão da relação do homem com o espaço em que vive, e a territorialidade é percebida como resultado das relações de poder (PEREIRA, 2012).

Saquet (2013) descreve que:

Ratzel (1990 e 1990^a) faz uma tentativa de avançar na abordagem do homem (povo) ligado ao solo/ambiente, sinalizando para além da geopolítica através de elementos de cultura (religião) e da economia (comércio), porém, em virtude de sua proposta teórico-metodológica com um caráter institucional e burguês, não consegue abarcar coerentemente essas três dimensões ao falar do território (SAQUET, 2013,p.31).

Haesbaert (2004)-aponta que:

De qualquer forma, em Ratzel, é no elo indissociável entre uma dimensão natural, física e uma dimensão política (que aqui se confunde com estatal) do espaço que o território se define. Esta concepção acaba de alguma forma se aproximando daquela que, valorizando a dimensão econômica, vê o território como fonte de recursos para a reprodução da sociedade, pois é também com base nesta disponibilidade de recursos que Ratzel vai construir seu conceito. O *espaço vital* seria assim o espaço ótimo par a reprodução de um grupo social ou de uma civilização, considerados os recursos

disponíveis que, na leitura do autor, devem ter uma relação de correspondências com as dimensões do agrupamento humano nele existente (HAESBAERT, 2010, p. 66).

O entendimento de Gottman (1952) acerca do território também marcou o debate da geografia política, pois é considerado um dos precursores da abordagem territorial entre as décadas de 1950 e 1980. Seu entendimento vai um pouco mais além do “Estado Nação”, defendido por Ratzel, embora mantenha seu caráter jurídico-político que permanece como sua característica fundamental. Suas ideias envolvem uma construção histórica, psicológica e social do território. Assinala que, no mundo compartimentado da Geografia, a unidade política é o território, definido como o “conjunto de terras agrupadas em uma unidade que depende de uma autoridade comum e que goza de um determinado regime” (GOTTMAN, 1952, p. 71).

A compreensão do território, devido ao progresso tecnológico, vai além de abrigo, *habitat* natural, sob a proteção do Estado, o identifica como palco de atividades econômicas, no entanto sem eliminar o território e o Estado. Saquet (2013) expõe que:

Conforme Gottmann (1973/2005), em sua consistente reflexão sobre os significados do território historicamente determinados, se o território é um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação e organização, ele tem duas funções principais: a) servir de abrigo, como forma de segurança e b) servir como um trampolim para oportunidades. Segurança e oportunidade requerem uma organização interna do território bem como relações externas, de poder e dominação. Assim o território assume distintos significados para diferentes sociedades e/ou grupos sociais dominantes (SAQUET, 2013, p. 27).

Além do enfoque centrado na ideia de território como “compartimento”, Gottman também abrange uma dimensão idealista ao considerar o território através dos sistemas de movimento, ligados a tudo o que envolve a circulação no espaço e não apenas de enraizamento ou estabilidade. Para ele, as divisões mais importantes estão nos espíritos, mais do que nas fronteiras físicas (GOTTMAN, 1952).

Ultrapassando a percepção de território como enraizamento, estabilidade, delimitação ou fronteira, aponta-se a análise do território em uma perspectiva relacional. Sob essa ótica, uma grande contribuição conceitual vem de Claude Raffestin. Sua concepção se distingue da visão de Ratzel e Gottman, pois mesmo conceituando o território também com caráter político-administrativo, não se restringe somente a essa visão, e analisa o território como apropriação, não como produção do espaço. Como território nacional, o espaço físico é onde se localiza uma nação, em que se delimita uma ordem jurídica e política, limites e fronteiras, e estabelece noções de nós, redes e malhas que norteiam o controle e subordinação de pessoas e lugares. A construção do território revela relações marcadas pelo poder.

Raffestin (1993) entende que o espaço é anterior ao território, e explica que o território é:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Para esse autor, aportado em Michel Foucault (1979), o poder é inerente em todas as relações e se apresenta de duas maneiras: poder (que é a atuação do Estado) e poder (presente em todos os lugares e em todas as relações). Raffestin (1993, p.160) caracteriza as relações de poder dando crédito às práticas e relações sociais cotidianas. As relações que acontecem no território se constituem territorialidades que são definidas como “[...] um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional (sociedade-espaço-tempo) em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”. A territorialidade é dinâmica e susceptível de variação no tempo. Para analisá-la é necessário colocá-la no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal.

Saquet (2013) esclarece que:

[...] Claude Raffestin propõe um modelo para descrever a territorialização, formado: a) pelos atores (individuais e coletivos); b) pelo trabalho; c) por mediadores materiais (instrumentos, conhecimentos...); d) pelo programa do ator social (intenções - objetivos) e pelas relações entre os atores e o ambiente. O território é o produto das ações (territorialidades) dos indivíduos no ambiente (...) o território é a parte material das relações que a sociedade mantém com a natureza e, a territorialidade, a parte imaterial, como relações sociais (SAQUET, 2013, p.144).

Já o antropólogo Sack (1986) direcionou seus estudos no sentido de libertar o conceito de território de sua prisão original, isto é, da referência exclusiva à dimensão do Estado. Conceitua o território o relacionando às relações sociais de poder em diferentes níveis (pessoal, grupal ou internacional). Algumas de suas ideias são próximas dos entendimentos de Raffestin, pois ambos possuem uma visão humana e social da territorialidade, no entanto, Sack apresenta um entendimento oposto ao entender que “nem toda relação de poder é territorial ou inclui uma territorialidade” (HAESBAERT, 2010, p. 86).

Sobre o território, Sack (1986. p.19) propõe que “diferentemente de muitos lugares comuns, territórios demandam esforço constante para se estabelecerem e se conservarem. Eles são o resultado de estratégias para afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações”. Mesmo mantendo seu foco da perspectiva política, Sack também reconhece as dimensões econômicas (uso da terra) e culturais (significados do espaço) da territorialidade. Contrariando a visão tradicional de território como algo estático, reconhece que a territorialidade pode ser

ativada ou desativada, apresentando relativa flexibilidade, e que esta envolve o controle sobre uma área ou espaço, e é entendida como a capacidade de excluir, separar com estratégias de coerção e exercício do poder. Em suas palavras, a territorialidade é “a tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos pela delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica. Esta área será chamada território” (SACK, 1986, p. 6).

Portanto, para Sack (1986), a territorialidade está relacionada à maneira como os sujeitos utilizam e se organizam no espaço e ao significado que dão ao lugar. A territorialidade está incorporada às relações sociais, envolve inúmeras razões e significados e só existe se houver uma tentativa de indivíduos ou de grupos em afetar as interações de outros. Compreende o território mais pelo domínio e como relação de poder, a territorialidade é usada para influenciar e controlar uma área, espaço, pessoas e recursos.

A visão de Souza (2000) acerca do território apresenta características políticas e culturais, também abarca uma perspectiva relacional por envolver a complexidade das relações sociais ao espaço onde elas são desenvolvidas.

[...] o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade (...). Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (...), podem (...) formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simples anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo” (SOUZA, 2000. p. 86 - 87).

Para Souza (2001, p. 11), o território é um espaço definido e delimitado a partir de relações de poder que não se restringem somente ao poder do Estado, pois grupos sociais mantêm relações de poder que formam territórios através das diferenças culturais. Em suas palavras, “todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território, do quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países membros da OTAN”. Em sua concepção, o conceito de território possui um caráter flexível. O poder é derivado de múltiplas fontes, inerentes a todos os atores, e presentes em todos os níveis espaciais, e, por isso, é necessário que o território seja compreendido em múltiplas vertentes assim com também compreender quem o controla e o domina.

Sob o enfoque econômico, o geógrafo brasileiro Santos (1985) apresenta sua concepção de território que foi mostrada por Haesbaert (2004) como a mais relevante e teoricamente mais

consistente. Santos (et al, 2000, p. 3) entende que o uso (econômico, sobretudo) do território é que o define: “O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação sócioespacial e o mundo”. Esse autor também aponta que o período da história é que define como será organizado o território. Assim, o território pode ter espacialidades específicas conforme o movimento da sociedade:

O que nos interessa é o fato de que cada momento histórico, cada elemento muda seu papel e a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial, e a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado em relação com os demais elementos e com o todo (SANTOS, 1985, p.09).

De acordo com Santos (2003, p.19), o território se caracteriza com uma abordagem política, como “(...) um nome político para o espaço de um país”, no entanto, também destaca os aspectos sociais, econômicos e culturais, e conclui que o trabalho é um dos pontos fortes para compreender o território.

As perspectivas idealistas se fazem presente nas discussões acerca da dimensão ideal-simbólica do território com ênfase social e cultural. Haesbaert (2004) aponta que:

[...] alguns autores que enfatizam mais abertamente a perspectiva ideal-simbólica do território. (...). Para estes autores, há um enfrentamento, hoje, entre a lógica funcional estatal moderna e a lógica identitária pós-moderna, contraditórias, reveladora de dois sistemas de valores e de duas éticas distintas frente ao território. Embora não seja uma simples questão de mudança de escala, também há uma revalorização da dimensão local. O território reforça sua dimensão enquanto representação, valor simbólico (HAESBAERT, 2004. p. 71).

Claval (1999) apresenta sua concepção de território em uma abordagem material e simbólica/imaterial, com destaque para identidade e pertencimento, assim identifica o território a partir de três eixos: (1) poder – ênfase no Estado-Nação (apropriação do espaço por um grupo); 2) realidade social – refere-se à territorialidade; 3) símbolo/representação – dimensão simbólica (entendido como espaço vivido). Sobre o Poder, considera que há dois tipos de relações de poder: do homem sobre a natureza – referindo-se aos meios técnicos, científicos e informacionais com os quais o homem teve condições de mudar o meio em que vive e dos homens sobre os homens. Nessa segunda perspectiva, o autor identifica diferentes relações de poder: poder puro ou absoluto, poder de submissão, poder de desigual e dominação inconsciente.

Segundo Claval (1999), existe uma ótica simbólica do território que evidencia as existências humanas construídas pelos homens. Tais existências são inscritas nos lugares. Assim, o território é material e simbólico, com destaque para o símbolo, a identidade e o pertencimento.

A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder a uma questão: ‘quem sou eu?’ Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gênero de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepção de natureza, do indivíduo e do grupo (CLAVAL,1999, p.15).

2.2.2 O território universidade

O caminho trilhado pelas universidades iniciou-se nos séculos XII e XIII, na Idade Média, quando as primeiras universidades foram criadas. Trindade (2000) diz que podem-se identificar quatro períodos a respeito da historicidade da instituição universitária:

O primeiro, do século XII até o Renascimento, foi o período da *invenção* da universidade em plena Idade Média em que se constituiu o modelo da universidade tradicional, a partir das experiências precursoras de Paris e Bolonha, da sua implantação em todo território europeu sob a proteção da Igreja. O segundo iniciou-se no século XV, época em que a universidade renascentista recebe o impacto das transformações comerciais do capitalismo e do humanismo literário e artístico, mas sofre também os efeitos da Reforma e da Contra-Reforma. O terceiro, a partir do século XVII, marcado por descobertas científicas em vários campos do saber, e do Iluminismo do XVIII, a universidade começou a institucionalizar a ciência, não sem resistências, numa transição para os novos modelos. No quarto período, no século XIX, implantou-se a universidade estatal moderna, e essa etapa, que se desdobra até os nossos dias, introduz uma nova relação entre Estado e universidade, estabelecendo suas principais variantes institucionais. (TRINDADE, 2000, p. 1).

Desde o seu início, a instituição universitária sempre lutou para conquistar sua autonomia. No entanto, com a Revolução de 1789, antiuniversitária, ela foi condenada como sendo um aparato do Antigo Regime e, assim, foram substituídas por escolas profissionais de ensino superior. No século XIX, surgiram as primeiras universidades modernas e laicas com ênfase na integração entre ensino e pesquisa e na busca da autonomia intelectual diante do Estado e da Igreja (PAULA, 2009).

No Brasil, o surgimento da universidade ocorreu no século XX, influenciadas pelos dois modelos, alemão e francês, de educação superior. Paula (2009, p.72) descreve que: “A universidade propriamente dita, no Brasil, se formou na primeira metade do século XX, sob influência dos modelos francês e alemão, como foi o caso da Universidade do Rio de Janeiro (URJ)...”

Buffa e Pinto (2016, p. 811) relata que “as universidades criadas na primeira metade do século XX teriam seguido um modelo clássico (...) e que a segunda fase corresponde a um momento de grandes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais e de grande expansão do ensino superior”

Acerca do caráter urbano de suas instalações e à organização do seu espaço, as universidades brasileiras foram influenciadas pelo modelo norte-americano, sendo instaladas em campus. Estes mesmos autores dizem que:

Propunha um território extenso e fechado, longe das cidades e projetado detalhadamente com o objetivo de oferecer formação integral ao estudante. O campus deveria ser, como de fato foi, uma pequena cidade: possuir equipamentos, serviços e todas as facilidades que uma cidade pode oferecer. O aluno poderia viver e dedicar-se integralmente aos estudos, sem preocupações nem interferências “nocivas” da cidade. O território ampliava-se do prédio para o campus, uma grande área projetada, fechada e com regras, costumes e leis próprias. A ideia de campus estava estabelecida e passava a representar o local, por excelência, do trabalho acadêmico e universitário. A ideia difundiu-se pelo mundo e até hoje continua a ser repetida (BUFFA & PINTO, 2016, p. 816).

2.2.2.1 Ensino Superior: conceito e missão

Visando a construção do futuro, a educação superior tem grande importância para o desenvolvimento sócio sociocultural e econômico, ao mesmo tempo, ela depara-se com grandes desafios como condições de ingresso e no decorrer do curso de estudos, qualidade de ensino, pesquisa e extensão, dentre outras. Sendo assim, em 1998, foi elaborada a Declaração Mundial sobre Educação superior no século XXI: Visão e Ação⁴ que norteou os caminhos da universidade identificando sua missão, funções, responsabilidades e orientações.

Inicialmente, nessa declaração, a educação superior é identificada como “todo tipo de estudos, treinamento ou formação para pesquisa em nível pós-secundário, oferecido por universidades ou outros estabelecimentos educacionais aprovados como instituições de educação superior pelas autoridades competentes do Estado”. A sua missão, além de formar e realizar pesquisas visando o melhoramento da sociedade como um todo, compreende também:

- a) Educar e formar pessoas altamente qualificadas, cidadãs e cidadãos responsáveis, capazes de atender às necessidades de todos os aspectos da atividade humana, oferecendo-lhes qualificações relevantes, incluindo capacitações profissionais nas quais

⁴ Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP - Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação – 1998. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educacao/declar>. Acessado em 06/02/2018 17:03.

sejam combinados conhecimentos teóricos e práticos de alto nível mediante cursos e programas que se adaptem constantemente às necessidades presentes e futuras da sociedade;

- b) Prover um espaço aberto de oportunidades para o ensino superior e para a aprendizagem permanente, oferecendo uma ampla gama de opções e a possibilidade de alguns pontos flexíveis de ingresso e conclusão dentro do sistema, assim como oportunidades de realização individual e mobilidade social, de modo a educar para a cidadania e a participação plena na sociedade com abertura para o mundo, visando construir capacidades endógenas e consolidar os direitos humanos, o desenvolvimento sustentável, a democracia e a paz em um contexto de justiça;
- c) Promover, gerar e difundir conhecimentos por meio da pesquisa e, como parte de sua atividade de extensão à comunidade, oferecer assessorias relevantes para ajudar as sociedades em seu desenvolvimento cultural, social e econômico, promovendo e desenvolvendo a pesquisa científica e tecnológica, assim como os estudos acadêmicos nas ciências sociais e humanas, e a atividade criativa nas artes;
- d) Contribuir para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural;
- e) Contribuir na proteção e consolidação dos valores da sociedade, formando a juventude de acordo com os valores nos quais se baseia a cidadania democrática, e proporcionando perspectivas críticas e independentes a fim de colaborar no debate sobre as opções estratégicas e no fortalecimento de perspectivas humanistas;
- f) Contribuir para o desenvolvimento e melhoria da educação em todos os níveis, em particular por meio da capacitação de pessoal docente.

2.2.2.2 A universidade enquanto território

Os termos “espaço”, “lugar” e “território” muitas vezes podem ser vistos como sinônimos, no entanto eles possuem distintos significados. A compreensão destes termos não se atribui apenas a correta aplicação gramatical dos mesmos, mas direciona para uma reflexão sobre seus significados nas estruturas sociais do poder.

Cunha (2008) caracteriza os conceitos dizendo que:

A dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz ‘esse é o lugar de’, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização (CUNHA, 2008, p. 184).

E ainda complementa:

Nessa explicitação, é possível perceber a relação entre espaço, lugar e território. O espaço se transforma em lugar quando os sujeitos que nele transitam lhe atribuem significados. O lugar se torna território quando se explicitam os valores e dispositivos de poder de quem atribui significados (CUNHA, 2008, p. 185).

Enquanto outros autores, conforme já destacados anteriormente neste capítulo, conceituam o território a partir de perspectivas isoladas, Haesbaert (2014), em uma perspectiva integradora, diz que o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, e que, seja qual for o sentido a ser analisado, ele tem a ver com poder, isto é, tanto o poder de dominação (material) quando o poder no sentido de apropriação (simbólica). Esse autor descreve que o território é sempre múltiplo, diverso e complexo e destaca a importância dos agentes/sujeitos que o constroem:

Enquanto ‘continuum’ dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, nele incorporados através dos múltiplos agentes/sujeitos envolvidos – tanto no sentido de quem sujeita quanto de quem é sujeitado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das lutas subalternas de resistência -, pois poder sem resistência, por menor que ela seja, não existe. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a igreja etc (HAESBAERT, 2014, p. 59).

Acerca da territorialidade, Sack (1986) diz que a territorialidade está presente em diversos contextos pois é uma forma de comportamento social, que pode ser acionado ou abandonado conforme interesse do agente/sujeito. Haesbaert (2010) relata que:

Para Sack, a noção de territorialidade (que ele utiliza de forma muito mais frequente de que o território) é mais limitada: a territorialidade, esta ‘qualidade necessária’ para a construção de um território, é incorporada ao espaço quando este media uma relação de poder que efetivamente o utiliza como forma de influenciar e controlar pessoas, coisas e/ou relações sociais... (HAESBAERT, 2010, p. 86).

A universidade, considerada como continuidade da escola (Ensinos Fundamental e Médio), é um período de transição na vida de um estudante. Esta é importante na vida de uma pessoa, quer em nível acadêmico, quer em nível social, quer mesmo em níveis emocional e pessoal. É um ambiente propício a facilitar e promover o desenvolvimento dos indivíduos em várias

dimensões da sua existência, e confrontar os estudantes com diferentes ideias, experiências, modelos e papéis de vida, preparando a entrada progressiva na vida adulta.

A universidade é, em princípio, um espaço de formação, tanto da dimensão da pesquisa como também acerca da formação do sujeito. Assim, é necessário esclarecer que, nesta pesquisa, o entendimento acerca do ambiente universitário ultrapassa a conceituação de espaço físico, lugar onde estão localizadas sua estrutura e forma de organização. Ele é entendido enquanto território pois é construído por distintos agentes/sujeitos que através de suas territorialidades (comportamentos sociais), estabelecem diversas relações onde o poder é efetivamente presente. Essa explicação tem a intenção de favorecer o entendimento acerca da análise de conteúdo que decorre da fase empírica do estudo.

2.2.2.3 As relações de poder na universidade

É notório que no contexto universitário desenrolam-se relações de poder, muitas vezes, claramente identificadas como o poder formal e impessoal. Haesbaert (2010), caracteriza a formação do território através das relações sociais ou culturais e sua historicidade, e diz que “(...) o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, 2010, P. 79). Chauí (2001, P. 35) afirma que: “A Universidade é uma instituição social. Isso significa que ela realiza e exprime, de modo determinado, a sociedade de que é e faz parte. Não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada”. Portanto, as relações existentes entre os diversos personagens da universidade reproduzem a rede de relações de poder existentes na sociedade.

Acerca do poder, Lopes (2007, P. 80) diz que: “o território é assim, um espaço mediado pelas representações construídas por um determinado grupo ao estabelecer seu poder frente ao outro e que se apropria do espaço como forma de sua expressão e projeção”. Para Weber (1982), o conceito de poder é “(...) a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária, até mesmo contra a resistência de outros que participam da ação” (WEBER, 1982, P.211). BOBBIO (1997) acrescenta sua contribuição ao dizer que:

Em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou fenômenos naturais (como na expressão Poder

calorífico, Poder de absorção). Se o entendemos em sentido especificamente social, ou seja, na sua relação com a vida do homem em sociedade, o Poder torna-se mais preciso, e seu espaço conceptual pode ir desde a capacidade geral de agir, até à capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: Poder do homem sobre o homem (BOBBIO, 1998, p. 1).

E conclui:

Como fenômeno social, o Poder é, portanto, uma relação entre os homens, devendo acrescentar-se que se trata de uma relação triádica. Para definir certo Poder, não basta especificar a pessoa ou o grupo que ocorre, determinar também a esfera de atividade a qual o Poder se refere ou a esfera do Poder. A mesma pessoa ou o mesmo grupo pode ser submetido a vários tipos de Poder relacionados com diversos campos (BOBBIO, 1998, p. 2).

Bourdieu (2001), em sua procura por explicar sobre as relações de poder nas realidades sociais conceitua o poder a partir da noção de campo, identificando o campo do poder como um “campo de forças”, relação de forças de poder ou espécies diferentes de capital. O poder no Sistema de Ensino é o poder simbólico, isto é “poder invisível que só pode se exercer com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele se submetem ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2001, P.7-8).

Nesse entendimento, Cappelle, Melo e Brito (2005) explicam que:

A noção de campo social, segundo Bourdieu (1996b) representa um campo de forças imposto aos agentes que nele se encontram e um campo de lutas, no qual esses agentes lutam com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura desse campo. O campo consiste, portanto, num espaço socialmente estruturado, cujos limites só podem ser determinados em cada situação (CAPPELLE, MELO E BRITO, 2005, p. 359).

Os estudos de Silva (2008) contribuem para com a ideia e necessidade de entendimento das relações de poder no âmbito escolar. Segundo o autor:

A escola seria o lugar para oportunizar a tomada de consciência quanto as relações de poder e de controle presentes nas instituições e na sociedade. Esta, a condição fundamental para um processo pedagógico que tenha como alvo a emancipação. Torna-se imprescindível assim, discutir o modo como as relações de poder e dominação vão sendo institucionalizadas bem como as possibilidades de se implementar resistência a elas (SILVA, 2008, p.89).

Destarte, pode-se considerar que a universidade é espaço de poder, poder como espaço de formação do saber. Poder é saber. Saber é poder. Na universidade, desenrolam-se relações diversificadas em que o poder se manifesta de forma explícita, como poder legal, formal e impessoal e até mesmo com manifestações subliminares, sob forma do poder simbólico de Bourdieu. Portanto, pode-se tomar como hipótese inicial que o *Bullying* universitário ocorre através das relações de poder, e este será identificado, nesta dissertação, entre os estudantes.

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Identificar a percepção dos estudantes universitários acerca do fenômeno *Bullying*.

3.2 ESPECÍFICOS

- Caracterizar a amostra estudada.

4. METODOLOGIA

4.1.1 Abordagem

No presente estudo, foi utilizada uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa analisa o comportamento humano, principalmente a partir do ponto de vista do sujeito, utilizando a observação naturalista e não controlada. Esses são procedimentos exploratórios, descritivos, indutivos, dinâmicos, holísticos e, por isso não generalizáveis (MINAYO, 2007).

A pesquisa qualitativa abrange um campo transdisciplinar que envolve as ciências humanas e sociais e assume tradições ou multiparadigmas de análise. Adota diversos métodos de investigação para o estudo de um fenômeno no local que ocorre, procurando encontrar sentido desse fenômeno e os significados que as pessoas dão a ele (CHIZZOTTI, 2003).

Siqueira (2002, P.147) descreve que essa abordagem “(...) dá uma maior importância ao pesquisador e faz uma leitura mais subjetiva do dado, não priorizando o aspecto quantitativo”.

A este respeito, Minayo (2007) afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007, p.80).

Chizzotti (2003) complementa que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa” (CHIZZOTTI, 2003, p. 1).

4.1.2 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo observacional, descritivo e de corte transversal. O modelo de investigação do tipo transversal é apropriado para descrever características das populações no que diz respeito a determinadas variáveis e a seus respectivos padrões de distribuição, bem como analisar sua incidência e inter-relação num determinado momento (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2006).

4.1.3 Universo de Estudo

A pesquisa foi realizada na Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, localizada no município de Governador Valadares-MG. A UNIVALE possui dois campus:

- Campus I (Armando Vieira) - Rua Juiz de Paz José de Lemos, 279 – Bairro Vila Bretas – CEP: 35030-260 – Governador Valadares/MG. Caixa Postal 295. Telefone: PABX (33) 3279-5245/3279-5249.
- Campus II (Antônio Rodrigues Coelho) - Rua Israel Pinheiro, n. 2000 – Bairro Universitário – CEP: 35020-220 – Governador Valadares/MG – Telefone: PABX (33) 3279-5900.

Orientada pelo Projeto Pedagógico Institucional – PPI e o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, a UNIVALE objetiva:

(...) desenvolver a reflexão crítica e a manifestação de um conhecimento sobre o desenvolvimento regional, formando um profissional apto a implementar ações diversificadas de transformação e crescimento regional a partir da observação da realidade, do pensar sobre as práticas e da criação de soluções viáveis, visando à melhoria das condições de vida do homem e do ambiente (PPI/UNIVALE), sustentado pelo tripé Ensino, Pesquisa e a Extensão (Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, 2017, p.13)⁵.

A UNIVALE, criada e mantida pela Fundação Percival Farquhar, foi reconhecida pelo Parecer CFE (Conselho Federal de Educação) nº16/92 publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 28/04/1992 e pela Portaria Ministerial 1.037/92 publicada no DOU de 09 de julho de 1992⁶. Possui uma densa estrutura acadêmica; sendo toda ela voltada a serviço da consolidação de sua missão que tem por base o slogan: “Construindo conhecimento”. Deste modo, a UNIVALE mantém cursos de graduação, e de extensão em diversas áreas do conhecimento, além disso, a Instituição oferece cursos de pós-graduação *Lato e Strico Sensu*. O programa de pós-graduação *Stricto Sensu*, Gestão Integrada de Território teve início em 2008 e é constituído por uma proposta interdisciplinar inovadora, o que proporciona por sua vez à UNIVALE um grande diferencial no atendimento e sobretudo na formação continuada na região do Vale do Rio Doce. A FPF/UNIVALE apresenta a tradição de mais de quarenta e sete anos de atuação no ensino

⁵ UNIVALE - Plano de Desenvolvimento Institucional – PPI e Plano de Desenvolvimento Institucional – PPI, 2014-2018. Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Disponível em: https://www.univale.br/central_arquivos/arquivos/pdi--aprovado-consuni--27-11-2017.pdf. Acessado em: 17/08/2018.

⁶Ibid., P. 38.

superior, o que demonstra a qualidade do ensino ofertado na ocupação pelos egressos de importantes postos de trabalho com uma atuação profissional que também é cidadã e reconhecida tanto na região onde se insere quanto em outras regiões do Brasil. Quando ocorreu a pesquisa, a UNIVALE possuía 31 cursos distribuídos nas áreas de Ciências da Saúde, Humanas e Exatas e 4.633 alunos matriculados na graduação.

Quadro 2- Distribuição dos Cursos de Graduação e número de alunos regularmente matriculados no período da pesquisa.

Cursos	Número de Alunos
Administração	34
Agronomia	18
Arquitetura e Urbanismo	338
Ciência da Computação	11
Ciências Contábeis	153
Ciências Sociais	02
Comunicação Social	100
Direito	846
Educação Física	236
Enfermagem	123
Engenharia Civil	523
Engenharia Civil e Ambiental	314
Engenharia de Produção	91
Engenharia Elétrica	107
Farmácia	177
Fisioterapia	116
Letras	65
Nutrição	32
Odontologia	509
Pedagogia	276
Psicologia	264
Química	01
Serviço Social	27
Sistemas de Informação	103
Superior de Tecnologia em Agronegócio	17
Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	01
Superior de Tecnologia em Gestão Pública	85
Superior de Tecnologia em Produção Publicitária	64

FONTE: Dados informados pela Universidade.

Conforme demonstrado no quadro acima, algumas graduações apresentaram número pequeno de estudantes, portanto, por pretender que os cursos tivessem um número mínimo de alunos,

realizou-se um sorteio dos cursos e assim a pesquisa restringiu-se somente àqueles com mais de 20 estudantes regularmente matriculados. Portanto, foram excluídos os cursos de Agronomia, Ciência da Computação, Ciências Sociais, Química, Superior de Tecnologia em Agronegócio e Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

4.1.4 Amostra

Foi composta por estudantes com 18 anos ou mais, de ambos os sexos, regularmente matriculados nos cursos de graduação da UNIVALE no município de Governador Valadares. Realizou-se uma divisão dos cursos em três áreas do conhecimento: Humanas, Exatas e Saúde.

A área das **Ciências Humanas** compreendeu 09 graduações com 2001 alunos regularmente matriculados nos Cursos de Administração, Ciências Contábeis, Comunicação Social, Direito, Educação Física, Letras, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social. Para **Ciências Exatas** abarcou-se 08 graduações e um total de 1.625 alunos matriculados nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Engenharia Civil e Ambiental, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Sistemas de Informação, Superior de Tecnologia em Gestão Pública. Na **Ciências da Saúde** observamos 5 graduações com o total de 957 alunos regularmente matriculados nos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição e Odontologia.

Amostra constituiu-se de 4 estudantes da área da Ciências da Saúde, 4 da área da Ciências Exatas e 4 da Ciências Humanas, perfazendo o total de 12 estudantes. Foram sorteados aleatoriamente (não excluindo nenhum período), sendo dois de cada sexo. A definição do número de indivíduos não se fez com base em amostragem probabilística, sendo o número de sujeitos delimitado pela saturação dos discursos (BAUER e AARTS, 2002). Este número foi considerado ideal, pois de acordo com Santos (SANTOS, 1999) o tamanho da mostra não é fator determinante da significância do estudo qualitativo, que trabalha com amostras relativamente pequenas, intencionalmente selecionadas.

4.1.5 Critérios de Inclusão/Exclusão

Foram incluídos na amostra os alunos:

- 1) Regularmente matriculados em algum dos cursos de graduação da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, com mais de 20 alunos regularmente matriculados abrangendo todos os períodos.

- 2) Serem maiores de 18 anos.
- 3) Concordar em participar da pesquisa, assinando o TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO A)

Foram excluídos os alunos que se recusaram a participar.

4.1.6 Estudo Piloto

Visando testar o modo de trabalho, bem como verificar o modo de abordagem das questões inseridas na entrevista, clareza e compreensão das questões, tempo gasto, além de adequar os procedimentos e condutas às condições reais de pesquisa, foi realizado um estudo piloto com 8 estudantes, sendo 4 alunos (2 homens e 2 mulheres) dos dois cursos com maior número de matriculados que são Odontologia e Direito.

Os critérios de inclusão/exclusão foram observados e os dados obtidos não foram considerados para o estudo principal. Marconi e Lakatos (2007) atribuem a importância na realização do estudo piloto a possibilidade que ele estabeleça a verificação da fidedignidade, validade e operacionalidade dos dados obtidos, além de fornecer uma estimativa sobre futuros resultados. Por meio do estudo piloto foi possível avaliar os itens: (1) Clareza - Se as questões estão devidamente esclarecedoras; (2) Aplicabilidade - Se as questões se aplicam adequadamente ao propósito; (3) Poder discriminativo - Se as questões conseguem discriminar e separar por categorias os resultados esperados; (4) Necessidade de decisões subjetivas-. Se as questões podem levar a respostas sem objetividade; (5) Presença de vieses - Possibilidade de desvios de respostas; (6) Redundância - Se as questões estão se repetindo em relação aos assuntos pesquisados e, por último, (7) Capacidade de classificação - Se as questões têm poder de classificar os resultados.

4.1.7 Aspectos Éticos

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Universidade Vale do Rio Doce, sob o parecer 1.111.280 em 15/06/2015 (ANEXO B).

4.1.8 Coleta de Dados e etapas de realização da pesquisa

Para a efetivação da coleta dos dados, inicialmente, a pesquisadora encaminhou o projeto de pesquisa à Pró-Reitoria da UNIVALE detalhando os objetivos da pesquisa e a metodologia

utilizada no desenvolvimento do estudo. Posteriormente, obteve consentimento para realização da pesquisa nas dependências da Universidade.

Após autorização, reuniu-se individualmente com o coordenador de cada curso detalhando os objetivos da pesquisa e a metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo. Nessa reunião foi proposta uma agenda para a realização da coleta. As datas e horários foram definidos de acordo com a conveniência do coordenador e professores do curso levando em consideração que a pesquisa não deveria interferir no funcionamento dos procedimentos programados.

Em seguida, foi efetuado um contato pessoal com os alunos sorteados. Nesta conversa informal, foi realizado um convite para participar da pesquisa e explicou-se os objetivos do trabalho, os procedimentos aos quais seriam submetidos, assegurando o caráter confidencial de suas respostas e seu direito de não identificação.

Com os estudantes que aceitaram participar foi agendado dia e hora. Na data estabelecida, a pesquisadora se reuniu com cada estudante, em uma sala da própria Universidade, restrita e sem interferência externa. No Campus II, utilizou-se a sala 03 do bloco PVA e no Campus I, a Sala de reuniões da coordenação do curso de Direito. Cada indivíduo participante da pesquisa foi instruído acerca do local da coleta dos dados e assim eles próprios se conduziram até o local previamente combinado.

No início da entrevista, utilizou-se de um recurso denominado *rapport* que significa o estabelecimento da aliança terapêutica ou aliança de trabalho e tem por objetivo abrir as portas para uma comunicação fluente e bem-sucedida. Pode ser considerada uma técnica poderosa das relações humanas e o principal ingrediente de todas as comunicações e mudanças. A propósito, *rapport* é também a capacidade de criar aspectos comuns entre duas ou mais pessoas gerando uma atmosfera de respeito e confiança mútua. (PINHEIRO, 2007).

De acordo com Sacks (1974, 1992) deve-se trabalhar com as ocorrências reais da conversa com os estudantes, não podendo confiar somente em notas, anotações ou lembranças de conversas. Para Silverman (2009), as gravações também apresentam vantagens comparadas com outros tipos de dados qualitativos, pois, as gravações são de registro público e podem ser reproduzidas novamente e as transcrições por isso, melhoradas o que possibilita principalmente preservação da sequência da conversa registrada.

A entrevista semiestruturada seguiu um roteiro no qual foi construído com perguntas abertas que sobretudo tratam do tema. Buscando responder aos objetivos propostos levantou-se as seguintes questões:

1. Você já ouviu falar sobre *Bullying*? O que imagina ser *Bullying*?
2. Na universidade, você já participou, presenciou ou soube de alguma manifestação do comportamento de *Bullying*?
3. Como você identifica os participantes do *Bullying*?
4. Você acha que o ambiente universitário é propício ao *Bullying*?
5. Você acha que a Universidade deveria realizar algum programa para combater o *Bullying*? Por que?
6. Gostaria de acrescentar ou retirar algo?

Em todas as entrevistas procurou-se estabelecer um caráter informal, a fim de que o estudante se sentisse à vontade para relatar suas impressões sobre o *Bullying* no território Universitário. Para registro das respostas dos alunos utilizou-se como recurso, um gravador digital. Com o consentimento do participante, a entrevista foi gravada visando ter o registro de todo o material fornecido, apresentando uma fidelidade quanto à fala dos mesmos e viabilizando o retorno ao material sempre que se fizesse necessário.

Essas entrevistas foram transcritas imediatamente pelo pesquisador. Os alunos foram encaminhados para uma sala que apresentou boa iluminação, ventilação adequada, cadeiras confortáveis, tranquilidade e silêncio, procurando assegurar a privacidade dos participantes.

4.1.9 Análise dos dados

Para a apuração dos discursos das participantes, foi utilizada a técnica de “Análise de Conteúdo”, proposta por Bardin (2011). Esta técnica de análise é um processo sistemático de avaliação de mensagens que objetiva a descrição do conteúdo e inferências de conhecimentos sobre a produção e recepção dessas mensagens. Tal processo seguiu os seguintes passos:

1. Os discursos coletados foram, inicialmente, transcritos mantendo-se a forma original de expressão dos respondentes;

2. Pré-análise em que foi realizada uma leitura flutuante, a partir da qual emergiram impressões e orientações, buscando identificar as grandes categorias discursivas abordadas pelos respondentes;
3. Leituras exaustivas dos conteúdos, para a organização e sistematização dos conteúdos, permitindo o agrupamento dos mesmos em grandes categorias;
4. Análises dos conteúdos das falas dos sujeitos, que foram reunidas por categorias, identificando unidades de significados, estabelecendo subcategorias e procedendo-se aos agrupamentos finais;
5. Análise e interpretação dos dados por subcategorias, possibilitando a descrição dos resultados e significados dos conteúdos que consolidam o tema.

As informações presentes nessas entrevistas foram agrupadas em categorias relativas a cada item e as falas analisadas dentro de cada tema. Os textos não sofreram correções linguísticas, preservando o caráter espontâneo dos discursos dos respondentes. Contudo, esses foram os pontos de partida para a análise na qual nos propusemos. Em todo caso, sejam elas verbais, figurativas, gestuais ou diretamente provocadas expressam um significado ou um sentido para os sujeitos respondentes (FRANCO, 2008). Ao final, buscou-se preservar a identidade das pessoas entrevistadas e por isso, elas foram numeradas aleatoriamente sem qualquer ligação dos números com as pessoas que compuseram a pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos nessa pesquisa são derivados das informações colhidas na entrevista semiestruturada aplicada aos universitários. Os temas abordados foram: *Entendimento sobre Bullying*, *Reconhecendo o comportamento de Bullying*, *Identificando os atores de Bullying no território universitário*, *Território universitário facilitador de Bullying* e *Ação de intervenção ao Bullying*⁷, e por meio deles foi possível identificar as percepções dos sujeitos acerca do tema.

A opção pelo reconhecimento do fenômeno *Bullying* através da percepção dos alunos baseia-se pela afirmativa de Chauí (2001, P.122) que descreve que “o mundo percebido é qualitativo, significativo, estruturado”. A forma como o sujeito compreende o fenômeno constitui a sua percepção, que é determinada por diversos fatores influentes, como história de vida, cultura, etc. Acerca da percepção, Merleau Ponty (1996, P.06) descreve que: “(...) não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos destacam e ela é pressuposta por eles”.

Quando o sujeito expressa o real, traduzindo-o para o singular (eu), tal expressão é realizada através de códigos de representação, tornando-se percepção, já que assume uma conotação individual. Esta individualização compõe a percepção, que é singular em cada sujeito e é determinada pelos seus conhecimentos prévios, seus valores, sua cultura e sua história de vida. Merleau Ponty (1996, P.231) argumenta que a “síntese perceptiva é uma síntese temporal; a subjetividade, no plano da percepção, não é senão a temporalidade, e é isso que nos permite preservar no sujeito da percepção a sua opacidade e sua historicidade”. Dake, Price e Telljohann (2003) acrescentam a importância de considerar a percepção dos estudantes em relação ao *Bullying* para verificar a amplitude do problema e as possíveis táticas de intervenção, visto que as percepções dos alunos contribuem para deter ou promover o comportamento negativo.

A categorização foi realizada de acordo com as respostas obtidas. A possibilidade de responder livremente fez com que a fala de alguns participantes se encaixasse em mais de uma categoria nos temas abordados. Esse processo, passagem dos dados brutos a dados organizados, permitiu reunir um número de informações por meio de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los. Após análise dos relatos surgiram categorias distintas para cada tema, conforme Tabela 01.

⁷ Grifos da pesquisadora para melhor identificação das temáticas investigadas.

Tabela 01 – Descrição das temáticas e categorias resultantes da Análise de Conteúdo.

TEMÁTICA	CATEGORIA
Entendimento sobre <i>Bullying</i>	1. Comportamento Agressivo 2. Desrespeito ao Sujeito 3. Preconceito
Reconhecendo o comportamento de <i>Bullying</i>	1.Reconhecendo o comportamento 2. Não reconhecendo
Identificando os atores de <i>Bullying</i> no território universitário	1. Vítimas 2. Agressores
Território universitário facilitador de <i>Bullying</i>	1.Território universitário facilitador de <i>Bullying</i> 2. Território não facilitador
Ação de intervenção ao <i>Bullying</i>	1. Desenvolvimento de ações de intervenção ao <i>Bullying</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

5.1 TEMÁTICA 01: Entendimento sobre o *Bullying*

Esta temática trata das concepções e sentidos atribuídos ao *Bullying* pelos universitários entrevistados. A percepção de *Bullying* pode depender de inúmeras variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, dentre outras, e da forma como os estudantes se relacionam no ambiente universitário. Assim, após os primeiros contatos formais, os universitários foram unânimes ao afirmarem já terem escutado sobre o tema, portanto, este não foi um assunto desconhecido por nenhum dos entrevistados.

Conforme os relatos abaixo, o conhecimento acerca do fenômeno se deve ao fato de que o *Bullying* é um assunto atual, divulgado na televisão, na escola (ensino fundamental) e que ganhou maior proporção:

“Sim! Já sim! Na verdade, a gente escuta isso sempre né? É um assunto que tá na moda ultimamente... É uma palavra com um termo novo, naturalmente a gente ouviu isso na televisão e tals, e eu já pesquisei sobre” (CEF023).

“Já! Desde pequena né... venho acompanhando isso desde ensino fundamental até a faculdade” (CSF029).

“Bom... esse tema, ele ganhou uma dimensão muito grande nesse momento né...” (CSM010).

Apesar da nomeação *Bullying* ter surgido a partir das pesquisas iniciais de Olweus a respeito deste tipo de violência escolar na década de 70, este tipo de comportamento não é um fenômeno novo. Freire e Aires (2012), afirmam que o *Bullying* é um assunto contemporâneo, no entanto, ao considerar sua presença nos territórios educativos, este já se manifesta muito antes das pesquisas iniciais a seu respeito.

O *Bullying* é um tema atual, objeto de pesquisas em diferentes abordagens disciplinares e perspectivas, que tem sido amplamente divulgado através das mídias sociais por meio de notícias de acontecimentos e tragédias, bem como lançamento de filmes e seriados de televisão com explanação acerca do tema. Seixas (2006, P. 18) afirma que: “Encontramos o seu eco em notícias televisivas ou jornalísticas, que relatam não só episódios de violência nas escolas, como também manifestam o desconforto decorrente e a crescente preocupação com a identificação das suas causas e/ou fatores associados.

Essa afirmação pode ser reforçada pelo fato de que com a crescente onda de distintos tipos de violência nas escolas e universidades em variados países, juntamente com a velocidade e a forma com que as informações são divulgadas e principalmente com a exposição de suas terríveis consequências, o *Bullying* se tornou mundialmente conhecido e temido por educadores, pais, alunos e demais envolvidos com a educação. Através dos relatos iniciais dos universitários nesta pesquisa, pode-se notar que a nomenclatura *Bullying* é percebida como um termo relacionado à violência escolar, que se manifesta de várias formas e, possivelmente já foi vivenciada por todos os universitários entrevistados em algum momento de sua vida escolar.

Com base na análise de todas as respostas dos universitários acerca deste tema, identificou-se três categorias: *Comportamento Agressivo*, *Desrespeito ao Sujeito* e *Preconceito*⁸.

CATEGORIA 1: Comportamento Agressivo

Essa categoria apresenta o entendimento que universitários demonstraram possuírem a respeito de *Bullying*, identificando-o como comportamento agressivo. Inicialmente, o comportamento, de acordo com Skinner (2003, p.16), é uma característica primordial dos seres vivos e de extrema complexidade: “O comportamento é uma matéria difícil, não porque seja inacessível, mas porque é extremamente complexo (...) é mutável, fluido e evanescente, e por esta razão, faz grandes exigências técnicas da engenhosidade e energia do cientista”

Este mesmo autor também discorre sobre o comportamento verbal afirmando que este também é comportamento: “As palavras e as sentenças que compõe uma língua são chamados instrumentos usados para expressar significados, pensamentos (...)Uma concepção muito mais produtiva é a de que o comportamento verbal é comportamento”

Alguns autores (BANDURA, 1973; BLOS, 1996; BERTÃO, 2004) discutem que a agressividade pode ser um fator inerente aos seres humanos, sendo essencial para sobrevivência, desenvolvimento, defesa e adaptação tanto de grupos de animais e indivíduos que utilizam de tal instrumento para alcançar objetivos e recursos, construção de espaço interno e criação de vínculos assim influenciando o ambiente nos quais se relacionam. Acerca do comportamento agressivo, Lisboa (2005) o define dizendo que é todo comportamento que visa a causar danos ou prejuízos em alguém, e este é derivado das interações entre as pessoas, e ambiente físico, social e cultural nos quais se relacionam.

⁸ Grifo da autora para melhor identificação das categorias apresentadas.

Em relação ao *Bullying*, desde as primeiras pesquisas a respeito do tema, Olweus (1993) descreveu que “a agressividade é uma das características deste tipo de violência escolar”. Posteriormente, outros estudiosos também destacaram que este é um fator intrínseco do *Bullying* (FANTE, 2005; CONSTANTINI, 2004; TAVARES, 2003).

Isto posto, segundo os dados obtidos na pesquisa, é possível identificar que as percepções dos universitários relatadas a seguir, vem em afinação e acordo com as conceituações existentes na literatura, descrevendo o *Bullying* como comportamento agressivo:

“Bullying é quando da partida agressão verbal... ou até mesmo podendo ter uma agressão física... é quando você pode ferir uma pessoa tanto com palavras quanto com atos, que pode deixar essa pessoa...como posso dizer... a palavra... é, no caso, que vai dificultar o convívio dela com outras pessoas em qualquer ambiente...” (CSF029).

O relato acima aponta uma síntese da conceituação de *Bullying* sob a percepção da universitária. Não obstante, possa existir uma dificuldade em reconhecer um comportamento agressivo, pois é um processo complexo e sob a influência de diversos fatores, este pode ser identificado através do contexto em que se manifesta e de suas especificidades, com diferentes tipos de manifestações, do verbal ao físico, direta ou indiretamente. Aqui, entendido como um comportamento que é aprendido, seja por circunstâncias diretas, instrucionais, seja por observação de padrões familiares, exemplos, princípios e valores que são fornecidos intencionalmente ou acidentalmente, esse comportamento pode ser percebido e identificado nas relações entre os universitários, e é dotado de intencionalidade para causar danos e sofrimento.

Segundo Seixas (2006), há diversas formas de agressividade pela qual o *Bullying* se manifesta, podendo ocorrer de maneira física, verbal, relacional, psicológica e sexual, se expressando direta e indiretamente através de variados tipos de comportamentos.

Assim, outro ponto interessante a se destacar nos relatos dos universitários diz respeito às percepções que eles apresentaram a respeito das formas e expressões do *Bullying*. Na fala abaixo, pode-se notar que o universitário identificou o fenômeno como um comportamento agressivo que pode ser físico ou verbal:

“Bullying é quando uma pessoa sofre algum tipo de agressão seja física, seja verbalmente...” (CEF041).

Acerca da violência física, essa é notadamente mais presente nas relações entre crianças e adolescentes, sendo o tipo mais fácil de se observar e reconhecer, pois, envolvem ações como chutes, empurrões dentre outras ações agressivas. Lopes (2005). Berger (2007) e Rolim (2008) dizem que a agressividade física tem a tendência de ir diminuindo com a idade. Middleton-Moz, Zawadski (2007), corrobora com essa afirmação:

“(...) quando essas crianças ficam mais velhas, o *Bullying* pode se tornar mais sofisticado: brigas verbais, e físicas, intimidação, espalhar mentiras e boatos, exclusão, danos à propriedade e roubo; implicar com os outros em função de sua aparência ou comportamento, de suas roupas ou de seu local de moradia” (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007, P.77-78).

Assim, destaca-se que o *Bullying*, praticado através da violência física, não foi identificado em nenhum dos relatos dos universitários e, por isso, não se torna possível explicar sobre esta tipologia de *Bullying* nesta pesquisa. Entretanto, considerando que a agressão verbal é mais presente em alunos mais velhos e incluem práticas que consistem em insultar, apelidar, humilhar seja por diferentes motivos como classe social, raça, religião, dentre outras (ROLIM, 2008), esta forma de agressividade pela qual o *Bullying* se manifesta, foi facilmente identificada nas exposições dos universitários.

Os relatos abaixo indicam que além da agressividade física ou verbal, o *Bullying* também se manifesta por agressões relacionais e psicológicas de forma sutil:

“Ele é um ato... seja agressão verbal ou física, né? É daquilo que vai mexer tanto com o físico da pessoa, que vai machucá-la, quanto também o psicológico” (CHF007).

“Bullying é pessoas colocando outras pessoas em situações de constrangimento ou de vergonha, ou de dor física ou psicológica, que expõe a figura dela, a imagem né, e sua intimidade para outras pessoas (...) Ele pode ser sutil, muitas vezes ele é sutil! Com isso as pessoas não percebem e quando as pessoas não percebem, a vítima sofre muito mais. Por que a vítima fala que sofre, mas ninguém percebe, então a vítima sai como a neurótica e louca” (CEF023)

“Normalmente é agressivo, mas as vezes é sutil...” (CEF023).

Segundo Valentim (2010), com o passar dos anos, das séries cursadas pelos estudantes, as formas de *Bullying* passam a ser mais “dolorosas”, mais sutis. Há menos manifestações da violência física e mais da violência velada, isto é, torna-se mais usual o uso da violência indireta. A este respeito, de acordo com os dados obtidos, é importante caracterizar que a manifestação

do *Bullying* na universidade se apresenta de forma indireta, isto é, o alvo não é atacado diretamente, e por este motivo, muitas vezes as manifestações são sutis e implícitas.

As agressões relacionais são aquelas que prejudicam o relacionamento entre os próprios alunos como ignorar as tentativas de aproximação do aluno, exclusão de atividades e relacionamentos, rejeição da presença e não aceitação em diferentes atividades deliberadamente, manipulação de relacionamentos, destruição de reputações, dentre outros (BERGER, 2007; BEANE, 2010).

Aproximando essa afirmação da realidade dos universitários, destaca-se o seguinte relato:

“(...)é quando você pode ferir uma pessoa tanto com palavras quanto com atos... que pode deixar essa pessoa... como posso dizer... a palavra... é no caso, que vai dificultar o convívio dela com outras pessoas em qualquer ambiente” (CSF029).

Mediante o relato acima, vale-se relacionar à literatura que vem a ratificar com essa percepção e descreve os possíveis danos que podem ser causados em decorrência desse tipo de comportamento. Constantini (2004, p.69) diz que os atos realizados por meio do *Bullying* são “são repetidamente impostos a indivíduos mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização”.

Farrington (1993) valida que o fenômeno *Bullying* é um comportamento de caráter repetitivo, de natureza física ou psíquica, de uma pessoa com menos poder, por outra com mais poder e destaca seis elementos centrais que definem o fenômeno:

- 1) Práticas de agressão física, vertical ou psicológica (intimidação)
- 2) O agressor é mais poderoso ou pelo menos, assim é visto pela vítima
- 3) Há a intenção de causar medo e\ou dor à vítima
- 4) A agressão não é provocada pela vítima
- 5) As agressões são repetidas e
- 6) Os agressores alcançam o resultado desejado.

Por meio das percepções identificadas pelos universitários e associada às contribuições dos pesquisadores citados acima, torna-se possível identificar que no território universitário ocorrem reiterados comportamentos agressivos sistemáticos, diversificados e intencionais que

estão presentes nas relações de poder existentes entre os universitários, onde o poder se apresenta distribuído de forma desigual.

Raffestin (1993, P. 52), destaca que o poder “se manifesta por intermédio dos aparelhos complexos que encerram o território, controlam a população e dominam os recursos. É o Poder visível, maciço, identificável”. No entanto, para Haesbaert (2004), em qualquer entendimento, o território está ligado ao poder, mas não apenas à noção de Poder (com letra maiúscula). Ele se refere ao poder mais simbólico, isto é, o poder existente nas relações entre os sujeitos

Isto posto, de acordo com os dados da pesquisa, é possível identificar que na universidade, ocorrem relações de poder tanto na questão entre os responsáveis pela instituição e demais funcionários, por ser regida por regras e formas de controle e organização, bem como relações de poder entre os próprios universitários, manifestada através de comportamentos cotidianos em relações desiguais onde a violência simbólica se evidencia perante outras.

Os dados obtidos nessa temática inicial foram valiosos, pois descreveram percepções a respeito do *Bullying* que foram adquiridas empiricamente dentro do território universitário com a descrição da agressividade intencional presente nesse tipo de comportamento, bem como as formas e expressões com que este se manifesta. Em relatos sinceros e marcantes, os universitários apresentaram situações em que ocorreram condutas alarmantes que, mesmo encobertas por comportamentos tidos como normais, são demonstrações de violência dentro da universidade.

CATEGORIA 2: Desrespeito ao Sujeito

Nesta categoria, a percepção de *Bullying* está relacionado ao desrespeito, ou seja, nas relações cotidianas não há o reconhecimento do outro como sujeito de direitos e dotado de intrínseca dignidade.

Segundo Arendt (2001) todas as pessoas são as mesmas, isto é, são humanas, no entanto não há uma só pessoa igual à outra que já existiu, existe ou venha a existir pois todas as pessoas são diferentes pois possuem características, convicções, crenças, valores, etc. Assim, considera-se que o território universitário é propício à convivência entre diversidades. Para GARCIA, VECCHIATTI, MARTA, 2013, o ambiente de ensino superior é por excelência, destinado à diversidade, um local que se destina a ensinar TODOS, que, portanto, devem respeitar o próximo para que possam respeitar a si mesmos.

Com os dados obtidos nas entrevistas, identifica-se a percepção dos universitários relacionando o *Bullying* ao desrespeito, também se caracterizando como um comportamento agressivo que afeta as relações sociais, comprometendo a empatia, compaixão e o respeito ao próximo.

“O Bullying, se for analisar, é tudo aquilo que você falta a respeito ao seu próximo...”
(CSM010).

“Isso tudo pra mim gera uma falta de respeito ao ser humano. Quando você agride a pessoa, tanto verbalmente, de uma coisa que ela não gosta e quando chega ao físico também, né? Ai é realmente um desrespeito” (CHF007)

Com os dados adquiridos neste estudo nota-se que a percepção de *Bullying* associada ao desrespeito significa o não reconhecimento do próximo. Os agressores utilizam provavelmente de distintos procedimentos e artifícios, que direta ou indiretamente, atacam e prejudicam os próprios colegas. Não há um só motivo para que ocorra o ataque gratuito, possivelmente, basta ser diferente, seja por classe social, raça, opção sexual e quaisquer características físicas ou psicológicas. O desrespeito surge muitas vezes devido à intolerância ao diferente. O individualismo e posturas egocêntricas e exclusivistas são o oposto de um comportamento fraternal que visa relacionamentos saudáveis e pacíficos.

Desdobrando a percepção de *Bullying* como desrespeito, é importante destacar que uma identificação bastante presente nos relatos foi de que o fenômeno pesquisado também se manifesta muitas vezes através de supostas “brincadeiras”. No entanto, antes de mais nada, é necessário a compreensão do conceito e dos critérios do *Bullying* e assim ter cautela na observação do comportamento afim de diferencia-lo de brincadeiras pontuais sejam elas engraçadas ou irritantes, comentários e discussões, entre outras possibilidades, que fazem parte de relações interpessoais cotidianas. Silva (2009, p.187) alerta que: “(...) é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem.

Nos relatos abaixo, os universitários revelam a proximidade do *Bullying*, que muitas vezes se confundem, com brincadeiras e apontam para a gravidade de suas consequências:

“(...) às vezes aquela coisa mais banal, aquela brincadeira que você acha de certa maneira que é coisa simples, mas a longo prazo ela pode gerar um constrangimento àquela pessoa que você tá fazendo a brincadeira, tão grande que pode acontecer coisas até piores para aquela pessoa que está sofrendo...” (CSM 010)

“(...) porque é um termo muito usual, muito atual e que muita gente leva na brincadeira, acha que o Bullying é uma brincadeira, mas na minha visão é algo muito grave, você pode ferir tanto moralmente, quanto vários fatores naquela pessoa.”
(CEM 039)

Em outro relato, o universitário aponta para as brincadeiras também forma de apelidos:

“Ah, eu imagino quando uma pessoa ultrapassar os limites da intimidade com outra pessoa e abusa da pessoa, né? Colocando apelidos, deixa eu ver... as vezes nem colocando apelidos, mas sempre, sei lá, rindo da pessoa. Deboche” (CHM 019).

A este respeito, Oliveira e Votre (2006) advertem que:

O **Bullying** verbal baseia-se no realismo linguístico, no sentido de que as vítimas são apelidadas, normalmente, a partir de um traço físico, de performance, ou psicológico, que as diferencia dos demais e que o apelido põe em destaque, de forma caricatural (...). Os rótulos discriminadores, de base metafórica, são criativos, provocam o riso e a diversão dos circunstantes, e se não fossem trágicos, poderiam ser considerados manifestações da arte da linguagem na interação cotidiana” (OLIVEIRA e VOTRE, 2006, p. 175).

Os relacionamentos interpessoais entre alunos apresentam um leque diversificado de comportamentos onde os indivíduos detentores de poder se colocam em posição de superioridade perante outro de formas agressivas e não explícitas: Através dos relatos dos universitários, é possível identificar que o *Bullying* apresenta-se muitas vezes de forma disfarçada, através de comportamentos insuspeitos revestidos de normalidade e aparentemente divertidos e espirituosos, que são usados como um pretexto para não assumir seu caráter agressivo e assim atacar suas vítimas de forma indireta e repetitiva. Assim, Garcia, Vecchiatti e Marta (2013, p.266) assevera que “ não cabe confundir o *Bullying* com brincadeiras de mau gosto tida como naturais. Brincadeira é tudo aquilo que diverte sem causar sofrimento.”

Assim, conclui-se que comportamentos agressivos e repetitivos velados por aparentes graças, chacotas e gozações são presentes no dia a dia nas relações entre alunos, mas, além de sua notória normalidade, eles na verdade são uma afronta à dignidade das vítimas que sofrem esta contrariedade repetidamente. Portanto o desrespeito se torna visível entre os alunos, reforçando a relação de poder existente entre eles, onde o autor demonstra sua superioridade, força e eficácia em seus atos mesmo sendo através de comportamentos violentos indiretos e covardes.

De acordo com Valentim (2010), o desrespeito são atos de violência, ações físicas e não físicas, que por meio do uso da forma acarreta um constrangimento físico e moral. A percepção do desrespeito proporciona reflexão sobre suas causas, consequências e intencionalidades.

Portanto, uma mudança de comportamento com respeito mútuo e às diferenças podem vir a extinguir esse tipo de violência:

Somente é possível compreender a reciprocidade se a pessoa conseguir se colocar no lugar do outro e valorizar o respeito mútuo (ao mesmo tempo em que quer ser respeitada, trata o outro com respeito também ver a si e ao outro como valor). Por meio de regras impostas da falta do diálogo, da ausência da cooperação, é dificultado o exercício de se colocar no lugar do outro, de desejar ao outro o mesmo bem que quer pra si (VALETIM 2010, p.31).

CATEGORIA 3: Preconceito

Essa categoria refere-se à percepção de *Bullying* associada ao preconceito. O preconceito diz respeito a um fenômeno complexo e dinâmico que se constrói na mediação entre indivíduo e sociedade. É na falta de respeito ao próximo e na agressividade nos comportamentos que o *Bullying* e o preconceito se entrelaçam e caminham juntos causando sofrimento.

Para Pereira (2012), ao se analisar este tipo de violência aqui discutida, o problema se relaciona a uma questão de preconceitos, discriminação social e étnica e desrespeito à diversidade sexual. Sendo assim, torna-se necessário que estes fatores sejam analisados, não apenas mencionados. Antunes e Zuin (2008) destaca que de maneira alguma o *Bullying* uma simples manifestação da violência, mas se remete ao preconceito principalmente a fatores sociais e funções psíquicas.

Oliveira (2007) diz que os agressores buscam pessoas, para serem suas vítimas, que possuam característica que sirva de foco para suas agressões. Constantini (2004), Fonzi (2004) e Theóphilo (2005) acrescentam que essas características podem ser quaisquer diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridas, como por exemplo: obesidade, baixa estatura, deficiência física, ou outros aspectos culturais, étnicos ou religiosos. Neste estudo, os dados obtidos foram de acordo com a literatura apresentada.

Com a análise dos dados, identifica-se que a percepção dos universitários acerca do *Bullying* relacionado ao preconceito, seja por fatores econômicos, sociais, culturais e particulares, dentre outros:

“Bullying é quando uma pessoa sofre algum tipo de agressão, seja física, seja verbalmente, agressão sobre tipo da cor da pele, cor do cabelo, se é homossexual ou não, se vem de cidade do interior ou não” (CEF041).

“Eu imagino Bullying de uma seguinte maneira, é uma forma de preconceito, seja racial, seja por deficiência física ou por qualquer que seja, religião, ou mesmo vergonha, condições físicas ou psicológicas de um indivíduo, que seja motivo de chacota para outras pessoas” (CEM040)

O preconceito é uma forma com que os agressores direcionam sua agressividade contra aqueles que eles pormenorizam em relações desiguais de poder. O *Bullying* não é somente o desrespeito às diferenças, compreende os mais diversos tipos de preconceitos existentes na sociedade, que existem além dos muros da universidade. São conceitos e afirmações individualistas, pré-concebidas, incoerentes baseadas em julgamentos irracionais.

Outro apontamento dos universitários foi acerca do constrangimento que as vítimas sofrem com o preconceito:

“(...) é quando uma pessoa tem algum defeito que pra ela é qualquer motivo, qualquer fala ela já se sente constrangida... qualquer defeito seja físico ou até mesmo no modo de falar... tem alunos da minha sala que evita até conversar por causa que os outros vão ficar zoando por causa da voz” (CSF001)

A fala acima mencionada se relaciona com o apontamento feito por Silva (2010, p. 21) acerca constrangimento resultante do preconceito relatando que a violência pode ocorrer de forma despercebida, tais como “agressões físicas, ofensas, preconceitos, discriminações, humilhações, de pedra ações. nas relações sociais...”.

Não menos importante a ser destacada é a ocorrência de preconceito oriundo das relações de poder entre os próprios alunos:

“É qualquer tentativa que você faça no intuito de denegrir a imagem da pessoa, persuadi-la por uso de algum cargo ou uma posição hierárquica superior ou por razão de alguma característica física ou um determinado grupo étnico, essas coisas...” (CSM031)

A violência não está ligada somente agressões explícitas e diretas, mas a constantes intimidações enraizada nas relações poder, neste caso identificadas como violência simbólica. Assim, Guimarães (1996, p. 81) diz que não se pode isentar a escola da violência, no entanto, também a estrutura familiar, pois “ (...) a violência que é gerada dentro da própria escola, não apenas porque ela é uma instituição homogênea e controladora... mas também porque ela é a expressão de grupos em permanentes conflitos”. O *Bullying* se aproxima do preconceito à medida que é intolerante às diferenças nas relações interpessoais e no território universitário

isso não é diferente. Com o preconceito decorre o processo de exclusão atribuídos pelas características pessoais, pejorativas e sem fundamento afim de justificar comportamentos agressivos, opressores.

5.2 TEMÁTICA 02: Reconhecendo o comportamento de *Bullying*

Esta temática aborda o reconhecimento ou não do comportamento de *Bullying* dentro da universidade. Este reconhecimento está intimamente relacionado com a concepção do aluno a respeito do fenômeno e também através do seu ponto de vista, isto é, da forma como vivenciou o *Bullying* no ambiente universitário.

Por um lado, mesmo se tratando de diferentes universitários com díspares pontos de vista, os relatos apresentados que identificam o fenômeno demonstram que as ocorrências do *Bullying* na universidade são condizentes com os conceitos apresentados pela literatura e que também foram relacionados pelos próprios estudantes citados na temática anterior. Por outro lado, também há os argumentos dos universitários acerca do não reconhecimento e identificação do *Bullying* dentro do Campus da universidade, devido a não participação ou vivência ou mesmo pela dificuldade de distinguir o *Bullying* dos outros comportamentos que têm características semelhantes.

Fundamentado nas respostas sobre essa temática, indicou-se duas categorias: *Reconhecendo o comportamento e Não reconhecendo*⁹.

CATEGORIA 1: Reconhecendo o comportamento

Essa categoria aponta os discursos de reconhecimento da manifestação de *Bullying*, isto é, expõe os argumentos e relatos dos universitários que reconheceram a existência de *Bullying* dentro da universidade. Através das narrativas, torna-se perceptível identificar que os universitários nortearam-se a partir da individual concepção e conceituação a respeito do *Bullying*, bem como do reconhecimento do papel que assumiram perante as ocorrências, isto é, a forma como se viram durante os acontecimentos relatados. Assim, as falas abaixo apresentam diferentes discursos a respeito dos episódios que permeiam sob o ponto de vista do expectador, vítima ou agressor, ou também se alternando entre esses papéis.

⁹ Grifos da autora para melhor identificação das categorias apresentadas.

Para iniciar a discussão e apontamentos referentes a essa categoria, apresenta-se, abaixo, relato de uma universitária que reconhece a manifestação do *Bullying* na universidade, e o descreve sob os olhares de vivências, como expectadora e vítima, e relatando aspectos cruciais do fenômeno:

“Acontece normalmente! Ninguém cresce só porque entrou na faculdade, ninguém deixa de ser babaca só porque entrou na faculdade, isso acontece, corriqueiramente. Todos os dias eu vejo e já sofri Bullying também...” (CEF023).

Essa universitária destaca que o *Bullying* não é algo característico somente da fase escolar, mas que permeia a graduação. Sob o ponto de vista como expectadora, destaca a ocorrência frequente do fenômeno que se manifesta no dia a dia dos universitários. E, sob o papel de vítima, descreve seu drama vivido:

“No meu primeiro período desse curso, tinha um menino da sala que, além de fazer Bullying comigo, eu não sei se esse é o termo, mas, além disso, ele era: machista, sexista, exógeno e ainda era homofóbico. E ele, várias vezes, me colocou em situações de constrangimento na frente da turma, né(...)isso era super constrangedor e além do quê, toda vez em que eu falava na frente ou para apresentar algum trabalho, ele me interrompia e fazia piadinhas. Isso foi durante um período, porque depois, ele saiu do curso né, Graças a Deus!” (CEF023).

A respeito deste relato, algumas observações se tornam elementares. A universitária expôs com sinceridade e detalhes as situações pela qual vivenciou mais intimamente o *Bullying* na universidade. No seu discurso, é notório e fácil identificar os aspectos conceituais de *Bullying* como sendo comportamento agressivo, intencional, que ocorre, repetidamente, por algum tempo, e também outras características do fenômeno e sua ligação com desrespeito e diversos tipos de preconceitos. Portanto, certifica-se, inicialmente, que as situações relatadas comprovam a ocorrência do fenômeno nas relações de poder entre os estudantes no território universitário.

A respeito do território, Haesbaert (2004, P.95-96) diz que este possui um duplo sentido, material e simbólico, portanto, em qualquer interpretação a seu respeito, o território tem a ver com o poder, seja ele explícito (dominação), como também simbólico, isto é, “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômico mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. E ainda acrescenta que “(...) todo

território funcional tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que pareça, e todo território simbólico tem sempre algum caráter funcional...” HAESBAERT (2014, P. 61).

O território na dimensão funcional (material-concreta) refere-se ao seu papel enquanto recurso (como por exemplo o petróleo e outros recursos naturais) e o poder apresenta-se na condição de dominação do espaço para que se obtenha total controle e valorização daquilo que o espaço oferece (recursos) (HAESBAERT, 2014). Já a dimensão simbólica do território tem sua fundamentação na dimensão simbólica do poder, tal como proposto por Pierre Bourdieu (1989) e se caracteriza na imposição ilegítima de cultura estando presente em todas as partes da sociedade, inclusive nas escolas. Santos (2008) destaca que o entendimento desse conceito é imprescindível para compreender as relações de poder existentes na escola e na sociedade em geral.

Pierre Bourdieu (1989, P. 15): “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder.”. Acerca dessa conceituação proposta por Bourdieu, Catani et al. (2017) explica que

O simbólico pode ser visto como aquilo que não precisa ser ou não está explícito, porém, que constitui uma estrutura operante na formação das disposições dos indivíduos para perceber, apreciar e agir no mundo social. Para ser eficaz, o poder precisa adquirir a forma de desconhecimento e de reconhecimento, de enraizamento no corpo de estruturas de dominação social e historicamente forjadas, atuantes para gerarem uma ordem social. Tal ordem se inscreve nas relações de força, sendo tomada como ordem natural das coisas (CATANI ET AL, 2017, p. 292-293)

Diante do exposto, entende-se que as relações de poder estão enraizadas nos comportamentos humanos em todas as vivências entre as pessoas, inclusive, entre os próprios universitários. Entre estes, o poder se manifesta de forma implícita, muitas vezes, descaracterizada e anônima, que se relaciona com noções de violência manifestadas nas entrelinhas, isto é, violência encoberta e indireta, como pode se verificar nos relatos a seguir.

Sob o olhar do expectador, muitos foram os relatos da ocorrência de *Bullying*, e isso assinala que, por esse ponto de vista, ocorre uma maior facilidade de identificação do comportamento. Tal fato pode ser creditado ao não envolvimento direto do universitário com efetiva participação nas situações expostas, isto é, ele não está intimamente envolvido na situação, como causador ou sofredor dessa violência (agressor ou vítima). Os discursos apresentados sob a visão do expectador apresentam um distanciamento das ocorrências relatadas, mas que não excluem sua participação nos atos:

“Sim, já presenciei e aconteceu no meu curso e na minha sala, isso...” (CEM039).

“Eu já.... já vi alguns casos de Bullying aqui dentro da Universidade, até mesmo por pessoas que eu tinha um contato...” (CSM031).

“Acontece direto, né! Na nossa sala mesmo, tem vários casos...” (CHM011).

Diante dessas falas, cabe, aqui, uma observação acerca dos espectadores. Estes, são a categoria de ator participante do *Bullying*, que presenciam os comportamentos dos agressores contra as vítimas. De acordo com Silva (2015), eles podem ser classificados em três categorias: Espectadores passivos – quando testemunham alguma ação, mas não se manifestam por medo de serem a próxima vítima; Espectadores ativos – que, mesmo não agindo diretamente contra a vítima, manifestam seu apoio aos agressores; e Espectadores neutros – que, apesar de presenciarem os ataques, se omitem não manifestando reação e apoio ao agressor e nem à vítima.

Diante disso, verifica-se que, mesmo não participando, diretamente, do comportamento de *Bullying*, como agressor ou vítima, os espectadores especificados nas três categorias têm sua parcela de participação, mesmo por sua omissão quanto à violência:

Seja lá como for, os espectadores, em sua grande maioria, omitem-se em face dos ataques de *Bullying*. Vale a pena salientar que a omissão, nesses casos, também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa, tal qual a omissão de socorro diante de uma vítima de um acidente de trânsito. A omissão só faz aumentar a impunidade, e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de *Bullying* (SILVA, 2015, p. 45-46).

Não menos importantes que os discursos apontados anteriormente, apresentam-se outros relatos com narrativas sob distintas perspectivas que denotam relevantes elementos e características a serem destacadas:

“(...) presenciar uma forma de Bullying, eu já presenciei, mas foi muito da pessoa que o recebeu, da forma como ela absorveu aquilo ali. Seja numa brincadeira meio que indireta, que a pessoa falou com a outra. É... pelo menos nos que eu presenciei, a pessoa que recebeu, ela largou para lá. Ela não levou para si. Pelo menos, com quem eu convivo, que foi agredido dessa forma. Porque são piadinhas, são as formas de falar...” (CHF007).

“A pessoa, às vezes, não leva muito por esse lado não, né, mas ele não deixa de ser. Mesmo que esteja sendo ofendida, não leva pra esse lado, mas está sendo. Mas é o jeito da pessoa conversar na sala de aula, se pronunciar em público, aí vem a gozação dos colegas na hora em que a pessoa erra. E isso tende a piorar muito a pessoa, né?! Porque ela já tem dificuldade, mas, com essa zoação, tende a piorar a pessoa. Ao

invés de melhorar, tende a piorar. Ela acaba entrando no meio da brincadeira, mas é o que eu falei, não deixa de ser Bullying” (CHM011).

O *Bullying* é, muitas vezes, confundido com outras formas de comportamentos aceitáveis entre os estudantes, e, assim, sua potência e negatividade é subvalorizada e tida como um comportamento normativo. A palavra “brincadeira” é muito recorrente nas falas dos universitários. Na análise das entrevistas, nota-se que os universitários conseguem perceber essa linha tênue entre estes, dois tipos de comportamento, isto é, quando uma brincadeira se torna um comportamento agressivo. Mas é importante esclarecer e diferenciar o comportamento de *Bullying* daquilo que faz parte da ação de socialização ou algo natural dos adolescentes e jovens, para que não haja um equívoco sobre o que é brincadeira e o que não é:

Não é *Bullying* o ato de fazer brincadeiras pontuais engraçadas, imprudentes ou irritantes. Não é *Bullying* fazer comentários ou apresentar opiniões diferentes, discussões ou brigas, entre outras possibilidades próprias das relações interpessoais. Não são *Bullying* os conflitos ou ofensas pontuais, que implicam em mágoa ou raiva passageira. Para que uma ação seja diagnosticada como *Bullying*, é indispensável que contenha os consequentes critérios: repetição das agressões contra o mesmo alvo, desequilíbrio de força ou poder entre partes, intencionalidade nas práticas agressivas, ausência de motivos por partes das vítimas e prejuízos resultantes (SILVA, 2010, p. 3)

Assim, o *Bullying* manifestado sob a camuflagem de zoações, piadas e suposta graça, nada mais é do que uma violência sutil e indireta:

A violência mais sutil é aquela que se apresenta em forma de brincadeira ou sob o argumento de servir como incentivo para alguma providência da vítima. Nesse caso, brincadeira de fato é quanto todos e todas se divertem e acham graça em algo; quando, em uma brincadeira, alguém não se sente engraçado (cheio de graça) e sim desgraçado (sem graça) não é mais brincadeira (CORTELLA, 2013, p. 60).

Saliente-se que a “brincadeira” só se caracteriza como uma manifestação de *violência* a partir do momento em que ultrapassa o limite do respeito ao outro e até mesmo com a possibilidade de causar danos físicos ou psicológicos. É uma violência que deixa seu rastro e suas consequências para os distintos atores envolvidos, como pode ser identificado no relato a seguir:

“Havia um aluno na nossa turma que era muito calado, muito mesmo, só que ele era exemplar em questão de nota e tudo, isso deu brecha para outros fazerem a brincadeira. Só que, às vezes, você brincar é assim, você tem que ter maneiras de brincar com pessoas que são caladas. Então, assim, surgiram, em reunião da turma mesmo, na festa em que a gente organizou, os meninos foram brincar com ele, e ele não gostou muito, chegou até relatar coisa na coordenação, porque foi uma coisa muito grave mesmo(...) mas você tem que ouvir os dois lados, porque, às vezes o que sofreu leva muito a sério e o que cometeu não leva tão a sério assim. Então, o que

aconteceu foi uma brincadeira que ele não gostou, que, por causa disso, feriu a ética dele e ele se sentiu muito incomodado, então, foi relatado, foi pra coordenação, alunos foram chamados pela coordenação, por causa disso. Então, foi uma coisa muito grave que aconteceu, não só uma vez, mas em vários cursos, você vê isso, várias vezes, porque ai, até acontece de o aluno começar a ceder, “ah, não se eu não ficar tão sério, eles vão continuar fazendo. Então, é mais fácil eu aceitar a brincadeira, do que ficar batendo de frente contra isso”, e, às vezes, não é legal” (CEM039).

É importante pontuar sobre o posicionamento da universitária acima mencionada, esclarecendo que nem sempre a violência se apresenta como um ato, ela se insinua, frequentemente, como algo natural que pode passar despercebido. Portanto, é muito difícil saber como o sujeito absorve brincadeiras ou comportamentos, visto que cada pessoa é única, com história e valores distintos.

Outra apresentação do *Bullying* na universidade diz respeito às diferenças entre as pessoas. Não há ninguém igual a ninguém. E acerca dessa essencialidade de cada pessoa ser única no mundo, Skinner (2006, p. 145-146), sob o enfoque de uma análise comportamental, diz que: “Uma pessoa não é um agente que origine; é um lugar, um ponto em que múltiplas condições genéticas e ambientais se reúnem num efeito conjunto. Como tal, ela permanece indiscutivelmente única.

Batista (2011, P.8) complementa que as diferenças estão em todas as partes, sejam elas sociais, culturais, políticas. Diferenças que não param de existir. Portanto, no território universitário, há uma diversidade incrível de pessoas, cada uma com suas particularidades e maneiras. Nesse quesito, há variados relatos de manifestação do *Bullying* que se inicia com a manifestação de poder de quem se acha superior ao outro devido a dessemelhanças existentes.

O Bullying começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspecto, como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais (FANTE, 2011, p. 62).

Assim, constata-se que, independentemente de motivo específico, qualquer diferença entre os universitários é motivo para o *Bullying* ocorrer:

“(…) mas tratando-se de jovens, principalmente, é muito comum isso na universidade, já que nós temos um perfil bastante heterogêneo, diversas pessoas, um choque de cultura que pode levá-los ao envolvimento no Bullying, né, devido a algumas concepções preconceituosas” (CSM031).

O agressor de *Bullying* demonstra ter dificuldades de aceitação das diferenças, e utiliza-se de seu poder nas relações para disseminar seu preconceito e intolerância através de agressões indiretas e dissimuladas contra outros universitários a quem rotulam como diferentes e inferiores.

Souza, Silva e Faro (2015, p.290) afirmam que “como fenômeno social, pode-se estabelecer uma aproximação entre o *Bullying* e o preconceito, uma vez que este último vai definir grupos mais vulneráveis a se tornarem alvos. Essa violência pode ser orientada pelo preconceito racial, religioso, regional ou ainda da diversidade sexual...”. Partindo desse pressuposto, constata-se, neste estudo, a manifestação do *Bullying* devido à opção sexual, e este tipo de preconceito se aproxima da discriminação. Sobre isso, o universitário abaixo relata que:

“Eu vi uma pessoa cometendo um Bullying meio que indiretamente, ainda bem... A pessoa não ficou sabendo da tentativa, mas era em relação à opção sexual, orientação sexual...” (CSM031)

A esse respeito, Silva (2015, p. 167) diz que não há dados estatísticos comprovando esse tipo específico de *Bullying*, mas que “os estudantes que assumem ou demonstram possuir tal orientação sexual sofrem, de maneira mais acentuada, o rechaço e a exclusão dos mais variados grupos de alunos, como também dos professores e de outros profissionais da escola”. E com o relato abaixo, é possível constatar essa informação. A universitária apresenta um relato interessante, apontando a ocorrência de *Bullying* homofóbico devido à graduação ao qual o universitário cursa:

“Ah! Porque meu curso é arquitetura, tem muitos homossexuais, então, assim, tem vários que pintam o cabelo colorido, e, então, era motivo de todo mundo falar. Por exemplo, meu namorado é engenheiro, aí ele fala que arquitetura é 99% mulher e gay. Não tem jeito, é pouco homem mesmo. E mesmo assim, tem homem que faz arquitetura que é homem mesmo, mas fala que faz engenharia, por vergonha” (CEF041).

Outra categoria suscetível de sofrer *Bullying* está ligada à estética. Os padrões de beleza impostos pela sociedade ou cultura são uma das formas para marginalização dos indivíduos que não o possuem. Batista (2011, p. 10) diz que ao analisar o *Bullying* uma de suas classificações é a exclusão social: “É a cultura expressa em palavras, a cultura dos padrões de beleza estereotipados, fortemente presentes na sociedade contemporânea”. A respeito das diferenças físicas, destacam-se os seguintes relatos:

“É sobre a pessoa estar acima do peso. Foram duas situações que, agora, estou lembrando...” (CSM031)

“Tipo de cabelo. Aquela situação em que o cabelo afro, ocorreu essa situação de comentários desnecessários...” (CEM040).

Acerca dos entendimentos de Bourdieu sobre o corpo, Catani et al (2017) explicam que:

*“Na abordagem sociológica desenvolvida por Bourdieu fica claro que a maneira de se estar no mundo se deve a um processo de pertencimento social. O indivíduo é um coletivo encarnado, um social incorporado. A relação do corpo com o mundo é, implícita e explicitamente, ligada à imposição de uma representação legítima do corpo. O corpo social é o corpo do indivíduo portador do *habitus*, uma vez que as disposições incorporadas moldam o corpo a partir de condições materiais e culturais. Este é o processo de socialização, produzindo um ser individual forjado nas e pelas relações sociais, fazendo da própria individualização um produto da socialização” (CATANI ET AL, 2017, P. 133)*

O corpo está conectado às relações sociais, ele se identifica com um modelo estabelecido pela sociedade que resulta na produção da figura de si, e, “reconhecida como sua maneira de ser, o agente não consegue perceber que grande parte do investimento no corpo que visa a sua construção socializada é responsável por determinar sua posição de ocupação no espaço social” (CATANI ET AL, 2017, P. 133). Assim, o corpo com diferenças físicas dos padrões estéticos impostos pela sociedade é um campo alcançado pelas relações de poder com potencial alvo de *Bullying* pela discriminação. Para o universitário a seguir, o *Bullying* também está relacionado a fatores econômicos e de classe social:

“No ambiente acadêmico acontece demais, não só no meu curso, mas em cursos, se tratando do meu curso, por ser de alto valor a mensalidade, você vê muito isso, pois a pessoa é tão humilde que está ali e destoa, chega a destoar da turma inteira... Então, isso acontece sim, tem isolamentos, e a pessoa acaba se unindo a pessoas que são como ela. Aí, chega em situações que chega a dividir a turma. E pessoas que conversam entre si, em uma turma de 50 uns 8 ou 9 conversam isolados dos restantes. Isso acontece, eu já vi acontecer” (CEM039).

Bourdieu (1987) entende que os indivíduos ocupam diferentes posições sociais, e isso lhes dá poder nas relações com os outros, na realidade, as distinções dão poder de umas classes em relação a outras. Sob esse aspecto, percebe-se que as diferenças de classe social e econômica também são ponto de manifestação do *Bullying*, pois o universitário que não tem fatores financeiros condizentes com o ambiente que frequenta (no caso acima, o curso) se torna desigual perante os outros, e acaba sendo, de certa forma, excluído na relação com os demais. O quesito financeiro que indica a classe social do indivíduo é forma explícita de poder nas

relações entre os universitários. Portanto, pode-se concluir que, analisando os discursos apresentados pelos universitários acerca do reconhecimento do comportamento de *Bullying* na universidade, verifica-se que o *Bullying* se fez presente através do desrespeito que está relacionado às diferenças, e anda lado a lado com o preconceito. Para Antunes e Zuin (2008), “indivíduos e grupos alvos de preconceito possuem características determinantes, mas estão longe de serem culpados pela agressividade sofrida. Não há desculpa e motivo para esse tipo de agressão gratuita e sem fundamento”.

Para Berder (2007), há três elementos decisivos para se caracterizar o *Bullying*, aceitos por pesquisadores do mundo inteiro, que são a repetição, o prejuízo e a desigualdade de poder. Levando-se em consideração que o território universitário é abarcado por uma extensa heterogeneidade, é fato que nele acontecem múltiplas relações de poder entre os universitários onde o poder do agressor é superior ao da vítima. Assim, nessa categoria, pôde-se constatar a fácil identificação e prevalência do fenômeno na universidade, por meio da vivência e experiências dos próprios alunos que o identificaram através de situações onde o poder do agressor prevaleceu e se manifestou nos comportamentos de violência indireta enrustidos em brincadeiras, piadas, preconceito, desrespeito, discriminação e intolerância ao diferente.

CATEGORIA 2: Não reconhece o comportamento

Esta categoria aborda os entendimentos dos universitários que não reconhecem a manifestação do comportamento de *Bullying* dentro da universidade. Algumas narrativas demonstraram que o não reconhecimento do *Bullying* baseia-se no fato dos universitários não terem vivenciado ou participado de acontecimentos dentro da universidade.

“Nunca presenciei não, nunca ouvi falar e nunca presenciei, até o momento, não”.
(CSM010)

Todavia, mesmo alegando não terem participado ou vivenciado tal comportamento, houve algumas respostas seguidas de explicações.

A universitária, a seguir, demonstra que sua resposta foi baseada unicamente na sua vivência, assinalando que não há ocorrência de *Bullying* devido ao fato de sua turma já ter uma caminhada extensa no curso, e com conhecimentos necessários para não terem comportamentos inadequados e, em relação a contexto em geral, não demonstra conhecimento devido à sua não sociabilidade no campus e com outros grupos e cursos:

“Eu acho que, pelo menos, na minha sala, não ocorre isso tão claramente, porque as pessoas são politizadas, vamos colocar assim. A gente já está no 6º período, a gente já teve uma caminhada longa. Então todo mundo está ciente do seu direito(...). E, dentro do campus, por ser muito grande, a área é muito extensa, a gente não chega nem a ter contato com os outros, né? Com outros períodos, com os outros grupos. A gente nem conhece, eu nem conheço”. (CHF024)

Em outra entrevista, o universitário faz um apontamento muito interessante, relata que o *Bullying* é uma “modinha”, e as pessoas estão se conscientizando e não estão mais se comportando dessa forma:

“Eu acho que, assim, nos dias atuais, já está chegando a ficar uma coisa padronizada, o pessoal já está tendo a mente mais aberta pra situação, porque desde que virou , vamos dizer assim, “uma modinha” na sociedade, a coisa vem dando uma diminuída não como seria necessário, mas vem melhorando bastante...” (CEM 040).

Identificou-se também a dificuldade do universitário distinguir o *Bullying*. Relata não saber, com precisão, se já presenciou esse fato.

“Olha, eu não participei e, tipo assim, não sei se eu presenciei, porque na minha sala tem uma menina que a galera ri muito dela, até eu mesmo, acho que também... Mas eu não considero que sofre Bullying. Ma, às vezes, a gente fala alguma coisa e as pessoas riem, ela riem, mas, na faculdade, eu já não considero como Bullying, mas quando eu estudei, no ensino médio, aí eu já considerava, porque é diferente, né?” (CHM019)

É interessante notar que em sua fala há uma dúvida sobre a diferença no *Bullying* escolar e universitário. Entende-se que a manifestação do *Bullying* escolar é de forma mais explícita e direta, isto é, a violência e agressividade são visíveis (por exemplo, através de contato físico). Na universidade, não há relato desse tipo de manifestação, e sim, de uma violência velada e indireta na forma de outros tipos de comportamento que ocultam a real intencionalidade que é a de agredir e prejudicar o outro.

Baseando-se numa vasta literatura utilizada neste estudo, o *Bullying* é um comportamento atual que ocorre de forma direta e indireta nos mais variados tipos de escolas em todo o mundo, e é digno de estudos para que se conheçam formas de combatê-lo. Contudo, é importante salientar que a ocorrência desse fenômeno no ensino superior ainda é pouco pesquisada, mas isso não descaracteriza sua existência.

Portanto, pode-se constatar que o *Bullying*, mesmo não sendo identificado facilmente por alguns universitários, devido a não participação dos mesmos, esse procedimento se estabelece no território de forma indireta através de comportamentos agressivos intencionais, desrespeitosos e preconceituosos que se escondem na normalidade de comportamentos do cotidiano universitário. As relações de poder se estabelecem no território universitário de forma cotidiana e corriqueira, seus efeitos podem passar, muitas vezes, despercebidas aos olhos de quem não está por dentro da situação ou não quer se envolver.

5.3 TEMÁTICA 03: Identificando os atores de *Bullying* no território universitário

Nesta temática estão expostas as identificações dos universitários a respeito dos atores de *Bullying*, isto é, dos sujeitos que participam dessa especificidade de comportamento dentro da universidade.

Seixas (2006) diz que:

Qualquer comportamento de *Bullying* é manifestado por alguém (um indivíduo) ou um grupo de indivíduos) e tem como alvo outro indivíduo. Assim sendo, encontra-se sempre subjacente o envolvimento activo de, pelo menos, dois sujeitos, aquele que agride (o agressor) e aquele que é vitimizado (a vítima). Nesta perspectiva, quando ocorre um episódio de *Bullying* ocorre simultaneamente uma situação de vitimização (SEIXAS, 2006, p. 37).

É importante destacar as diferenciações entre os atores do *Bullying*, quem são, e identificar suas particularidades e, mesmo sabendo que caso algum universitário apresente característica de algum tipo de ator não significa necessariamente que esteja envolvido com o *Bullying*, mas podem ser indicadores que devem ser observados. De acordo com Fante (2005) os pesquisadores sobre fenómeno *Bullying* já identificaram os papéis de seus atores e nomearam seus personagens. Isto posto, a literatura demonstra que os atores de *Bullying*, mesmo com distintas nomeações, se apresentam basicamente como agressor, vítima e expectador.

Acerca da identificação dos agentes, esta universitária entrevistada descreve que:

“(...)é fácil identificar dentro de uma sala de aula, por exemplo, como no caso da minha sala de aula de verdade, grupos que eram hostilizados e os grupos que hostilizavam. Eram grupinhos de pessoas que faziam piadas maldosas e grupinhos que evitavam as pessoas por causa das piadas maldosas, por que normalmente elas eram o foco das piadas, eram o motivo das piadas né” (CEF023).

Pegando exemplificação a fala exposta acima, percebe-se que os universitários tiveram dificuldades em nomear os agentes de *Bullying*, contudo, baseado nas narrativas apresentadas, eles descreveram características específicas, e isso fez com que fosse possível realizar uma categorização das características e a identificação dos atores. Assim, apresenta-se as categorias *Vítimas e Agressores*. Constantini (2004, p. 73) afirma que é difícil se livrar da distribuição de papéis, seja para agressor ou vítima e que “A sala de aula é determinante na elaboração do sistema de regras de grupo, segundo o qual há aquele que é intimidado e aquele que deve intimidar, aquele que é testemunha participante”

Torna-se importante ressaltar que, nesta pesquisa, utiliza-se os termos “vítimas” para indicar os atores que sofrem, “agressores” para denominar os agentes que praticam e “expectadores” para os sujeitos que presenciam o *Bullying* na universidade.

CATEGORIA 1: Vítimas

Essa categoria apresenta os atores que foram identificados como vítimas, isto é, aqueles que sofrem com o *Bullying* dentro da universidade. De acordo com Pimenta (2011) as vítimas são um número irrestrito presentes em praticamente todos os ambientes onde há convívio social constante. No território universitário, a vítima de *Bullying* está exposta sofre algum tipo de violência através de diferentes tipos de comportamentos agressivos e intencionais reiteradas vezes por um ou mais agressores.

Como destacado no capítulo II, alguns autores desmembram a categoria de vítimas em outros subtipos. No entanto, com base nos discursos apresentados não foi possível detectar essas subdivisões e descrevê-las no território pesquisado, para isso necessitaria um estudo mais específico e focado nos universitários devidamente identificados como vítimas. De forma compacta pode-se dizer que as vítimas apresentam características de fragilidade, submissão, insegurança, pouca habilidade social, baixa auto estima (FANTE, 2005; OLWEUS, 1993). Não provoca o agressor, possui algum atributo físico ou comportamental que o diferencia dos demais e isso faz com que seja o alvo da violência (TEIXEIRA, 2011). Harris & Petrie (2006, P. 23) complementa que “se sentem sem atrativos, estúpidas e fracassadas. Têm pouco senso de humor e às vezes se descrevem como indivíduos deprimidos”.

O universitário a seguir destaca algumas dessas características gerais das vítimas:

“As vítimas, na sua maioria, eu acho, que são pessoas assim, que têm alguma fragilidade. Sabe? Eu na escola, eu tinha uns apelidos, sabe? Só que sempre, na época, hoje não, hoje eu acho que eu sou bem mais frágil, mas na época eu era a irreverente, então, assim: “ah! Eu sou isso mesmo!”, sabe? Mas eles pegam, em geral, pessoas que já têm aquela fragilidade, que não vão debater, que não vão afrontar, que vão aceitar a situação.” (CHF024)

E continuando com os discursos apresentados relacionados à essa categoria, outro universitário expõe a vivência de uma vítima de *Bullying* dentro da universidade:

“Olha, a gente começou a estudar com a mocinha que ela é... meio devagar, mimada e tal então até eu mesmo às vezes já caí criticando e... por ela ser muito tímida na

dela, parece que foi criada dentro de uma casquinha de ovo, então tudo era motivo pra ela chorar. Já teve caso dela sentar na mesa e os alunos levantarem... então assim ela é uma pessoa muito sozinha e a gente olha e dá até dó! (...) quando dava trabalho em grupo, ninguém queria ela. Ia sair, toda a sala recebia a mensagem, ela não. Pois tinha um grupo no WhatsApp que ela estava, e a sala fez outro grupo que ela não estava, então ninguém comentava no grupo que ela estava, só conversava pelo outro” (CSF001).

Verifica-se que na fala acima há várias características das vítimas, já identificadas por pesquisadores de *Bullying* já referenciados. Dessa maneira, para melhor discussão acerca dos detalhes, enfatiza-se abaixo, algumas frases da narrativa citada acima, para melhor relacioná-las com a literatura e para pontuar alguns pontos que merecem destaques e breve explanação:

“(...) meio devagar, mimada e tal então até eu mesmo às vezes já cai criticando” (CSF001).

O universitário destaca particularidades da vítima e também a forma como que ele reagiu perante ela. A este respeito, Costantini (2004) sugere que as vítimas são pessoas que possuem certa incapacidade de se relacionar e descreve que “são jovens que aparentemente parecem encarar a vida com dificuldade e excessiva passividade, têm poucas habilidades sociais e comunicativas e, principalmente, não cometem ações agressivas...” (COSTANTINI, 2004, P. 61).

“(...) parece que foi criada dentro de uma casquinha de ovo, então tudo era motivo pra ela chorar ...” (CSF001).

Com essa fala, o universitário destaca o comportamento da vítima na sala que se expressava através do choro. É importante que ressaltar que para a violência seja caracterizada como *Bullying*, um dos quesitos é a sua repetição por algum tempo. Assim, com essa recorrência de agressões, as vítimas podem apresentar manifestações de sentimentos como medo, tristeza, angústia, dentre outros. Nesse aspecto, MANZINI (2013, p. 53) certifica que: “A vítima após ser exposta repetidas vezes a ataques de *Bullying* e a comentários pejorativos, passa a ser percebida pelo grupo como merecedora das agressões, como fraca, sensível, perdedora, etc.

“(...) quando dava trabalho em grupo, ninguém queria ela. Ia sair, toda a sala recebia a mensagem, ela não. Pois tinha um grupo no WhatsApp que ela estava, e a sala fez outro grupo que ela não estava, então ninguém comentava no grupo que ela estava, só conversava pelo outro” (CSF001).

O universitário expõe a exclusão da vítima nos trabalhos em dupla/grupo e também no Whatsapp¹⁰.

O fragmento acima citado aponta a manifestação do *Bullying* de forma indireta por meio por meio da exclusão. Esse relato se associa aos conceitos de Norbert Elias (1996), ao identificar os *estabelecidos e outsiders* que são especificados nas relações de poder. Os *estabelecidos* pela superioridade e os *outsiders* por sua exclusão.

Para Oliveira (2007):

Bullying se apresenta sem um motivo aparente, de forma covarde, porque é intencional, apresentando-se numa relação desigual de poder, a fim de tirar a paz de suas vítimas predestinadas e que, ainda, quando não causa seqüelas físicas, pode ter conseqüências psicológicas ou emocionais, porque as atitudes agressivas são intencionais e repetidas, não acontecem a partir de um motivo justo, adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia... (OLIVEIRA, 2007, p. 85)

De acordo com os relatos dos universitários pode-se comprovar que as características apresentadas sobre as vítimas se associam intimamente com a literatura. Notadamente, não há um só motivo que justifique a agressão gratuita e reiterada que as vítimas sofrem. Isso só vem a demonstrar o desigual poder existente nas relações entre os estudantes.

CATEGORIA 2: Agressores

Essa categoria descreve as concepções dos universitários acerca dos atores que realizam o *Bullying*, chamados agressores. O agressor tem seu poder sobre a vítima destacado inclusive entre os demais a partir da imposição de sua força física ou psicológica. “O poder do agressor é exercido pela imposição de autoridade respaldada na sua força física e/ou psicológica que o destaca perante o grupo, transformando-o num modelo de identificação a ser seguido.” (FANTE, 2005, p. 61)

O território universitário é palco de inúmeras e diferentes interações sociais onde as relações de poder são efetivamente presentes, inclusive entre os próprios estudantes. Muitos são os fatores que determinam o comportamento das pessoas e sua relação com o ambiente, tais como fatores culturais, familiares, influência da mídia dentre outros, por isso torna-se impossível citar um só motivo pelo qual um estudante torna-se um agressor de *Bullying*.

¹⁰ Rede social de comunicação via Internet.

Estes atores de *Bullying*, chamados aqui de agressores, possuem características que os distingue dos demais pois são eles quem praticam o comportamento, agindo de forma consciente e persistente em suas agressões, sem medir as consequências de seus atos. Fante (2005) descreve que “o agressor sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante ao poder e a ameaça de conseguir aquilo que se propõe”.

As falas abaixo evidenciam o poder do agressor e o desejo manifestação de superioridade em relação à vítima:

“Pessoa sem doce, pessoa sem amor próprio, pessoa que tem a necessidade de diminuir o outro pra se exaltar. Aquela pessoa que de certa forma admira o outro, não pensa da maneira que age, mas tem a necessidade de fazer isso pra se sentir maior” (CEM 040)

“é... a pessoa que comete Bullying sempre ou na maioria dos casos ela não compartilha da característica da qual é alvo do Bullying naquele individuo ela tem algo a favor dela que ela considera ser melhor que o outro.” (CSM 031)

Na relação entre agressor e vítima, são eles os maiores detentores de poder. Para a escolha de suas vítima, basta um quesito: a diferença. Manifestar seu “poder” em cima de quem ele julga mais fraco, pois se difere em algum quesito, é uma forma covarde de agredir alguém que não fez nada que justificasse. Silva (2015) esclarece que :

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais fracos como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso invariavelmente produz, alimenta e até perpetua muito dor e sofrimento aos vitimizadas (SILVA, 2015, p. 19)

No relato abaixo, o universitário descreve que:

“(...) geralmente gente que faz ou com gay ou com pobre, é uma própria insatisfação com si mesmas. Pessoas mal resolvidas, sabe? Não é nem por falta de formação cultural, não é nem por falta de estrutura familiar...” (CHF 024)

Ao se comportar de forma agressiva intencional contra o que não se aceita, o agressor evidencia o lado preconceituoso e desrespeitoso presentes na manifestação do *Bullying*. Comportamentos como os caracterizados no relato acima destacam que o agressor tem uma nítida insensibilidade em relação à sua vítima. Para demonstrar o seu poder, o autor de *Bullying* se utiliza de todos os meios ofensivos, e ao contrário do que se espera de universitários “maduros”, eles não

apresentam nenhuma maturidade ou habilidade social para ter o mínimo de respeito perante o seu próximo.

No relato a seguir, o universitário destaca o comportamento social do agressor:

“(...) mas pra mim... uma pessoa, quando ela comete Bullying ela está sempre acompanhada de algum aliado... porque acho que, pra mim ela sempre precisa de um reforço porque às vezes ela consegue te ferir, mas ela precisa ter alguém pra estar aplaudindo pra tá achando legal aquilo que ela tá fazendo... pra dar força e dar incentivo pra aquilo.” (CSF029)

A este respeito Skinner (2003) diz que “o comportamento verbal sempre acarreta o reforço social e deriva suas propriedades características desse fato. (...) No campo do comportamento social, dá-se importância especial ao reforço com atenção, aprovação, afeição e submissão” (SKINNER, 2003, P. 327). Assim, pode-se caracterizar que, sendo o comportamento social entendido como comportamento que ocorre entre duas ou mais pessoas, que interagem entre si, é notório que o *Bullying* é um comportamento que se apresenta nas relações e por isso o agressor nunca está sozinho, pois mesmo que realize o ato sozinho, na plateia estão os espectadores que muitas vezes sinalizam aprovação em concordância com a atitude do agressor ou até mesmo por medo dele. A atitude de apoio ou conveniência do espectador reforça positivamente o comportamento do agressor fazendo com que aumente a probabilidade desse tipo de comportamento acontecer novamente.

Nos relatos a seguir, surge o termo “brincadeira”:

“É difícil você descrever o perfil de uma pessoa que comete Bullying, pelo menos na minha concepção... você observa através de brincadeiras mesmo... mas que são brincadeiras que no fundo elas têm uma outra intencionalidade...” (CSM 031).

“Muitas vezes essas pessoas que praticam o Bullying com outras pessoas, elas são: machonas, metidas a engraçadinhas, elas são metidas a espertinhas, elas gostam de fazer piadas com todo o mundo e normalmente eles pegam uma pessoa por vez ou um grupo por vez. Então esse grupo é hostilizado por essa pessoa ou o grupo dessa pessoa. (CEF 023)

Novamente, nos relatos dos universitários, o termo brincadeira se destaca. Comportamento de violência indireta mas com a intenção de expor, constranger e agredir a vítima. Uma violência dura e covarde que também destaca o perfil imatura do agressor. Silva (2015, p. 65) descreve que “Individualmente, os jovens refletem, no dia a dia, a cultura na qual estão inseridos. Eles

apresentam um comportamento repleto de elementos infantis, egocêntricos e transgressivos, marcado por uma busca contínua e desenfreada de compensações e gratificações imediatas”

5.4 TEMÁTICA 04: Território universitário facilitador de *Bullying*

Essa temática apresenta os entendimentos e opiniões dos universitários a respeito da universidade ser um local propício para manifestação do *Bullying*. Inicialmente, destaca-se a contribuição de Fante (2005) ao dizer que:

(...) a conscientização e a aceitação de que o *Bullying* é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarado como fonte geradora de inúmeras formas de violência, são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares” (FANTE, 2005, p. 41).

Com base nos discursos apresentados pelos universitários, chega-se a duas categorias: “Território facilitador”, indicando os entendimentos e discursos dos estudantes que concordam que a universidade é um território favorável ao *Bullying* e “Território não facilitador”, apresentando as compreensões dos universitários que não concordam.

CATEGORIA 01: Território Facilitador

Nesta categoria, os universitários reconhecem que a universidade é um território que facilita a ocorrência do *Bullying*. Nos relatos obtidos, a principal característica destacada pelos universitários se deve à diversidade das pessoas na universidade e as características que as tornam diferentes. Acerca da diversidade, Lima (2006) diz que:

A diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Seres humanos apresentam ainda diversidade ecológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas (as comumente chamadas de “portadoras de necessidades especiais”). Como toda forma de diversidade é, hoje, recebida na escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universalidade (LIMA, 2006, p. 17).

Por outro lado, Gomes (2007) destaca:

Seria muito mais simples dizer que o substantivo ‘diversidade’ significa variedade, diferença e multiplicidade. Mas essas três qualidades não se constroem no vazio e nem se limitam a serem nomes abstratos. Elas se constroem no contexto social e, sendo assim, a diversidade pode ser entendida como um fenômeno que atravessa o tempo e o espaço e se torna uma questão cada vez mais séria quanto mais complexas vão se tornando as sociedades (GOMES, 2007, p. 19).

É notório que todas as pessoas são diferentes. Todavia, é com a entrada na universidade, que o estudante se depara com tamanha diversidade de pessoas em um mesmo ambiente, e as diferenças existentes são perceptíveis e identificadas nas relações que ocorrem entre elas.

A viragem que os estudantes vivenciam com a transição para o ensino superior, no entanto, não acontece apenas ao nível do percurso propriamente escolar e laboral, mas ganha extensão em outras dimensões da vida, menos conhecidas de um ponto de vista científico. As instituições de ensino superior são, efetivamente, um contexto onde os estudantes entram em contato com novas realidades culturais e sociais, susceptíveis de reconfigurar os seus círculos sociais, quadros simbólicos de referência e hábitos quotidianos. LISBOA (2015, p. 13).

O ingresso em uma universidade implica mudanças na vida do estudante que não se restringem somente à rotina, escolha de curso, etc. Essas mudanças compreendem uma série de fatores desconhecidos e que não faziam parte da vivência deles. O território universitário, diferentemente do contexto escolar, proporciona o encontro e o convívio com o “diferente”. A esse respeito, os universitários relatam que:

“(...) são várias pessoas diferentes, com diferentes modos, diferentes formas de pensar. Porque a faculdade não é igual ao colégio, aqui tem várias pessoas e de vários lugares...” (CEF023)

“(...) é porque tem várias pessoas, que vêm de vários lugares, e são pessoas diferentes, então, para lidar com pessoas, o ser humano já é complicado. Então, quando você vem pra uma universidade assim, então, acaba acontecendo...” (CEF041)

E diante das diferenças, destaca-se o perfil heterogêneo da universidade:

“(...) há um perfil heterogêneo de alunos, professores e de outras pessoas da comunidade de modo geral que frequentam a universidade. Nós temos um ambiente que propicia o desenvolvimento pelo fato dessa heterogeneidade...” (CSM031)

Os universitários consentem que a diversidade é um fator que faz com que a universidade seja um ambiente facilitador do *Bullying*. No entanto, eles também entendem que, sendo assim, diversos outros ambientes com relações interpessoais também seriam propícios:

“É uma pergunta um tanto contraditória, eu não sei te dizer ao certo, mas assim, eu acho que todo ambiente é propício, seja público ou privado, todo ambiente é propício. Claro que alguns não oferecem motivos para tal situação, que a universidade ela é aberta para todas as raças, etnias, todas as situações...” (CEM 040)

Outro universitário amplia esse entendimento:

“Qualquer ambiente é propício para que o Bullying aconteça desde que as pessoas que são responsáveis por esse ambiente não tomem medidas para coibir esse tipo de coisa, porque as pessoas refletem a educação que elas tiveram ao longo do crescimento, do desenvolvimento delas. E as percepções que elas têm do meio de cultura, e o conhecimento que vão adquirindo interferem na forma com que elas vão se relacionar com outras pessoas. Então, você pode estar numa universidade, você pode estar em qualquer lugar, se as suas concepções, e se as suas representações sociais que você tem do meio, das pessoas, se elas te favorecem a desenvolver e a cometer o Bullying contra outra pessoa, não importa se você está dentro da universidade... (CSM031)

São vários os fatores que diferenciam as pessoas umas das outras. E, de acordo com os discursos apresentados, os universitários identificam algumas dessas características, e a forma como que o *Bullying* se apresenta por meio delas. Destacam-se algumas características, tais como diferença de idade, origens e culturas:

“Eu acho que é propício. Mescla muito idade né, então, se for analisar muito a questão do Bullying, acontece mais por pessoas mais jovens... vindo de pessoas mais jovens... então, como a universidade tem uma quantidade muito grande de jovens, a tendência a acontecer o Bullying é grande... porque tem uma mescla de idade, né!”. (CSM010)

“Acho, porque são várias pessoas diferentes, com diferentes modos, diferentes formas de pensar. Porque a faculdade não é igual ao colégio, aqui tem várias pessoas mesmo e de vários lugares.” (CEF023)

“Sim, eu acho que sim, porque vem gente de diferentes lugares, culturas diferentes...” (CSF001)

“(...) não é somente uma cultura né, são pessoas diferentes, com características diferentes, que tornam as pessoas únicas, né...” (CSM031)

A convivência diária com pessoas diferentes entre si e as relações de poder que se estabelecem a partir disso, são processos que exigem cuidado. O *Bullying* está ligado diretamente às diferenças que motivam a discriminação e o preconceito. Nesse quesito, os universitários destacam o preconceito que acontece em relação à diferença de classe social:

“(...) nós temos gente de vários modos de pensar, de vários modos de se vestir... geralmente, o seu jeito de se vestir pode ser uma forma de você né, de chamar atenção dos outros. Então, na universidade sim, tem muito preconceito, eu vejo... até de classe social, é o que eu, é o que a gente mais vê, né...” (CSF 029)

“Eu acho que qualquer espaço onde envolva várias pessoas, eu acho que acontece sim, porque, querendo ou não, tem pessoas de vários bairros, de várias classes, né? Tem as pessoas que são realmente mais velhas, outras mais novas, que acontecem também, né? Essa questão do preconceito, “porque eu sou mais novo que você, eu não posso...”, né? “você está na minha sala, você é mais velho, eu não vou te respeitar”, né?”. (CHF 007)

As narrativas indicadas nessa categoria demonstram que os universitários percebem que a diversidade de pessoas com suas diferentes características se relacionando na universidade, seja fator que favoreça e propicie a ocorrência do *Bullying* no território universitário. No entanto, é importante assinalar que embora o ambiente influencie o comportamento das pessoas, não há fundamento de que somente ele seja a causa para ocorrência do *Bullying*. As pessoas se comportam e suas ações também influenciam o ambiente. O *Bullying* manifestado através da discriminação e preconceito por causa das diferenças ocorre independentemente de lugar específico pois a diversidade está presente em todas as situações.

CATEGORIA 2: Território não facilitador

Nesta categoria estão descritos os entendimentos que os universitários possuem com relação à universidade não ser um território que facilite a ocorrência do *Bullying*.

Os relatos abaixo demonstram que os universitários não tiveram convicção em suas respostas, possivelmente, devido à sua não participação ou não reconhecimento do fenômeno.

“Bom, se é propício? Acho que não, eu não sei. (CHF007)

“Não sei se é por eu não presenciar, eu acredito que não ou talvez a gente vivencie e não caracterize, não identifique. (CHF 024)

O universitário abaixo entende que a universidade não é um local propício, pois isso depende totalmente do agressor:

“Não, não é propicio (...) eu não creio que a faculdade em si é um ambiente propicio, mas os agressores que cometem não têm a noção, nem a proporção do que a universidade apresenta. Se não estivessem na universidade, eles cometeriam do mesmo jeito...” (CSM031)

Já o universitário a seguir indica algumas formas com que o *Bullying* se manifesta, e descreve seu entendimento. Acerca do *Bullying* manifestado por apelidos, diz:

“Eu acho que o Bullying, como a galera é mais velha e tal, eu acho que o Bullying, esse Bullying tipo de colocar apelido, essas coisas, não é... é bem difícil, não é propício. (sic)

Mas em relação a comportamentos que se associa a preconceito, ele já demonstra outro entendimento:

“Mas tem umas determinadas coisas... igual, o homossexual. Eu acho que ainda tem muito preconceito. Tipo assim, eu vejo um, tipo assim, perto zoaçãozinha ... fala: “ah! é viado e tal”, eu acho que... eu não sei se tem outro caso, mas eu acho que, nesse caso específico, eu acho que ainda tem, porque a galera ainda tem a mente muito é... eu acho atrasada, né? (CHM019).

Nessa categoria, devido ao não reconhecimento dos universitários, os dados obtidos nas entrevistas foram ínfimos, não tendo, assim, a possibilidade de uma melhor descrição.

5.4.3 Traços do *Bullying* no território universitário

Somente a título de conhecimento e visando demonstrar a presença real do *Bullying* na universidade, apresenta-se, nesta categoria, alguns relatos de estudantes que descreveram as manifestações do fenômeno. São narrativas diretas que demonstram o quão preocupante é a situação dos universitários que vivenciam esse terror chamado “*Bullying*”.

5.4.3.1 – Entre cursos

Os universitários abaixo relatam manifestações da ocorrência do *Bullying* entre diferentes cursos. Os relatos são caracterizados pelas “rixas” entre cursos, com a demonstração do preconceito existente entre eles vivido na prática do dia a dia:

Inicialmente, os relatos de dois universitários que frequentam cursos que não possuem uma convivência harmoniosa:

“Arquitetura e Engenharia, aquele exemplo básico, aquela historinha que todo mundo conhece que: ‘O arquiteto foi o cara que não foi homem o suficiente para ser engenheiro, e nem viado bastante para ser decorador’ é uma piadinha que acontece, há muitos anos. Então, tem essa intriga, é uma rixa entre os dois cursos. O pessoal da engenharia odeia o pessoal da arquitetura, e o pessoal da arquitetura odeia o pessoal da engenharia. (...) era uma brincadeira que ficou séria. Existe a rivalidade entre os cursos, é quase aquele clássico “ Brasil vs Argentina”. Existem outras desavenças, mas o foco é ali, entre arquitetura e engenharia.” (CEM 040)

A seguir o relato do universitário do curso oposto:

“Sim, demais! Nossa, demais mesmo! Então, o exemplo claro que existe é entre engenharia e arquitetura. Exemplo claro, porque o que acontece é um ditado que rola na engenharia né, “o arquiteto não foi homem suficiente pra fazer engenharia civil”, isso todos os arquitetos já escutaram, tipo assim(...) você vai à sala de engenharia civil, 80% já escutaram ou já falaram. Porque é isso, “a arquitetura não assumiu pra fazer designer gráfico”, essa eu já ouvi também. Então é uma coisa que, às vezes, expõe na universidade essa questão da arquitetura, né”. (CEM 039)

Os relatos acima citados são concordantes em suas totalidades. Revelam uma convivência difícil entre os cursos citados, e apontam a questão de opção sexual. Em outro relato, a característica do *Bullying* homofóbico é relatada:

“Há um preconceito, não só isso. Há um preconceito também porque no meu curso há mais mulheres do que homens. Ai há de achar que todo homem que tem no meu curso é gay. E não é assim, porque na minha sala, é uma turma que, querendo ou não, tem mais homens, são seis homens. Ai, quando você fala “ah! são tudo gay!”. (VOZ 007)

A esse respeito, Abramovay (2002, P. 10) descreve:

Uma das discriminações que mais chama a atenção nas escolas é a homofobia, ou o tratamento discriminatório sofrido por jovens de ambos os sexos tidos como homossexuais, legitimada por moralismos em nome da masculinidade. Tal discriminação baseia-se na concepção de que existe uma sexualidade correta, “normal”, que deve ser sinônimo de casar e ter filhos. Assim, a homofobia é legitimada por padrões culturais que condenam práticas não-heterossexuais. Com efeito, em uma cultura machista, a homossexualidade representa uma afronta à masculinidade/virilidade (ABRAMOVAY, 2002, p.10).

Abaixo, destacam-se alguns relatos que apontam a questão acerca da valorização do curso, da classe social:

“Acontece! acontece na questão do quê? Eu faço Pedagogia e você faz Engenharia, seu curso... olha o valor do meu curso! Olha o tanto que eu pago pelo meu curso. Por que que quando você enche a boca e fala assim: “eu faço Direito” ou “Eu faço Engenharia”, né? É... “Eu faço Odonto”, é tão valorizado? Se você falasse: “que curso que você faz?” – “eu faço Pedagogia” – “hummm.. ah! tá...” – “por quê? Não é tão importante quanto o seu?”.... É...É, porque, tipo assim, como se fosse desvalorizada.” (CHF007).

“ Ah com certeza existe! Existe porque eu já presenciei, diversas vezes, o Bullying entre os cursos.... E aí um fato que é óbvio, que interessante, comentar sobre o poder aquisitivo. E aí, nós temos cursos com perfis econômicos diferentes e que podem favorecer o desenvolvimento do Bullying, como, por exemplo, a odontologia, é um curso caro... eu não estou dizendo que a odontologia pratica o Bullying por causa da condição financeira, mas é um fator que pode desenvolver, assim como eu já observo alguns alunos, alguns não, vários alunos que reclamam, às vezes, da postura de alguns cursos que pagam mais e que fazem e desdenham um pouco dos outros cursos que custam um valor menor...” (CSM 031).

O universitário a seguir relata que a desigualdade entre os cursos é verificada também pela forma de tratamento da universidade:

“Aí sim, aí tem! Porque, olha, no exemplo, eu faço Letras, nosso curso é um curso mais barato em vista de Engenharia, não sei outro curso... Odontologia e tal, é... aí, olha o exemplo nosso, a gente estuda no C2, que é uma sala que não tem ar condicionado, não tem nada. A gente sempre fica falando assim que a galera da Engenharia é privilegiada e tal, e a gente também sente que eles olham para a gente com um ar meio de superioridade, que eu acho que isso também seria um Bullying, né? Não é assim, muito descarado, mas eu acho que tem. Agora, é uma percepção pessoal mesmo, eu acho que tem.”

“Eu acho que sim. Justamente pelo financeiro, porque tem cursos que, né? Que exigem muito mais... Ah! Odonto, né? Ou Direito. Infelizmente, são os que mais pedem. E, é uma coisa tão chata, que a própria universidade, aí vem o caso de propiciar uma defasagem, uma diferença. Comunicação, o nosso curso é fora do prédio, que tem uma estrutura totalmente diferenciada. Não tínhamos um ar condicionado propício, não tinha uma climatização, a sala é cheia de inseto, ou deixa ela aberta, entrava inseto; se fechava, era muito calor. E assim tem, é Pedagogia, o curso... as salas são as piores. Pequenas, não têm ventilação. Entendeu? Eu sou da Odonto, eu tenho uma sala com uma estrutura bacana, eu vou lá.... entendeu? Então, já tem uma diferenciação, uma distanciação, que ocasiona esse tipo de coisa”.
(CHF024)

5.4.4 Entre áreas

Acerca da percepção da ocorrência do *Bullying* entre áreas de conhecimento, através dos relatos, pode-se verificar que isso, o *Bullying*, não ocorre ou não é identificado devido a não integração e convivência entre as áreas:

“Em questão da universidade, por ter curso variado, eu acho que os próprios cursos se isolam, eu vejo assim, porque, você chega na cantina ou na biblioteca, você vê os grupinhos, os grupinhos da engenharia, então eu acho que nisso, a faculdade não faz uma coisa pra unir os cursos. Você vê que não tem nenhuma atividade acadêmica que relaciona cursos de áreas diferentes... Então eu acho que, nisso, a faculdade, não sei se não é que não faz questão, é que poderia trabalhar nisso”. (CEM039)

“Acho que tem muita brincadeira, né? Mas eu não sei se leva para o lado da agressão, entendeu? Humanas e Exatas e tal. Tem muita brincadeira... “Ah, Humanas só faz miçanga e toca violão, fuma baseado” e “Exatas é só conta e conta”, mas eu acho que a gente mesmo se zoa”. (CHM019)

5.4.5 Ocorrência de *Bullying* entre períodos

Os relatos de ocorrência de *Bullying* entre períodos do mesmo curso evidenciaram a já conhecida rivalidade entre calouros X veteranos. Nessa ocorrência, é nítida a relação de poder existente entre os universitários que estão no primeiro período do curso, isto é, estão iniciando sua caminhada, com aqueles que já se colocam como “experientes”:

“Sim, claro! Entre calouro e veterano tem um certo respeito e desrespeito. O desrespeito dos veteranos com os calouros e um certo medo, talvez, eu não sei, o que a pessoa sente...”. (CEF 023)

“Eu ouvi um caso de uma conhecida, que ela estava no primeiro período, foi apresentar um trabalho, e todo o curso estava reunido, e os alunos do... alunos do último período, falaram: “Olha lá, vamos ver o que o primeiro período vai fazer, né... tá entrando agora”. Então, existe! Isso é Bullying! É uma pressão, você está sendo persuadido de alguma forma. É constante isso!” (CSM 031).

“Existe! A gente vê isso em apresentações de seminários interdisciplinares, os olhares. Esses seminários juntam todos os períodos, e, aí, eles desenvolvem um tema com a gente e a gente tem que trabalhar em cima desse tema. Então, assim, o oitavo período é... fica de olho nos períodos abaixo... pra ver como a gente vai se sair, se a gente vai conseguir e falar como que vai ser o nosso desenvolvimento. Geralmente, quando acontece algum erro, é nítido, na cara deles, aquele olhar de tipo... ah deboche... “ah nós somos melhores que vocês, não adianta tentar”, então, com certeza, entre os cursos, sim, tem” (CSF 029).

“Sim... Igual, nós fizemos uma maratona aqui, então, um mesmo grupo tinha pessoas de vários períodos, então, as pessoas que estavam terminando, já ficavam assim: “nossa, eu vou ter que trabalhar com gente do 1º período, que não sabe nada”. (CEF 041)

Os relatos apresentados pelos universitários evidenciaram, de forma clara e notória, a existência do *Bullying* na universidade também manifestada entre cursos, áreas e períodos, e foram uma valiosa contribuição para essa pesquisa. O *Bullying* é um comportamento que possui uma dimensão maior do que se apresenta e com diversas outras vertentes. Assim, entende-se ser necessário um estudo mais específico para uma análise e conhecimento mais amplos a respeito dessas vertentes aqui apresentadas.

5.5 TEMÁTICA 05: Ação de intervenção ao *Bullying*

Nesta categoria estão expostas as percepções dos universitários acerca de ações que possam ser realizadas como forma de prevenção e combate o *Bullying* dentro da universidade. Esse questionamento se fez necessário para que os próprios universitários, isto é, os sujeitos que frequentam assiduamente a universidade e vivenciam de diferentes formas o *Bullying*, apresentassem suas idéias a este respeito.

Inicialmente destaca-se que diversos programas de combate à violência no contexto escolar e ao *Bullying* já são descritos por alguns pesquisadores que propõe atitudes visando a erradicação do fenômeno e atendimento aos os atores participantes (OLWEUS, 1993; ABRÁPIA, 2005, CONSTANTINI, 2004). No entanto nenhum programa direcionado ao *Bullying* universitário foi identificado na literatura.

Mesmo diante da escassez de pesquisas sobre o *Bullying* e tendo em vista que comprovadamente ele ocorre na universidade, é fundamental que ocorra projetos e ações contra o *Bullying*, visando a saúde de todos os envolvidos. Sendo assim, os universitários entrevistados reconhecem que a universidade deva realizar ações contra o *Bullying*, e inicialmente apontaram que:

“Eu acredito que seria muito fantástico se implementasse um projeto ou sei lá contra o Bullying, tanto aqui ou se expandisse, eu não sei. Mas, eu acho que seria importante, porque a gente não mexe só com criança, a gente não mexe só com o desenvolvimento de criança, a gente mexe com adulto também, jovem e adulto” (CEF023)

“Olha, eu acho que toda a alternativa de conscientização sej apara qualquer fim, é importante, sabe? Seja religiosa, qualquer uma, de doença. Tudo que leve ao conhecimento público, eu acho que é importante, porque a gente tem muito preconceito” (CHF024)

“É que deveria haver programas na instituição, sim! Para poder divulgar mesmo, né? Essa questão do respeito ao próximo, né? Está bem fervorosa dentro da instituição, porque, querendo ou não, fica por baixo dos panos. Muita gente não fica sabendo, aí abafa” (CHF007)

O universitário abaixo destaca o papel transformador da universidade:

“(…) A universidade ela tem um papel. Se ela tem uma finalidade de transformação social, ela precisa trabalhar isso aí também porque isso é uma transformação social que precisa ser realizada... nós estamos falando de Bullying, aí você pode fazer um

paralelo com preconceito devido à falta de conhecimento e... então a universidade ela tem que fazer não só intervenções pontuais, precisa de ser um processo contínuo, duradouro, por que intervenções pontuais você faz uma palestra, você faz um encontro, se faz um dia ali conscientiza as pessoas na hora você distribuir um panfletos... absorve a informação ali... ou lê alguma coisa, não vai reter muita coisa... e vai ficar por aquilo” (CSM031)

Conforme os relatos expostos acima, nota-se que os universitários assimilam sobre a importância de haver um trabalho de intervenção ao *Bullying*. E ainda destacam sobre a questão do preconceito visando a promoção do respeito mútuo. A seguir apresenta-se as propostas e idéias dos universitários caracterizando as ações e/ou programas de combate ao *Bullying*.

CATEGORIA 01: Desenvolvimento de Ações de Combate ao *Bullying*

Essa categoria apresenta as idéias de trabalhos e ações que os universitários caracterizam serem necessárias frente ao *Bullying* na universidade.

Sobre o público alvo da ação de intervenção, os universitários citaram as “vítimas”:

“(...) é uma forma de ajudar essas pessoas que provavelmente possam estar sofrendo esse Bullying em caladas né... então é uma forma de tentar interagir elas com meio né...(CSF029)

Outro universitário descreve sobre o atendimento a vítima do *Bullying* e também destaca a importância de trabalhos assim para a própria universidade:

“Tem muita pessoa dentro da instituição que ela sofre Bullying e ela guarda para si. Ninguém fica sabendo, entendeu? E muitas vezes até quem é o... os próprios responsáveis, então, a instituição não chega até eles. Até pela universidade ser bem grande, não tem realmente como estar acompanhando cada curso, cada período, né? De perto. Mas que acontece, acontece, gente! E muito! Muito mesmo! Até do jeito da pessoa se vestir, do cabelo dela ousar, você vê os comentários, você vê as piadinhas quando a pessoa passa” (CHF007)

Sobre o atendimento ao agressor, apresenta-se dois relatos acerca de ação a ser feita com o agressor. O universitário descreve a punição como forma de combater o *Bullying* agindo diretamente ao agressor:

“Eu acho que deveria ter uma atenção maior com os alunos que fazem o bullying, isso porque os alunos que estão sendo vítima disso, não tem como separar eles. Por exemplo, não tem como separar eles pra fazer no trabalho, deixar ele fazerem

sozinhos, tem que fazer todos junto. Então, ideal seria visualizar essas pessoas que estão fazendo isso e puni-las, tirar ponto, punir de alguma maneira” (CHM 011)

O relato abaixo apresenta o posicionamento de outro universitário sobre a possibilidade de punição:

“É investir em projetos, chamar as áreas... porque não chamar representante de todas as áreas para discutir alguma alternativa, algum projeto para coibir... porque você não precisa somente prevenir você precisa coibir também aqueles que já acontecem né... precisa ter uma correção e não a correção somente com a finalidade punitiva mas com uma finalidade de reconstrução daquilo que está errado... se ele fez alguma coisa errada alguma coisa na concepção que tem no processo dele de lidar com as pessoas de que se relacionar com outro tá errado tem um déficit ali que precisa ser melhorado... você somente pune, você não melhora... você corrige uma coisa pontual, pune por aquilo e devolve para a sociedade da mesma forma... e assim não funciona, (CSM 031)”

Já os seguintes relatos descrevem sobre a importância do atendimento tanto para a vítima quanto para o agressor:

“Não seria um trabalho só para as vítimas, seria para os agressores também. Acho que seria mais para os agressores do que para as vítimas. Porque a vítima sofre e tal, mas aí ela vai catando coisas na vida, elementos que fazem ela melhorar. Eu acho que o importante é combater o problema. Cuidar da vítima, socorrer a vítima, amparar a vítima, mas trabalhar o agressor também, porque não tem disso de ficar remediando sabe? É cuidar para não ter que remediar” (CEF023).

A este respeito, Rolim (... p. 126) descrever que:

Vítimas, autores e testemunhas merecem atenção e, para cada grupo será preciso construir uma estratégia específica. No que diz respeito aos autores, seria conveniente lembrar que suas atitudes abusivas e intimidadoras muito freqüentemente podem expressar um tipo de reação não refletida, estruturada muito antes em outras experiências, mais que uma decisão racional. Impor conscientemente o mal a outra pessoa não necessariamente significa uma “deliberação”, pelo menos não no sentido forte desta expressão (ROLIM, p.126)

Acerca de programas e ações que deveriam ser implantadas, o universitário relata sobre realização de debates a respeito do tema:

“Eu acho que seria interessantíssimo, até mesmo para a gente debater o assunto, né? Que é uma coisa evidente, a gente está vendo tanta coisa na internet, um período de tanta... de tudo!” (CHF024)

Este outro universitário demonstra a idéia de utilizar o “Manual do Aluno” como um meio de informação aos locais que ele pode ir para procurar auxílio caso tenha problemas relacionados ao *Bullying*:

“Eu penso implantar isso no manual do aluno em que todos recebem, eu confesso que eu mesmo não li e muita gente não lê, mas quando aperta a gente recorrer a ele, qualquer duvida que a gente tem em relação acadêmica a gente recorre a ele, todo aluno tem, só que no manual do aluno fala só que bem superficial, “caso ocorra o problema, procure a coordenação”, só que não especifica o problema. Entendeu? Eu acho que o manual do aluno, bem útil e todo aluno usa, pode falar que não lê, mas pelo o menos uma vez na vida leu” (CEM 039)

Outro interessante apontamento diz respeito ao trabalho ser realizado nas salas de aula, promover um diálogo interdisciplinar que irá favorecer o respeito ao próximo:

“Então precisa-se de ações mais decisivas mesmo dentro de sala de aula dentro das áreas... ne precisa se unir mais... porque quando você une você favorece a construção de um conhecimento mais ampliado você conhece as diferenças e você tem a possibilidade de passar respeitá-las... porque ai você conhece, pode não concordar mas a universidade precisa favorecer também a construção de uma identidade de respeito de uma concepção de respeito nas pessoas porque se elas têm respeito elas podem não gostar... elas pode não concordar... mas ela tem que respeitar como forma de diminuir o Bullying, então a universidade precisa fazer isso mesmo...” (CSM 031)

Em outro relato, surge a indicação de trabalho que envolva diversos setores da própria universidade, que já possui clínica de Psicologia com atendimento à população:

“(...) então precisa se pensar o que de fato precisa ser feito para reduzir a incidência de Bullying, prevenir o Bullying e de que forma esse Bullying que está acontecendo ele vai ser tratado de que forma que ele vai ser encarado pela universidade pelas faculdades, pelo professor, pelo colega... e também preparar as pessoas de um modo geral pra que... e que ela saiba quando sofreram Bullying e o que a universidade tem pra oferecer pra ter um suporte né... e aí psicológico nós temos aqui serviço de psicologia para poder atender essas pessoas... mas está acessível a toda a comunidade acadêmica ne... de que forma que isso é divulgado... o que a universidade tem feito nesse sentido de proteger... isso é proteção às pessoas, isso é uma finalidade também da universidade quanto universidade comunitária de transformação social.” (CSM 031)

Diante de todos os relatos expostos, nota-se que os universitários apresentam preocupação e idéias para combater o *Bullying*. Essas narrativas pontuam itens importantes como atendimento à vítima e ao agressor e meios pelos quais os trabalhos seriam realizados.

É importante ressaltar que antes de toda eventual ação contra o *Bullying* é necessário primeiro a total identificação do fenômeno de forma ampla para uma melhor descrição e caracterização dos universitários que estão envolvidos neste tipo de comportamento. Pesquisas de com abordagens quantitativas e qualitativas possibilitariam uma visão mais ampliada acerca do tema. Lado outro, é também importante que uma ação efetiva contra o *Bullying* seja iniciada o quanto antes, pois o *Bullying* já presente na universidade.

Qualquer que seja a intervenção ao *Bullying*, é importante que vários setores da comunidade acadêmica (não só alunos e professores) também participem, tanto no atendimento aos atores, que além de agressor e vítima também precisa ser estendido aos espectadores, quanto nas ações pontuais que envolvam diferentes áreas.

O *Bullying* deixa marcas por onde passa. Suas consequências afetam a saúde dos envolvidos e podem causar grandes danos. Com os relatos dos universitários, pode-se constatar que o *Bullying* realmente acontece na universidade pesquisada, de forma velada e muitas vezes passando despercebido. No entanto é necessário ter uma preocupação com o fato que há pessoas sofrendo com essa violência e diante disso não se pode cruzar os braços.

Tratar de *Bullying* é abrir uma oportunidade de considerar um fenômeno muitas vezes escondido, porque infelizmente, os casos de *Bullying* na maioria das escolas não são tratados do ponto de vista psicológico e do ponto de vista de sua especificidade; eles são tratados com indisciplina, incivilidade, como a quebra de uma norma ou regra pública que é da escola (TOGNETTA, 2005, p. 2)

Essa pesquisa não está fechada, pronta e acabada. Muito pelo contrário, o *Bullying* ainda carece de pesquisas acerca do seu reconhecimento nas universidades e principalmente, ações efetivas para erradicá-lo de um território onde ele jamais poderia se manifestar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência entendida como um fenômeno presente em qualquer tipo de sociedade, manifesta-se de diferentes formas e com diversas características. No contexto escolar, revela-se se por meio de comportamentos distintos, com o componente da violência, em vários níveis. O *Bullying* é um desses componentes.

A literatura aqui referenciada aponta que as pesquisas acerca do fenômeno se iniciaram na década de 1970 e desde então mantem seu foco no contexto escolar com objetivos de conceituar tal comportamento, investigar sua incidência e fatores sociodemográficos (idade, gênero, etc), dentre outros. No entanto, como a ocorrência do *Bullying* não é restrita a específicos tipos de instituição, anos de escolaridade ou idade dos estudantes, esse fenômeno se manifesta desde o início da vida escolar vida escolar e até mesmo no ensino superior. Apesar dessa situação de conflito, ainda há um escasso número de pesquisas a seu respeito na universidade.

Diante disso, a fim de conhecer e compreender a manifestação do *Bullying* no contexto universitário, essa dissertação buscou identificar as percepções que os próprios estudantes possuem acerca do fenômeno e caracterizar a amostra estudada, a fim de poder contribuir cientificamente na luta contra esse fenômeno.

Acerca da caracterização da amostra estudada abrangeu 12 alunos (6 homens e 6 mulheres), com idade entre 19 e 28 anos (média de 20,8 anos de idade) que cursam entre o 2º e o 10º período de 11 cursos ofertados pela Universidade.

Em relação à percepção do fenômeno a respeito do próprio entendimento do que seja *Bullying*, os universitários o descrevem como comportamento agressivo, desrespeito ao sujeito e preconceito. A caracterização dessas percepções apontadas demonstra que a agressividade do comportamento pode ser manifestada por meios físicos e verbais, direta ou indiretamente, nas relações entre os próprios estudantes. O desrespeito ao sujeito é visto como o não reconhecimento do outro, e “brincadeiras”, “zoações”, “gozações” e apelidos são algumas formas recorrentes de comportamentos usados, que não assumem sua forma agressiva, mas atingem a vítima causando constrangimentos. Já o preconceito, foi caracterizado como uma agressão ao outro devido a ele ter algum fator diferente ou não aceitável pelo agressor, tais como fatores econômicos, sociais, culturais, ou mesmo qualquer característica física, pessoal ou pejorativa, que não tem nenhum fundamento para justificar tal agressão.

Sobre a percepção do reconhecimento do comportamento de *Bullying* na universidade, os universitários que reconhecem o fenômeno destacaram que ele ocorre frequentemente nas relações de poder entre os universitários e apontaram novamente o preconceito e desrespeito como formas de manifestação. Os alunos que não o reconhecem baseiam-se na questão de não terem participado de nenhum acontecimento ou não saberem se o presenciaram. Também apontam que, devido à idade e maturidade dos estudantes, o *Bullying* não se manifesta na universidade.

A respeito da percepção relacionada à identificação dos atores do *Bullying*, os universitários descreveram as características que apontaram quem são os agressores e as vítimas. Sobre a caracterização das vítimas, as descrevem como fracas e submissas, normalmente possuem algum atributo físico ou comportamental que as diferencia dos demais. Já sobre os agressores, apontam que estes são os mais fortes em uma relação de poder desigual, muitas vezes agem através de comportamentos indiretos, como supostas “brincadeiras” para atacar sua vítima e demonstrar seu poder.

A percepção sobre o território universitário como ambiente propício à prática do *Bullying*, os universitários percebem e concordam que o fator da heterogeneidade é determinante, pois a universidade reúne pessoas de diferentes locais, raças, credos, e etc. Além disso, a percepção dos universitários sobre o *Bullying* como desrespeito e preconceito, a convivência diária dessa gama de diferenças entre as pessoas, faz com que esse fenômeno tenha maior probabilidade de acontecer. Já os universitários que não consideram a universidade ser um ambiente propício ao *Bullying*, afirmam que por não participarem dessas ações violentas, não as identificam na universidade. O termo “brincadeira” surge novamente, mas dessa vez sob a alegação de que para este tipo de manifestação do *Bullying*, a universidade não é propícia, mas em relação ao *Bullying* manifestado por comportamento preconceituoso, o ambiente é favorável.

A título de conhecimento da ocorrência do *Bullying* na universidade, os universitários apresentaram alguns relatos de casos sinalizando a manifestação do fenômeno nas relações entre estudantes de diferentes períodos, cursos e áreas científicas. Os casos de *Bullying* entre cursos foram reconhecidos pela maioria dos universitários. Taxado como uma “normalidade” dentro da universidade relataram a rixa e agressividade entre os cursos de Arquitetura versus Engenharia, entre os cursos de valor mais elevado, e o preconceito com cursos de valores mais baixos, destacando a localização de funcionamento das salas de aula, e também a manifestação da agressividade exibidas em escritos nas portas de banheiros femininos. Entre períodos,

destacam-se a disputa calouro versus veterano. Entre as áreas, apontam a questão da divergência e brincadeiras, como por exemplo, Humanas versus Exatas, destacando não haver casos específicos, visto que não há muita interação entre as áreas de conhecimento na universidade.

Quanto à percepção sobre as ações de intervenção ao *Bullying*, todos os universitários concordaram que a universidade deveria adotar atitudes face ao *Bullying*, por meio de ações de divulgação e interação entre os universitários de diferentes cursos, períodos e áreas a fim de que se promova o respeito ao próximo e às diferenças.

O *Bullying* é um tipo de violência sobre o qual deve se ter atenção, pois é um problema de saúde pública que afeta universitários por meio de uma agressividade disfarçada por outros comportamentos, impedindo que o problema seja discutido de forma clara e eficaz. Isso pode ocasionar drásticas consequências para vítimas, agressores, familiares dos envolvidos e também para a própria universidade. Assim, espera-se que essa pesquisa possa contribuir no conhecimento do *Bullying* e suas manifestações dentro do território universitário.

A pesquisa não se encontra fechada e concluída, pois existem inúmeras vertentes onde o *Bullying* pode ser analisado mais especificamente. No entanto, espera-se que os dados aqui obtidos possam vir a incentivar as pessoas interessadas e envolvidas nesse assunto - universitários, profissionais e pesquisadores -, para que se possa desenvolver ações que colaborem na prevenção e erradicação desse fenômeno, que comprovadamente ocorre no território universitário.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre Violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2005.

ALVES, R. **A forma escolar da tortura**. Jornal Folha de São Paulo, 2005.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, C.; SOARES, A.A. **Do Bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. *Psicol. Soc.* [online]. 2008, vol.20, n.1, pp.33-41. ISSN 0102-7182.

ARAÚJO, C. (2002). **A Violência desce para a Escola**. Belo Horizonte. Autêntica.

BANDEIRA, C.M. **Bullying: Auto-Estima e diferenças de gênero**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BATSCHKE, G.M. e KNOFF, H.M. (1994). **Bullies and their victims: Understanding a pervasive problem in the schools**. *Psychology Review*. 23(2). 165-174, 1994.

BAUER, M. W.; AARTS B. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: Bauer M.; Gaskell G.; (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 39-63.

BERGER, K.S.(2007). **Update on Bullying at school: Science Forgotten?** *Developmental Review*, 27, 90-126.

BJORKQVIST, K. LAGERSPETZ, K. & KAUKIANINEN, A. (1992). **Do girl manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression**. *Aggressive Behavior*, 18, 117-127.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1997.

BOURDIER, P. **Sur le pouvoir symbolique** *Annales Paris*. v.32, n.3, p.405-11, mai-jun, 1977.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996b.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322 p.

BUFFA, E.; PINTO, G.A. **O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus**. Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, p. 809-831, Dec. 2016.

CAMARGO, Carolina de Oliveira Giannoni. **"Brincadeiras" que fazem chorar: uma análise de alunos agressores na perspectiva do fenômeno *Bullying***. 2006. 67 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L.; BRITO, M. J. **Relações de Poder segundo Bourdieu e Foucault: Uma Proposta de Articulação teórica para a análise das organizações. Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 3, n. 7, p.356-369, 2005.

CARVALHOSA, Susana; LIMA, Luísa; MATOS, Margarida Gaspar. *Bullying – a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português*. *Análise Psicológica*, v. 4, n. 19, p. 523-37, 2001.

CATINI, N. **Problematizando o “*Bullying*” para a realidade brasileira**. 183 p. Tese de Doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

CHAN, J.-H. F. (2006). **Systemic Patterns in *Bullying* and Victimization**. *School Psychology International*, 27(3), 352-369.

CHAUÍ, Marilena de Souza. (2001). *Escritos sobre a Universidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CLAVAL, P. **O território na transição da pós modernidade**. *Geographia*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios** *Revista Portuguesa de Educação* [en línea] 2003, 16 (). Disponível em :<<http://redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>> ISSN 0871-9187. Acessado em 2017.

CONSTANTINI, A. ***Bullying*: como combatê-lo?:** Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

CORIGLIANO, Débora. **Você sabe o que é *Bullying*?** 2007. Disponível em: <www.classificadosdobairro.com.br/artios_interna.php?id=128&ide_secao=2 - 16k - > Acessado em 08/09/2007.

CRAIG, W.M. **The Relationship Among *Bullying*, Victimization, Depression, Anxiety, and Aggression in Elementary School Children, Personal individual Differences:** Vol. 24, No. 1, pp. 123-130, 1998.

CRICK, N. & GROTPETER, J. (1995). **Relational aggression, gender, and social psychological adjustment.** *Child Development*, 66 (3), 710-722.

CRUZ, Daniel Marinho Cezar; SILVA, Juliana Testa; ALVES, Heliana Castro **Evidências sobre violência e deficiência: implicações para futuras pesquisas.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 13, n. 1, p. 131-46, 2007.

CUNHA, A. R. ***Bullying* e o consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes da Universidade do Minho – Um estudo no contexto do Marketing Social.** 2014. 139 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Economia e Gestão - Universidade do Minho, 2014.

CUNHA, J. **Violência Interpessoal em escolas no Brasil: Características e Correlatos.** 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CUNHA, M. I. **Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários.** *Educação*, Unisinos, V.12, n.3, set. /dez. 2008.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. **Violência: um problema global de saúde pública.** *Ciência e saúde coletiva*. N. 11, p. 1163-1178, 2006.

DAKE, J. A.; PRICE, J. H.; TELLJOHANN, S. K. (2003). **The nature and extent of *Bullying* at school.** *Journal of School Health*, 73 (i5), 73-81.

ERIKSON, N. (2001). **Adressing the problem of juvenile *Bullying*.** Washington: U.S. Department of Justice.

ESPELAGE, D. & SWEARER, S. (2003). **Research on school *Bullying* and victimization: what have we learned and where do we go from here?** *School Psychology Review*, 32, 365-383.

ESPELAGE, D.-L., HOLT, M.-K., & HENKEL, R.-R. Examination of peer-group contextual effects on aggression during early adolescence. *Child Development*, 74(1), 205-220, 2003.

FANTE, C.A.Z. **Fenômeno *Bullying***: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Ver. e ampl. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FARRINGTON, D.P. **Understanding na preventing *Bullying***. In: TONNY, M.; MORRYS, N. (eds.) Crime and Justice. Chicago: University of Chicago Press, v. 17, p. 381-458, 1993.

FERRAZ, S. F. S. **Comportamentos de *Bullying*: Estudo numa Escola Técnico – Profissional**. 2008. 514 f. Dissertação (mestrado) – Instituto Nacional de Medicina Legal – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 2008.

FONSECA, K. B. C. et al. **Incidência do *Bullying* nos cursos de administração e ciências contábeis**. Psicologia escolar e educacional, Sp, v. 21, n. 1, p. 79-92, abr. 2017.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295 p.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Brasília: Liber livro editora, 2008, pp. 69-79.

GOTTMANN J., **La politique des États et leur Géographie**, Paris, Armand Colin, 1952.

GOTTMANN J., **The significance of territory**, Charlottesville, University Press of Virginia, 1973.

GOULART, G. S. ***Bullying* como fator de evasão universitária: Percepção dos alunos de uma universidade**. *Revista Gestão Universitária*. 313, 1-74, 2013.

GOWER, Amy; BOROWSKY, Iris. **Associations between frequency of *Bullying* involvement and adjustment in adolescence**. *Academic Pediatrics*, v. 13, n. 3, p. 214-221, May/June 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23680340>>. Acesso em: 2014.

GRÁCIO, Joana. ***Bullying* (Novo?) Crime de Violência Escolar**. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2011.

GREENE, M. ***Bullying* and harassment in schools**. In R. S. Moser & C. E. Franz (Eds.), **Shocking violence: youth perpetrators and victims – A multidisciplinary perspective** (pp. 72-101). Springfield: Charles C. Thomas. 2000.

GUIMARÃES, A. **Escola: Espaço de Violência e indisciplina**. Revista eletrônica Nas Redes da Educação. Disponível em: www.lite.fae.unicamp.br/revista/art02.htm 2004. Acessado em 2005.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, set. 2004.

HAESBAERT, R. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: *Encontro de Geógrafos da América Latina, 10, 2005, São Paulo. Anais, São Paulo, USP, p. 6774-6792, 2005.*

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: Território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

JUNGER, Marianne. Intergroup *Bullying* and racial harassment in the Netherlands. *Sociology and Social Research*, v. 74, n. 2, p. 65-72, 1990.

KING, Alan et al. **The health of youth: a cross-national survey**. Quebec: World Health Organization, 1996.

KLEWIN, G., TILLMANN, K.-J. & WEINGART, G. (2001). **Violence in schools**. In J. Hagan.(Ed.) *Handbook of research on violence*. Westview Press.

LA TAILLE, Y. **Dimensões psicológicas da violência**. *Revista Pátio*. Ano VI, n.21, p.21-23.2002.

LECKIE, B. (1997). **Girls, *Bullying* behaviours and peer relationships the double edged sword of exclusion and rejection**. Consultado através de <http://aare.edu.au/97pap/leckb284.htm> Acessado em 2008.

LEVASSEUR, Michael; KELVIN, Elizabeth; GROSSKOPF, Nicholas. **Intersecting identities and the association between *Bullying* and suicide attempt among new york city youths: results from the 2009 new york city youth risk behavior survey**. *American Journal of Public Health*, v. 103, n. 6, p. 1082-1089, 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23597376>>. Acesso em: 2014.

LOPES NETO, AA. ***Bullying* – Comportamento agressivo entre estudantes**. *J Pediatr (Rio J)*. 81(5 Suplo): S164-S172, 2005.

LOPES, J.J.M. Reminiscências na paisagem: vozes, discursos e materialidades na configuração das escolas na produção do espaço brasileiro. In: LOPES, J.J.M.; CLARETO, S.M.(org.). **Espaço e Educação: travessias e atravessamentos**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007, p. 73-98.

LOUIS, Kenneth et al. **Experiência e relato pessoal sobre pesquisa de cooperação internacional - Brasil, Bulgária e Turquia - que avalia as atitudes em relação à gagueira**. Pró-Fono, v. 17, n. 3, p. 413-16, 2005.

LYZNICKI, James; MCCAFFREE, Mary Anne; ROBINOWITZ, Carolyn. Childhood *Bullying*: implications for physicians. *American Family Physician*, v. 70, n. 9, p. 1723-1728, Nov. 2004. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15554490>>. Acesso em: 2014.

MASCARENHAS, S. A. N. **Ocorrência do *Bullying*/cyberbullying como desrespeito à diversidade e à cidadania no contexto universitário amazônico**. *EDUCAmazônia*, 8(1), 150-161, 2012.

MANZINI, Raquel Gomes Pinto. ***Bullying* no contexto escolar: Prevenção da violência e promoção da cultura da paz na perspectiva de adultos e crianças**. 2013. 198 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas Ed., 2002.

MARGITTAI KJ, MOSCARELLO R, ROSSI MF. **Forensic aspects of medical student abuse: a Canadian perspective**. *Bull Am Acad Psychiatry Law* [Internet]. 1996 ;24(3):377-85.

MÉNDEZ, Raquela Lucas Platero. **Maricon el último: docentes que actuamos ante el acoso escolar en el instituto**. *Revista D'Estudis De La Violència*, n. 3, 2007.

MÉNDEZ, Raquel Lucas Platero; CETO, Emilio Gómez. **Herramientas para combatir el *Bullying* homofóbico**. Madrid: Talasa, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996, 662p. (Coleção Trópicos).

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MIRANDA, M. I. F.; OLIVEIRA, T. R.; BARRETO, P. D. T.; FERRIANI M. G. C.; SANTOS, M. A. M.; NETO, D. L. **Conduta de acadêmicos de uma universidade da região amazônica frente ao *Bullying***. *Enfermagem em Foco*. 2012;3(3):114-8.

MORITA, Y.; SOEDA, H.; SOEDA, K.; TAKI, M. Japan. In P. K. Smith, Y. Morita, Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, P. Slee (Eds.), **The nature of school *Bullying* – a cross-national perspective**. New York: Routledge, 1999.

NETO, Aramis LOPES e SAAVEDRA, Lucia Helena. **Diga não para o *Bullying* – programa de redução de comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro/RJ: ABRAPIA E PETROBRAS, 2003.

OLIVEIRA, J. M. **Indícios de casos de *Bullying* no Ensino Médio de Araraquara**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Centro Universitário de Araraquara – UNIARA. Araraquara-SP, 2007.

OLWEUS, D. ***Bullying at school***. – What we know and what we can do. Cambridge: Blackwell, 1993.

OLWEUS, D. SWEDEN. In P. K. SMITH, Y. MORITA, J. JUNGER-TAS, OLWEUS, D., CATALADO P. Slee (Eds.), **The nature of school *Bullying* – a cross-national perspective**. New York: Routledge., 1999

PAREDES O, SANABRIA-FERRAND P, GONZÁLEZ-QUEVEDO L, MORENO-REALPHE S. **“*Bullying*” en las facultades de medicina colombianas, mito o realidad**. *Rev Med*. 2010;18(49):161–72.

PATRICK, Donald et al. ***Bullying and quality of life in youths perceived as gay, lesbian, or bisexual in Washington state***, 2010. *American Journal of Public Health*, v. 103, n. 7, p. 1255-1261, July 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23678925>>. Acesso em: 2014.

PAULA, M. F. **A formação universitária no Brasil: concepções e influências**. Avaliação (Campinas). Sorocaba v. 14,n. 1,p. 71-84,Mar.2009.

PEREIRA, B. O. et al. ***Bullying in portuguese schools***. *School Psychology International*, v. 25, n. 2, p. 207-222, 2004.

PEREIRA, F. R. **O Drama da Hanseníase numa perspectiva territorial: por uma polifonia dos seus atores, em Governador Valadares, na década de 1980**. 2012. 1 v. Dissertação

(Mestrado) - Curso de Gestão Integrada do Território, Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, Governador Valadares, 2012.

PEGUERO, Anthony. ***Bullying victimization and extracurricular activity***. Journal of School Violence, v. 7, n. 3, p. 71-85, 2008.

PIERCE, K. A. COHEN, R. (1995) **Aggressors and their victims toward a contextual framework for understanding children's aggressor-victim relationships**. Developmental Review, 15. 192-310.

PIMENTA, André Cardoso. ***Bullying: a responsabilidade civil das instituições de ensino***. 2011. 57 f. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2011.

PINHEIRO, M. E. (2007). **A primeira entrevista em Psicoterapia**. Revista IGT na Rede. v.4, n.7, p.136-15

PINHEIRO, F. M. F., & WILLIAMS, L. C. A. (2009). **Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental**. Caderno de Pesquisa, 39(138), 995-1018.

RAFFESTIN, C. ***Por uma geografia do poder***. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAIMUNDO, Raquela; SEIXAS, Sónia. **Comportamentos de *Bullying* no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa**. Interações, n. 13, p. 164-86, 2009.

RAMÍREZ, F. **Condutas agressivas na idade escolar**. Amadora: McGraw Hill. 2001.

RATZEL, F., **Geografia do homem (Antropogeografia)**. In: MORAES, A. C., Ratzel, São Paulo, Ática, 1990. p.32-107.

RATZEL, F., **As leis do crescimento espacial dos estados**. In: MORAES, A. C., Ratzel, São Paulo, Ática, 1990a. p.175-192.

REGO, T.C.R. (1996). **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana**. In J. G. Aquino (Ed.). Indisciplina na escola – alternativas teóricas e práticas (pp. 83-101). São Paulo. Summus.

RIGBY, K. Consequences of *Bullying* in schools. **The Canadian Journal of Psychiatry / La Revue Canadienne de Psychiatrie**, 48 (9), 583-590, 2003.

RIOS, Olga Lúcia Hoyos De Los; MARTÍNEZ, Marina Llanos; MACKENZIE, Sandra Johana Valega. **El maltrato entre iguales por abuso de poder en el contexto universitario: incidencia, manifestaciones y estrategias de solución.** Univ. psychol. Bogotá, Colombia, v. 11, n. 3, p. 793-802, nov./dez. 2011.

RIVERS, Ian. **Recollections of *Bullying* at school and their long-term implications for lesbians, gay men, and bisexuals.** Hogrefe & Huber Publishers, v. 25, n. 4, p. 169-75, 2004.

ROBERTS, W. & MOROTTI, A. **The bully as victim: understanding bully behaviors to increase the effectiveness of interventions in the bully-victim dyad.** *Professional School Counseling*, 4 (2), 148-155, 2000.

ROLIM, Marcos. ***Bullying: O pesadelo da escola. Um estudo de caso e notas sobre o que fazer.*** 2008. 174 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ROSÁRIO, Ângela Buciano do; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica.** Barbacena: Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais – Eduemg. 168 p; 2011.

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. **Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa**”. Veredas, V. 7, N. 1-2, 2003. Trad. de SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERS ON, Gail. **A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation.** *Language*, V. 50, 1974.

SACKS, Harvey. **Lectures on Conversation.** Cambridge: Blackwell, 1992.

SAMPIERI, R. H., COLLADO, C. F., LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa.** 3 ed. São Paulo: Editora Mc Graw-Hill, 2006.

SANTOS, S. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica.** *Jornal de Pediatria*, v. 75, p. 401-406, 1999.

SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. et al. 2000. **O papel ativo da Geografia: um manifesto**. Florianópolis: XII Encontro Nacional de Geógrafos.

SANTOS, M. **Economia espacial**. SP: EDUSP, 2003 (1979).

SANTOS, Michele Cristina. **Bullying um fenômeno novo ou um fenômeno com novo nome?** 2008. 84 f. TCC (Graduação) Faculdade de Educação, Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções sobre o território**. 3º ed. São Paulo: Expresso Popular, 2013.

SEIXAS, S. R..P. M. M.. **Comportamentos de Bullying entre pares. Bem estar e ajustamento escolar**. 2006. 339 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal, 2006.

SILVA, M.R. **Teoria curricular e teoria crítica da sociedade: elementos para (re)pensar a escola**. In: Inter Meio. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 14, n. 28, p. 80-91, jul.-dez./2008.

SILVA, A. C. B.; MORGADO, M. A. **Bullying no ensino superior: existe?**. Revista de Iniciação Científica da FFC, 11(3). (2011).

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Trad. Magda França Lopes. Por Alegre: Artmed, 2009.

SIQUEIRA, S. **O trabalho e a pesquisa científica na construção do conhecimento**. Governador Valadares: Univale, 2002. 178 p.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano** (Vol. 10). São Paulo: Martins Fontes. 2003.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix, 2006.

SMITH, Peter; SHARP, Sonia. **School Bullying: insights and perspectives**. London: New York: Routledge, 1994.

SOUZA, M. et al. 2000. **O papel ativo da Geografia: um manifesto**. Florianópolis :XII Encontro Nacional de Geógrafos.

SOUZA, M.J.L. **O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento**. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina. **Avaliação de um Programa Preventivo de Violência Escolar: Planejamento, Implantação e Eficácia**. 2012. 194 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

STELKO-PEREIRA, A.C. SANTINI. P.M. WILLIAMNS, L.C De A. (2011) **Punição corporal aplicada por funcionários de duas escolas públicas brasileiras: prevalence in two public schools**. *Psicologia em Estudo*. 16 (4), 581-591.

STRAUSS, Richard; POLLACK, Harold. **Social marginalization of overweight children**. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, v. 157, p. 746-775, 2003.

TAVARES, J. **Brincadeira nada inocente: *Bullying* ou assédio moral infantil pode passar despercebido por pais e professores**. *Revista Espaço Aberto*. nº 49, 2004.

TEIXEIRA, G. **Manual anti*Bullying* para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro. Bestseller.2011.

THEÓPHILO, R Disponível em: www.psicologia.org.br/internacional/ap.38.htm. Acessado em 2005.

TOGNETTA, L.R.P. **Violência na escola: os sinais de *Bullying* e o olhar necessário aos sentimentos**. In: PONTES, A.; DE LIMA, V.S. (Org). *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Zouk, 2005 a, p. 11-32.

TRINDADE, H. **Saber e poder: os dilemas da universidade brasileira**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 122-133, Dec. 2000.

VERGEL, M.; MARTINEZ, J. & ZAFRA, S. (2016). **Factores asociados al *Bullying* em instituciones de educación superior**. *Revista Criminalidad*, 58 (2): 197-208.

VILLAÇA, F. M.; PALÁCIOS, M. **Concepções sobre Assédio Moral: *Bullying* e Trote em uma Escola Médica.** *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 34, n. 4, 2010.

WATSON, M. W. et al. **Patterns of risk factors leading to victimization and aggression in children and adolescents.** In: KENDALL-TACKETT, K. A.; GIACOMINI, S. M. (eds.) *Child victimization*. Kingston: Civic Research Institute, 2005. p.1-23.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WEINHOLD, B. ***Bullying* and school violence: the tip of the iceberg.** *Teacher Educator*, 35 (3), 28-33, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority.** Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/SPI.POA.2).

YAZIGI. **Dictionary.** Oxford University Press, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Identificação do Responsável pela execução da pesquisa:

Título: <i>Bullying no Território Universitário</i>
Pesquisador Responsável: Thatiane de Almeida Carvalhais
Contato com o pesquisador responsável: (33) 99118-02984
Comitê de Ética em Pesquisa Rua Israel Pinheiro, 2000 – Campus Universitário – Tel.: 3279 5575

2. Identificação do Responsável pela execução da pesquisa:

1) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: ***Bullying no Território Universitário***. Essa pesquisa terá como objetivo geral de descrever as percepções dos alunos universitários acerca do fenômeno *Bullying*.

2) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações que informam sobre o procedimento:

2.1 Ao participar deste estudo lhe será solicitado algumas informações básicas, e que responda a algumas perguntas feitas por meio de entrevista gravada sobre concepções e algumas situações vivenciadas na universidade. É previsto um único contato que deve durar no máximo 30 minutos.

2.2 Durante sua participação, você poderá recusar responder a qualquer pergunta que por ventura lhe causar algum constrangimento. Você poderá se recusar a participar da pesquisa ou poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. No entanto, pedimos sua colaboração em responder toda a entrevista, garantindo assim o melhor resultado para este estudo.

2.3 A sua participação na pesquisa será como voluntário, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe serão garantidos todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico; Serão garantidos o sigilo e privacidade, assegurando-lhe o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo.

2.4 Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. No procedimento que será utilizado, não há riscos à sua dignidade.

2.5 Preveem-se como benefícios que a realização dessa pesquisa traga importantes informações sobre *Bullying* no território universitário. Este será um estudo inicial, sendo assim dará margens

para que no futuro possam haver outros estudos no mesmo segmento, com isso as informações obtidas poderão ser usadas em benefício de outros jovens. Permitirá ainda conhecer possíveis práticas existentes na universidade em que o estudo será conduzido, podendo levar ao interesse no aprofundamento de estudos que permitam conduzir ações preventivas.

2.6 Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes, as entrevistas serão identificadas com um código ou medidas gerais baseadas nas respostas individuais. Os resultados obtidos com esta pesquisa serão divulgados em congressos, eventos e publicações científicas.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento preenchendo a declaração abaixo.

DECLARAÇÃO

Declaro estar ciente do inteiro teor do Termo de Consentimento para participação no estudo intitulado “*Bullying* no Território Universitário” decidindo-me a participar da investigação proposta e ciente de que poderei me afastar deste estudo sem que isso acarrete inconvenientes. Não serei beneficiado financeiramente, nem com nenhum serviço prestado pelos pesquisadores ou a equipe. Portanto concordo em participar e assino abaixo em duas vias.

Governador Valadares, ____ de ____ de 2015.

Assinatura do Voluntário

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS:

Dra. Maria Cecília Pinto Diniz – Pedagoga
Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos
Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE

Thatiane de Almeida Carvalhais – Psicóloga, Mestranda GIT
Mestranda do Programa de pós-graduação em Gestão Integrada de Territórios
Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos
Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE

ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Bullying no território universitário

Pesquisador: Thatiane de Almeida Carvalhais

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 45749415.9.0000.5157

Instituição Proponente: Fundação Percival Farquhar/ FPF

Patrocinador Principal: Fundação Percival Farquhar/ FPF

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.111.280

Data da Relatoria: 15/06/2015

Apresentação do Projeto:

Satisfatória.

O projeto trata do Bullying no território universitário.

O trabalho começa definindo a origem da palavra Bullying e conceituando os diferentes tipos de comportamentos (bater, empurrar, sacudir) e formas de agressão (física, verbal, relacional, entre outras) envolvidas no processo. Faz uma distinção entre Bullying e comportamentos similares, além de apresentar um breve histórico de estudos sobre o tema em âmbito escolar e no território universitário.

Justifica o tema ao salientar que os estudos acerca do tema Bullying nas universidades ainda são escassos e é fundamental que recebam destaque para que haja maior entendimento do contexto desse fenômeno mundial. Assim, percebe-se a relevância deste estudo, já que na área científica ainda há pouquíssima informação a respeito do fenômeno Bullying no Ensino Superior.

O projeto apresentado ao CEP apresenta clareza e demonstra através de sua justificativa e tema, a importância da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Satisfatório.

Os objetivos da pesquisa são coerentes e possíveis de serem alcançados.

O presente trabalho tem como objetivo descrever as percepções dos alunos universitários acerca

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000 - BI F1 - Sala 02

Bairro: Universitário

CEP: 35.020-220

UF: MG

Município: GOVERNADOR VALADARES

Telefone: (11)1111-1111

Fax: (33)3279-5543

E-mail: cep@univale.br

Continuação do Parecer: 1.111.280

do fenômeno Bullying.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Satisfatória. O projeto prevê os riscos e benefícios oriundos da pesquisa.

Os desconfortos e os riscos que eventualmente venham a ocorrer, são de ordem subjetiva, pois no momento da entrevista pode acontecer de o estudante lembrar-se de situações e fatos desagradáveis. Diante dessa situação o entrevistado terá a liberdade de suspender a entrevista, remarcar para outro momento, e até mesmo, caso queira, lhe será garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem quaisquer tipos de prejuízo ao indivíduo.

Não há benefício direto para o participantes deste estudo. Contudo, esses colaborarão com: a) a compreensão do fenômeno pelos estudantes na universidade; b) construção coletiva de estratégias e ações para resolução de tais problemas da instituição; c) enquanto estudo inicial, dará margens para que no futuro possam haver outros estudos no mesmo segmento, proporcionando benefícios a outros jovens.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Nada a declarar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Satisfatório.

A FOLHA DE ROSTO encontra-se devidamente preenchida e assinada pelo pesquisador responsável e pela instituição proponente.

O TCLE está presente e o mesmo foi escrito em linguagem acessível e esclarece a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa. Além disso contempla os possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, além dos benefícios esperados dessa participação e apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar algum desconforto.

O termo ainda dá ao participante a plena liberdade de recusar-se a responder a qualquer pergunta que ele considere que o incomode, ou se recusar a participar da pesquisa ou poderá abandonar o

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000 - BI F1 - Sala 02
Bairro: Universitário **CEP:** 35.020-220
UF: MG **Município:** GOVERNADOR VALADARES
Telefone: (11)1111-1111 **Fax:** (33)3279-5543 **E-mail:** cep@univale.br

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



Continuação do Parecer: 1.111.280

procedimento em qualquer momento, sem penalização alguma e garante a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa.

Recomendações:

No TCLE, o item 2.2 retrata os riscos e desconfortos, bem como dá ao participante a plena liberdade para se recusar a participar da pesquisa ou abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Entretanto, apresenta a seguinte frase:

No entanto, pedimos sua colaboração em responder todas as perguntas, garantindo assim o melhor resultado para este estudo.

A frase usa-se de um argumento para tentar convencer o participante a continuar a pesquisa, sem levar em conta, talvez, a sua liberdade de expressão.

Na carta de Autorização Solicitação de Dados UNIVALE, fez-se referência à Resolução 196/96, que foi substituída pela resolução 466/2012. Substituir pela normatização atual. Recomenda-se que os tópicos apresentados sejam corrigidos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto é muito bem escrito e rico em bibliografia. Os objetivos e a metodologia são bem definidos, além de delimitar o grupo de estudo. Riscos e benefícios estão previstos, além dos termos necessários para a realização da pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP, em reunião ordinária, acompanhou o parecer do relator e decidiu que o parecer do projeto

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000 - Bl F1 - Sala 02
Bairro: Universitário **CEP:** 35.020-220
UF: MG **Município:** GOVERNADOR VALADARES
Telefone: (11)1111-1111 **Fax:** (33)3279-5543 **E-mail:** cep@univale.br

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



Continuação do Parecer: 1.111.280

avaliado é aprovado.

GOVERNADOR VALADARES, 17 de Junho de 2015

Assinado por:
Ivana Cristina Ferreira Santos
(Coordenador)

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000 - BI F1 - Sala 02

Bairro: Universitário

CEP: 35.020-220

UF: MG

Município: GOVERNADOR VALADARES

Telefone: (11)1111-1111

Fax: (33)3279-5543

E-mail: cep@univale.br

